U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Um Balneário nas Margens do Douro:
Intervenção nas Termas das Caldas do Moledo

Pedro Daniel Mimoso Oliveira

M

2021

U.PORTO

Pedro Daniel Mimoso Oliveira. Um balneário nas Margens do Douro: Intervenção nas Termas das Caldas do Moledo

Um balneário nas Margens do Douro: Intervenção nas Termas das Caldas do Moledo
Pedro Daniel Mimoso Oliveira

M.FAUP 2021

FACULDADE DE ARQUITETURA

UM BALNEÁRIO NAS MARGENS DO DOURO

Intervenção nas termas das Caldas do Moledo

Pedro Daniel Mimoso Oliveira

Orientação: Professor Doutor António Luís Pereira Silva Neves

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
2020/2021

O presente documento encontra-se escrito em português e segue Acordo Ortográfico de 1990. As citações em português serão transcritas conforme o Acordo Ortográfico adotado na respetiva edição. Todos os desenhos que, por uma questão de formatação, não apresentem a fonte foram realizados pela autora.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo o esforço e sacrifício que fizeram para que eu me mantivesse na faculdade.

À minha namorada por ter estado sempre ao meu lado.

Aos meus familiares.

Aos meus padrinhos.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico.

Ao meu orientador que me acompanhou ao longo destes 2 anos.

A todos os meus amigos que fiz na faculdade e aos que me apoiaram ao longo destes anos.

RESUMO

A água sempre foi um elemento de usufruto físico e benefício espiritual por parte do ser humano. Desde muito cedo que a água é um bem essencial e faz parte de muitas das atividades que o Homem realiza no seu dia-a-dia.

A descoberta de propriedades medicinais nas águas provenientes de fontes termais vem despoletar um novo uso para este elemento natural, os banhos. A partir daqui, a cultura termal europeia foi-se desenvolvendo ao longo do tempo, desde a altura em que os banhos eram feitos em poças cavadas no solo dos lugares até ao momento em que a água conquista um espaço físico na sociedade, expresso através de vários estabelecimentos termais.

Portugal acompanha este surgimento termal e aparecem edifícios de grande imponência a nível nacional, nomeadamente o primeiro hospital termal do mundo, o hospital das Caldas da Rainha. As termas das Caldas do Moledo, apesar de não provocarem o mesmo impacto que o estabelecimento anterior, foram uma estância termal de renome nacional, principalmente pela diversidade e qualidade das suas fontes termais e pela grande quantidade de enfermidades às quais estas podiam ser aplicadas.

A intervenção nas termas das Caldas passou pela eleição de um edifício de entre os que compõem a estância e por uma proposta da respetiva renovação e adaptação à realidade atual. A escolha recaiu sobre o balneário com o programa principal de todo o conjunto e aquele que se julga ter mais impacto em todo o parque termal, as Piscinas do Rio. A intervenção procurou preservar o espírito do edifício e executar algo que já é pretendido, não só por parte das entidades municipais, mas também de toda a população do concelho do Peso da Régua, trazer de volta este espaço que tantos doentes tratou no passado e, ao mesmo tempo, incentivar ao investimento no restante parque e edifícios históricos do Moledo que possuem qualidades singulares em todo o concelho.

ABSTRACT

Water has always been an element of physical enjoyment and spiritual benefit for human beings. From very early on, water has been an essential good and is part of many of the activities humans perform in their daily life.

The discovery of medicinal properties in the waters coming from thermal springs triggered a new use for this natural element, the baths. From this point on, European thermal culture developed over time, from the time when baths were taken in pools dug in the ground, to the time when water conquered a physical space in society, expressed through various thermal establishments.

Portugal follows this thermal enthusiasm and buildings of great grandeur appear on a national level, namely the first thermal hospital in the world, the hospital of Caldas da Rainha. The spas of Caldas do Moledo, despite not representing the same impact as the previous establishment, was a spa of national renown, mainly for the diversity and quality of its thermal springs and the large number of diseases to which they could be applied.

The intervention in the Caldas hot springs was to choose a building among those that make up the resort and proceed to its renovation and adaptation to the current reality. The choice fell on the bathhouse with the main program of the whole and the one that is believed to have more impact on the entire thermal park, the Piscinas do Rio. The intervention sought to preserve the spirit of the establishment and achieve what is already intended, not only by municipal entities, but also by the entire population of Peso da Régua, bring back this space that treated so many patients in the past and, at the same time, encourage investment in the remaining park and historic buildings of Moledo that have unique qualities throughout the county.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 17

Objeto 17

Objetivo e Estrutura 18

ÁGUAS MEDICINAIS 23

A Conquista de um Espaço Físico 27

Entusiasmo e Progresso Termal 34

A Cultura Termal Em Portugal 44

MOLEDO 59

Caldas de Moledo, Contexto Histórico e Geográfico 63

Enquadramento, Caracterização e Evolução do Espaço 70

Análise e Desenvolvimento do Edifício das Piscinas 82

PROJETO 95

Planeamento e Estratégia 99

Configuração do Programa e do Espaço 106

Materiais e Referências 120

CONSIDERAÇÕES FINAIS 137

REFERÊNCIAS 144

REFERÊNCIAS DE FIGURAS 147

ANEXOS 153



INTRODUÇÃO

A proximidade que tenho com a região do Douro provocou uma crescente intimidade com este lugar ao longo dos anos. Nasci no douro. Cresci no Douro. Vivo no Douro. Desta forma a vontade deste lugar fazer parte do projeto que conclui uma das fases mais importantes da minha vida era muita.

A partir daqui, o que talvez pensava que seria um problema, a escolha de um tema pertinente e, ao mesmo tempo, entusiasmante para trabalhar, não me levantou grandes dúvidas. As Caldas do Moledo surgiram naturalmente por ser um lugar que me diz bastante, apesar de nunca ter frequentado os balneários termais. Era frequente, principalmente aos fins-de-semana na época de mais calor, eu e a minha família irmos ao parque do Moledo disfrutar das qualidades únicas que tem em todo o concelho, as árvores, o rio, a sombra, a frescura, o cheiro a natureza e, em idades menos avançadas, os parques e campos infantis.

Hoje este lugar está irreconhecível, nada funciona, o parque encontra-se deserto, os campos destruídos e os balneários abandonados. Foi assim que surgiu o desejo de tentar fazer com que este lugar ganhasse a vida que outrora teve, incentivar ao investimento, à reabilitação de edifícios emblemáticos que sao singulares em todo o concelho e trazer as pessoas de volta.

OBJETO

A intervenção nas Caldas do Moledo tinha que ser seletiva e estratégica e assim sendo a escolha recaiu em reabilitar o balneário das Piscinas do Rio, não só por ser um edifício com possibilidades para se desenvolver individualmente, mas também porque já era conhecido o desejo deste projeto pela Câmara Municipal do Peso da Régua. Desta forma a aproximação à realidade foi um aspeto tido em consideração, para que o projeto

fosse o mais realista possível a nível económico e para que o tempo de conclusão fosse num curto/medio prazo.

A reabilitação do balneário requer, igualmente, um tratamento do seu espaço exterior mais próximo, envolvente que foi idealizada de modo a conviver harmonicamente com o resto do parque através da partilha de vários elementos em comum e pensada de maneira a aproximar mais o balneário do rio, aproveitando este recurso singular tão vantajoso.

OBJETIVO E ESTRUTURA

O desejo do projeto vai mais longe do que apenas reativar o balneário para os doentes. Para além disso, esta intervenção tem em vista trazer a vida que o Moledo já teve, lugar que era de paragem obrigatória para quem fazia o percurso entre a Régua e o Porto e para quem vinha ao norte. A oferta era enorme, desde casino, hotéis, transportes, comércio, até às próprias termas, o objetivo é que pouco a pouco esta alegria volte ao Moledo e esta intervenção é o primeiro passo.

O corpo do trabalho encontra-se dividido em 3 capítulos. O primeiro procura compreender o funcionamento e estrutura dos edifícios termais. Sendo assim este faz uma referência ao começo dos banhos e aos primeiros estabelecimentos termais europeus. O contexto termal português também foi estudado de modo a sustentar alguns conhecimentos necessários para a elaboração do projeto. Com a mesma finalidade, foi indispensável estudar o lugar onde as Piscinas do Rio estão inseridas e assim surge o segundo capítulo que faz uma aproximação à história do Moledo, à evolução do espaço e culmina no estudo do edifício pré-existente em questão.

Por fim, o último capítulo fecha o trabalho, capitulo onde o leitor entra com a perspetiva do utente no edifício e fica a conhecer o novo espaço desenhado, interior e exterior. Narrativa acompanhada com os desenhos elaborados para o projeto para uma melhor compreensão do programa e dos espaços criados.

ÁGUAS MEDICINAIS



"O aproveitamento da água para efeitos medicinais e a sua exploração económica, através dos tempos, têm sido factores importantes de desenvolvimento das estâncias termais e de afirmação e perenidade da Cultura Termal Europeia. Emergente das entranhas da Terra, a água é o primeiro e poderoso alimento do imaginário, do princípio de tudo, matéria vital para a sobrevivência da Humanidade, pelo que a sua preservação, vem como a de outros recursos naturais, e a tomada de prevenções que afectam a ordem do assentamento têm sido aspectos importantes para a sustentabilidade de uma actividade milenar."

Jorge Mangorrinha, Helena Pinto, 2009

ÁGUAS MEDICINAIS

A CONQUISTA DE UM ESPAÇO FÍSICO

A água sempre desempenhou um papel fundamental em todos os momentos da história. Com os tempos, à medida que se foram descobrindo novas potencialidades da mesma, a sua utilização foi evoluindo e crescendo em diversidade. Desde um bem indispensável para a sobrevivência humana, passando por questões higiénicas e sanitárias até fins medicinais e de lazer, esta está presente em muitas das ações que desempenhamos no nosso dia-a-dia.

Desde muito cedo na história que o exercício do banho está associada a práticas religiosas, já que a água era vista como um elemento de purificação e de cura. O banho era utilizado em várias religiões em momentos determinantes da vida humana, como é o caso do batismo na religião cristã. Esta vertente espiritual e medicinal da água acabou por se refletir nas águas provenientes de fontes termominerais devido às suas características terapêuticas.

A utilização da água para fins medicinais estabeleceu-se com alguma relevância na Europa, como se pode compreender através das principais referências de estâncias e cidades termais a nível internacional. Esta tradição dos banhos tem início na Antiguidade Clássica aquando do primeiro contacto do Homem com a água com o fim de obter a cura e prevenção de certas doenças e algum mal-estar associado. Esta utilização da água e a sua exploração económica foi fundamental para a evolução da cultura termal europeia, que ao longo das civilizações foi-se refletindo em diferentes espaços com níveis diferentes de relevância na sociedade em que se situavam[1].

Inicialmente os banhos tinham um carácter maioritariamente público e surgem na Grécia Antiga no século VI a.C. onde o cuidado e o culto do corpo sempre foi

[1] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.18

característico. Os gregos utilizavam esta prática não só para fins higiénicos, como também para fins de lazer, de convívio, descontração social, debates e prática de atividade física, nomeadamente as conhecidas lutas. Nesta altura estes espaços situavam-se no exterior, foi só mais tarde que a melhoria destes lugares passou pela integração destas atividades em instalações interiores equipados com piscinas comuns para o efeito. Aqui alternava-se entre a água quente e fria, sendo que os banhos frios estavam associados principalmente aos exercícios dos soldados e práticas desportivas, devido à ligação com a recuperação muscular, a rigidez e robustez que proporcionava aos corpos. Já os banhos quentes eram utilizados sobretudo pelos filósofos e pensadores que participavam nos debates[2].

Apesar de terem sido os Gregos os responsáveis pelo aparecimento do gosto pelo banho público, os Romanos também nutriam o mesmo interesse. Estes começam a interessar-se pelos banhos devido à preocupação pela saúde, virtude e boa forma física, banhando-se inicialmente em águas correntes frias. Mais tarde o envelhecimento convidava-os a procurar as águas com temperaturas mais elevadas nas *balnae*[3]. Os Romanos seguem então o exemplo grego banhando-se em águas a diferentes temperaturas desde o frio ao quente, mas foi apenas no ano 19 a.C. que, sob o domínio do imperador Agripa, elevaram estes espaços para outros patamares inaugurando um novo período no que diz respeito aos banhos públicos, o período das *thermae*[4], em português termas[5].

"*O edifício central era constituído por uma área circular, à volta da qual se distribuíam salas destinadas a diferentes funções. Este modelo, que também seria influenciado por novos conhecimentos e novas práticas relacionadas com os contactos com o Oriente, foi evoluindo e chegou a novos locais: Baies (Itália, Spa (Bélgica), Baden-Baden (Alemanha).*"[6]

[2] Ramos, A. R. (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística.* Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. P.23 e P.24

[3] Aparecem antes das termas, as balnae eram espaços públicos ou privados com serviços pagos mais modestos que as termas

[4] Thermae – Palavra proveniente do grego que significa calor

[5] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.18

[6] Idem. Ibidem. P.18

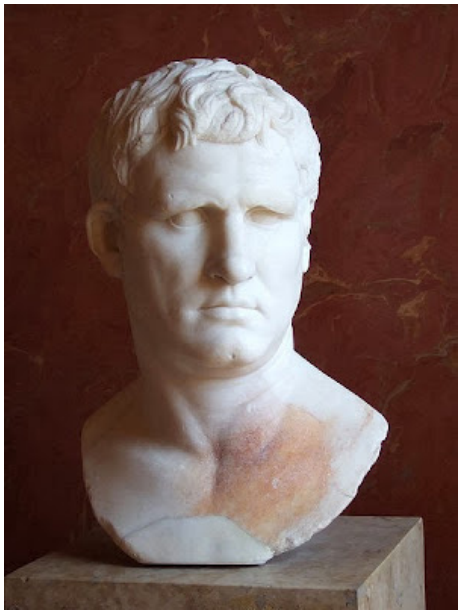






Figura 1- Imperador Agripa.
Figura 2- Pintura do artista russo Fyodor Bronnikov referente ao ambiente dos banhos públicos.
Figura 3- Ilustração de uma *thermae* romana.

A partir do século XIV começam a surgir em diversas partes da Europa exemplos de estâncias termais com bastante relevância no contexto europeu e que despoletaram a cultura termal europeia. Estes espaços começam a integrar novas funções para além dos banhos e por isso oferecem cada vez mais serviços aos aquistas, passando de pequenos edifícios mais comuns a construções mais imponentes e impactantes na sua envolvente. A título de exemplo temos o caso de Baldrich em Baden-Baden na Alemanha, quando em 1460 surge uma hospedaria pioneira no uso de águas medicinais ou também o caso do hospital termal das Caldas da Rainha, de 1485, considerado o primeiro hospital do mundo a integrar as águas termais nos tratamentos dos seus doentes[7].

Nesta altura os estabelecimentos termais seguem dois trilhos destintos, enquanto uns seguem o caminho da monumentalidade e ornamentação, outros, mais "tímidos", limitam-se a *buvettes*[8] e pequenos quiosques[9].

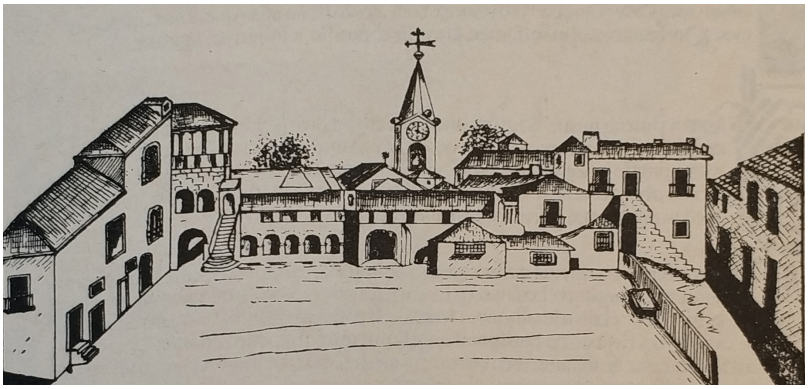
A tipologia destes edifícios e o seu programa acompanham a evolução da arquitetura e são o reflexo do entendimento dos percursos, simbologias e espírito que estavam inerentes à arquitetura termal das várias épocas, sendo que o programa também respondia aos serviços que o lugar onde estão inseridos pretendia. Para além destas questões, os edifícios termais foram evoluindo de acordo com o desenvolvimento tecnológico da medicina termal, bem como ao aumento das premissas higiénicas.

Após estes primeiros anos de entusiasmo e investimento no termalismo, a arquitetura termal sofre períodos de estagnação, principalmente devido à oposição da Igreja. Com a difusão do Cristianismo a religião começa a ganhar cada vez mais poder e influência na Europa. Ao tomar uma posição de protesto contra este tipo de edifícios, os estabelecimentos termais entram em decadência, já que a espiritualidade e o ambiente no exercício do banho era mal vista aos olhos da mesma. Para além disto a nudez

[7] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.18

[8] Pequenos cafés ou bares no exterior ou interior dos balneários associados, muitas vezes, a galerias. Exemplo mais destacado é do arquiteto Heinrich Hubsch em Baden-Baden, 1840

[9] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.19



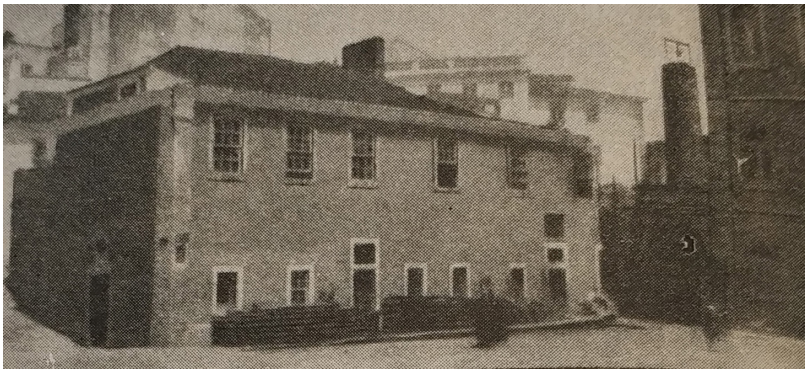






Figura 4 - Esquema do hospital termal das Caldas da Rainha.
Figura 5 - Fotografia antiga do edifício.
Figura 6 - Fotografia atual do conjunto.
Figura 7 - Sala de banhos.

inerente aos banhos era vista como uma afronta, especialmente quando praticada pelos dois sexos em comunhão[10].

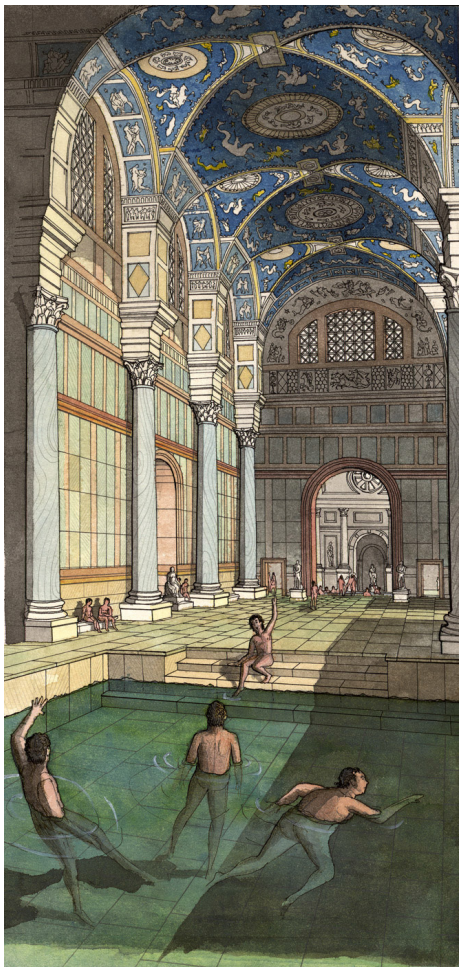
Numa tentativa de respeitar os costumes e ideais da Igreja e de preservar o seu bom funcionamento alguns balneários adotam medidas para continuarem no ativo, um bom exemplo foi a divisão das piscinas em duas alas separadas de acordo com o sexo feminino e masculino. Embora este e outros esforços por parte das entidades responsáveis pelos balneários termais, muitos destes foram destruídos, outros foram reapropriados pelos elementos da Igreja, nomeadamente os mosteiros, que conservam as fontes medicinais e as incorporam nos seus próprios cultos. Os balneários que conseguiram resistir a esta intervenção da igreja e continuaram a ter a adesão dos aquistas, foram aquelas que assumiram uma posição mais discreta no território[11].

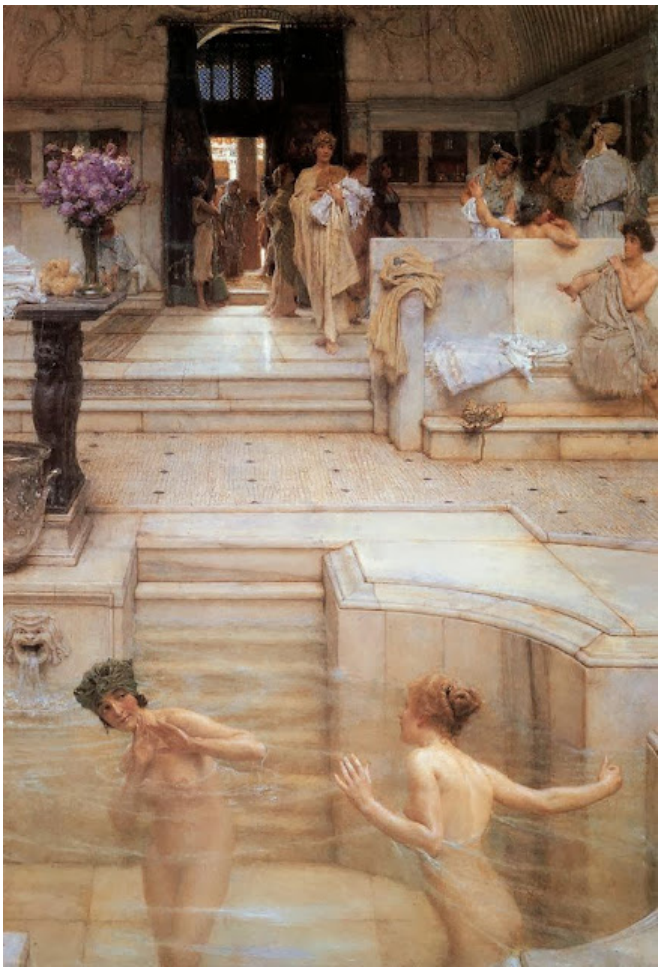
Esta posição que a Igreja toma em relação às águas medicinais e a sua utilização nos balneários termais mostra-se bastante controversa porque de início esta entidade via as práticas termais de forma desrespeitosa para com os valores do Cristianismo e da Igreja, mas por fim acaba por se apropriar destas fontes e tirar partido dos seus bens terapêuticos. Esta atitude juntamente com avanços na tecnologia médica e termal vão tornando, inevitavelmente, o poder que a Igreja exercia mais enfraquecido e deixa o caminho aberto para uma renascença termal na Europa.

[10]Ramos, A. R. (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística.* Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. P.37

[11]*"Los Hammanes de la Península asi como las Termas Romanas, han corrido peor suerte casi todas ya que en la Edad Media, los Cristianos, cuya poca afición al aseo es de todos conocida, demolieron la mayoria de los Baños o bien los cambiaron de uso modificando su estrutura".* Navarro, J. I. (1992) *Arquitectura termal, poetica y practica*. Jornadas de aguas minerales y minero medicinales en España. P.13-5

Figuras 8 e 9 - Nudez inerente à prática do banho masculino e feminimo.
Pinturas de Jean-Claud Golvi e Lawrence Alma-Tadema, respetivamente





ENTUSIASMO E PROGRESSO TERMAL

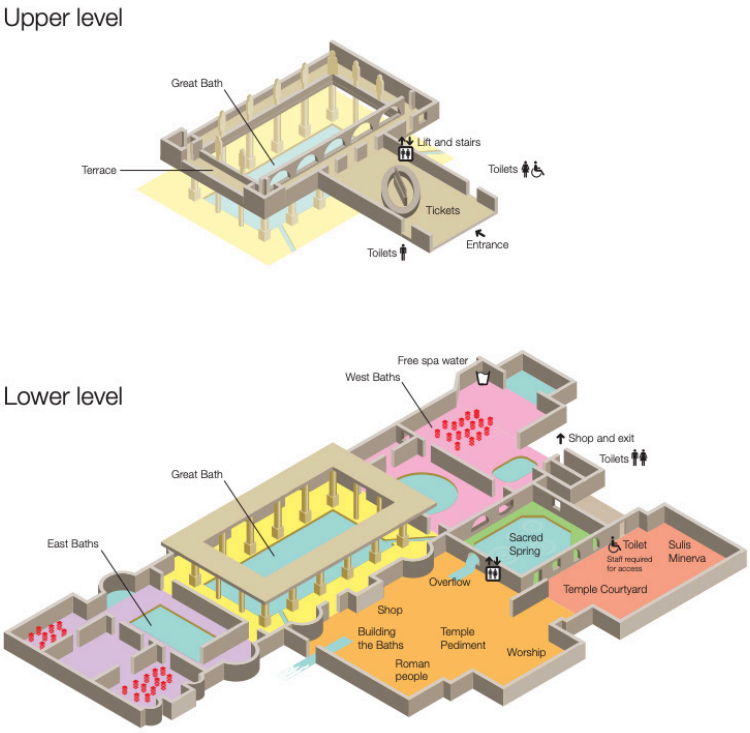
"Nos séculos XVIII e XIX, quando o saber científico se declara e as sociedades descobrem novos territórios de culto, as termas europeias adquirem uma importância distinta e constroem-se edifícios que dão corpo a uma lógica funcional e diversidade estética, mas também a uma procura cada vez mais exigente em diversos outros locais de diferentes países…"[12]

Este período de inércia do termalismo europeu tem fim em meados do século XVIII. Nos séculos, XVIII e XIX, as estâncias termais passam por tempos de grande prosperidade. Nesta altura a exigência dos aquistas em relação às condições dos edifícios termais e à qualidade dos tratamentos medicinais levam a que estes procurem uma identidade própria[13]. Assim nascem edifícios, estâncias e cidades termais em vários países distintos e cada vez mais imponentes na Europa, sendo que apesar de cada uma ter as suas particularidades, "seguiam *os modelos de Baden-Baden e Wiesbaden, na Alemanha, mas também de Bath, Cheltenham, Malvern e Tunbridge Wells, na Inglaterra"*[14].

Para além do enriquecimento dos edifícios, as suas envolventes também acompanharam este progresso, surgem assim grandes espaços de comunicação entre as construções das estâncias, nomeadamente galerias e parques apoiados com equipamentos públicos como fontes e chafarizes de água, estátuas, bancos e quiosques. Para além do exterior dos balneários, as ofertas de serviços também começam a ser mais vastas e vão para além das questões terapêuticas, os aquistas podem agora contar com atividades lúdicas nas diversas salas que surgem, como é o caso das salas de jogo, alojamento salões de festas e teatros, nascem assim verdadeiras cidades termais[15].

A cidade de Bath, em Inglaterra, foi uma das que renasceu, é nesta fase que esta se desenvolve em torno dos equipamentos termais. O projeto urbanístico da cidade oferece edifícios residenciais de grande qualidade, novos quarteirões com ambientes

[12] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.19
[13] Navarro, J. I. (1992) *Arquitectura termal, poetica y practica*. Jornadas de aguas minerales y minero medicinales en España. P.13-5
[14] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.19
[15] Navarro, J. I. (1992) *Arquitectura termal, poetica y practica*. Jornadas de aguas minerales y minero medicinales en España. P.13-5





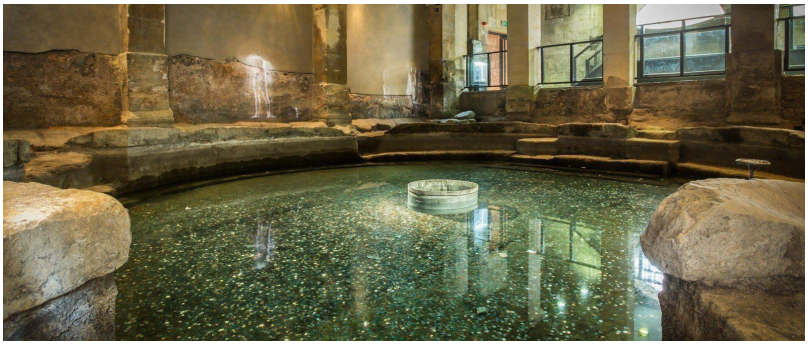


Figura 10 - Esquema do programa das termas de Bath
Figura 11 - Fotografia do estado atual do edifício
Figura 12 - Fotografia do interior das termas.

convidativos ao jogo e ao lazer bem como espaços públicos de convívio e passeio, nomeadamente alamedas e galerias. É com base no modelo de Bath que outras cidades termais se reconstroem, copiando ou adaptando os elementos urbanos que a estruturam[16].

Os equipamentos de lazer desempenham um papel fundamental na conceção das novas cidades termais onde, principalmente, os casinos representam um momento de fuga à vida quotidiana. Estas estâncias termais de mais proeminência expandiram os seus núcleos termais originais com o apoio destes espaços, elas passam a oferecer desde os referidos casinos com salas de jogo, cafés e restaurantes, até livrarias, lojas, salas de exposição, hospedarias, parques, galerias de passeio e jardins[17]. Já as estações termais mais modestas optaram por unir os esquipamentos de lazer, de estadia e de cura todos no mesmo edifício, uma solução mais económica comparativamente à opção de separar as várias atividades em construções distintas[18].

Na composição destas estâncias termais o espaço verde, para além de todos os equipamentos de lazer e cura, é um elemento que compõe e articula os espaços de todos os edifícios termais com a criação de relações interior/exterior e natural/humanizado. Esta inclusão da componente verde deve-se, sobretudo, ao entusiasmo termal britânico e francês durante o século XIX. Aqui a natureza desempenha um papel fundamental para todo o espírito e ambiente que se pretende associado a uma estância, onde o repouso e o "passeio" passam a ser atividades primordiais, sendo que este último chega mesmo a ser visto como parte da experiência curativa.

"Por sua vez, o elemento verde das estâncias termais é sempre a sua parte integrante e integradora. Nos parques, nos bosques e nas matas, o ambiente é caracterizado pela frescura, pelo aroma e pelos sons, aspectos importantes na recuperação dos aquistas, nos seus processos patológicos, mas também para o lazer ou a simples contemplação da Natureza."[19]

[16] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.19
[17] Idem. Ibidem. P.20
[18] Navarro, J. I. (1992) *Arquitectura termal, poetica y practica*. Jornadas de aguas minerales y minero medicinales en España. P.13-5 e P.13-6
[19] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.21







Figura 13 - Um primeiros casinos modelo associados a uma cidade termal, em Bad Kissingen, Alemanha.
Figura 14 - Imagem antiga do casino Baden na estância termal de Baden bei Wien, Austria.
Figura 15 - Casino Baden na cidade termal de Baden bei Wien, Austria.

O espaço verde nas estâncias termais surge sob diversas formas e vai se alterando à medida que o tempo passa. Os parques termais vão ganhando forma com referência a estilos como o paisagismo francês, caracterizado pelo domínio do homem sobre a natureza, onde as formas geométricas e a simetria estão bastante presentes, protagonizado por Jean-Jacques Rousseau; ou como o paisagismo inglês com grandes extensões planas, menos rígidas e mais artificiais devido à vasta diversidade de plantações, propagado essencialmente por Joseph Paxton, ou a paisagem pastoral, com grandes relvados, lagos e intensas massas de vegetação, que podemos associar ao trabalho de por Frederick Law Olmsted[20].

Estas características levam as estâncias termais para uma vertente, cada vez mais, lúdico e destinos de férias com atividades atraentes para os aquistas para além das experiencias curativas que foram a origem da maioria destes estabelecimentos.

O início do século XX é marcado pela continuação da prosperidade termal europeia quando se observa um crescente investimento de países como a Espanha e a República Checa. Do qual resulta a emergência de edifícios de grande valor arquitetónico. A título de exemplo temos um grupo de edifícios na República Checa, mais concretamente em Luhačovice, onde ainda hoje o balneário termal, bem como os pavilhões pertencentes à estância termal de Dušan Jurkovic de 1901, perduram e mostram-se marcantes para os aquistas e para o território[21].

Paralelamente a este desenvolvimento dos países com menos protagonismo na cultura termal europeia, as principais potências termais europeias, nomeadamente a Alemanha, França, Itália e Inglaterra, continuaram a fazer crescer as suas estâncias termais que evoluem, cada vez mais, em tecnologia e em programa. O caso de Baden-Baden mostra isso mesmo, nos princípios deste século, esta cidade afirma-se em definitivo como uma das mais importantes cidades termais europeias. Nesta altura Baden-Baden está com uma vida e uma afluência por parte dos aquistas como nunca antes tinha sentido e isso deve-se a uma vasta oferta de experiencias únicas

[20] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.21
[21] Idem. Ibidem. P.22



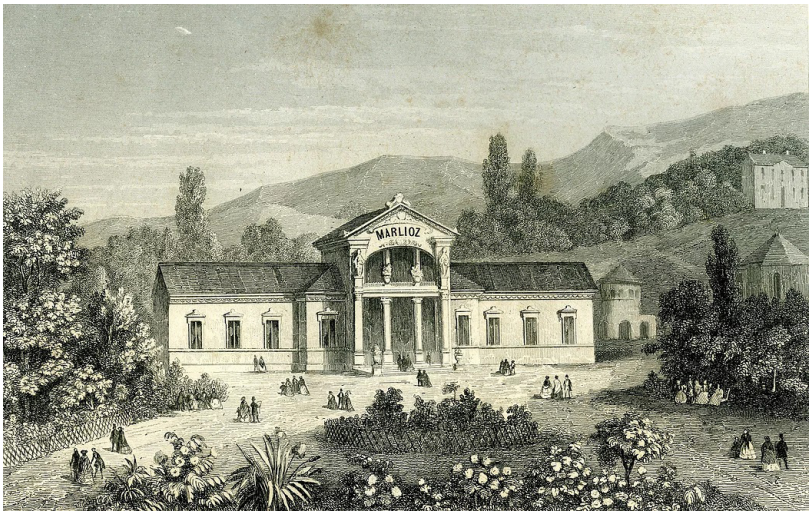
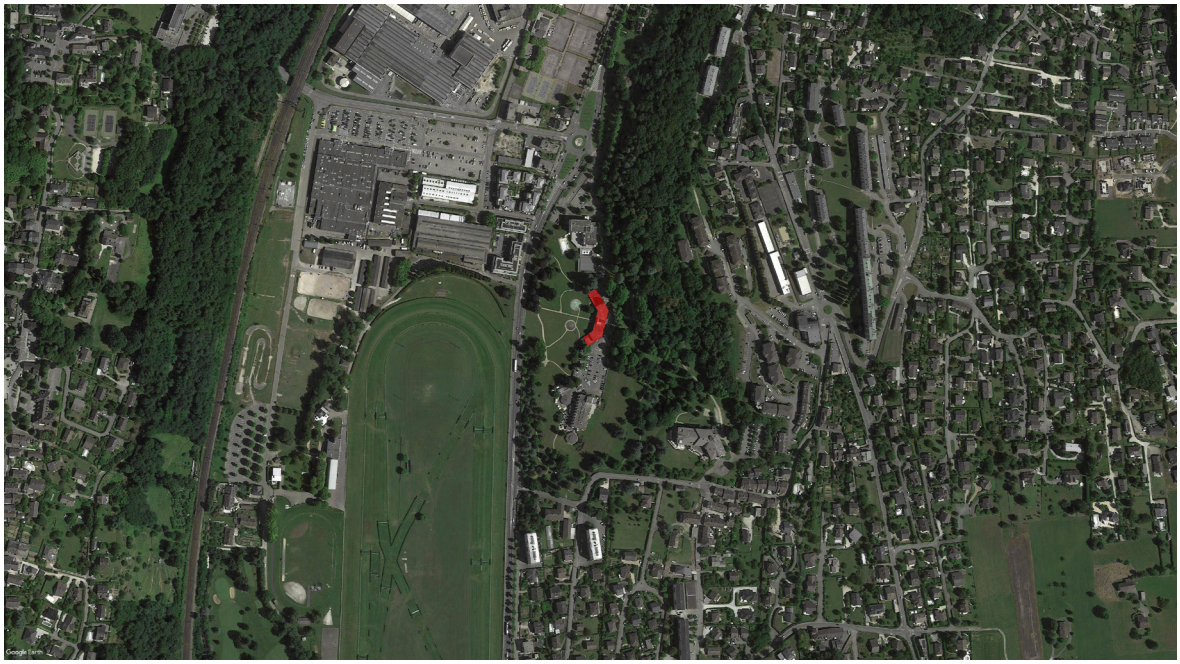


Figura 16 - Ilustração antiga das termas de Marlioz em Aix-Les-Bains, França.

Figura 17 - Pintura ilustrativa acerca presença do verde e do elemento "natureza" na estância termal de Marlioz.

Figura 18 - Mapa representativo do edifício termal de Marlioz, a vermelho, e a importância do parque que o rodeia na estância termal.



protagonizadas por um lado pelos espaços verdes, parques, jardins e passeios, e por outro pelas infraestruturas de grande qualidade como é o caso do casino, dos salões requintados e dos balneários. Para sustentar esta procura e adesão intensa dos da população que não residia no lugar, a *"cidade apresenta-se com um apreciável conjunto de 58 hotéis, 57 pensões e 11 sanatórios, com mais de 5000 camas para 80000 aquistas por ano, de Abril a Outubro."*[22].

Este século é caracterizado, apesar dos anos de declínio causados pela primeira e segunda Guerras Mundiais, por uma contínua introdução de novas normas higiénicas e pelo aprimoramento das técnicas termais e consequente crescimento da cultura aquista em toda a Europa. Neste período os estabelecimentos de cura e lazer desfazem a sua associação, quase exclusiva, para com as classes mais altas da sociedade e passam a ser cada vez mais frequentadas por um conjunto de pessoas provenientes de todos os estratos sociais e que convivem entre si procurando distanciar-se da rotina quotidiana[23].

> "… as termas são espaços complexos e plurifacetados, onde se cruzam grupos sociais diferenciados e se confrontam expectativas, motivações e estilos de vida heterogéneos. Esta heterogeneidade está, no caso das termas, particularmente associada ao modo como estas estâncias balneares combinam duas vocações distintas: uma vocação turística e uma vocação terapêutica. A dupla especialização das termas, como teremos oportunidade de ver, atrai no presente, como atraiu no passado, clientelas diferenciadas, que põem em prática modos distintos de viver a temporada termal."[24]

Após recuperar das consequências que as guerras trouxeram, a Europa começa a introduzir, sensivelmente a meio do século, novas premissas no que diz respeito a programa e materiais nos balneários termais. Nesta altura aparecem edifícios que procuram introduzir relações funcionais diferentes, novos acabamentos, melhores técnicas de higienização, novas áreas, novas salas e uma experiência espacial diversificada. É sobre estas ideias que, anos mais tarde surge um dos apogeus dos edifícios termais da atualidade, as termas de Vals, na Suíça, de Peter Zumthor (1986-97). Projetado com vista a substituir as termas pré-existentes, o edifício de Zumthor revela um

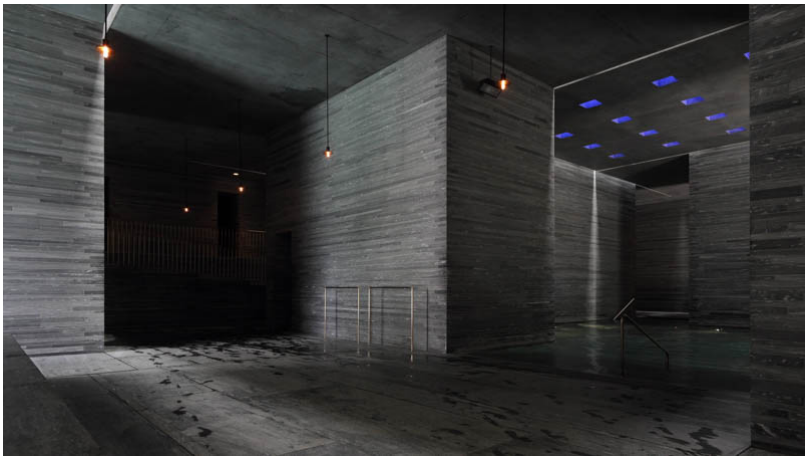
[22] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.23

[23] Ramos, A. R. (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística.* Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. P.49 e 50

[24] Ferreira, C. (Outubro 1995). *Estilos de Vida, Práticas e Representações Sociais dos Termalistas O caso das Termas da Curia.* Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. P.94







Figuras 19, 20 e 21 - Fotografias das aclamadas termas de Vals de Peter Zumthor. Respetivamente

caracter próprio já que as suas linhas geométricas, rigorosas e despidas de ornamentos possibilitam a sua inserção em qualquer período da história da arquitetura. Os jogos de luz e sombra transformam os espaços e os percursos por completo com a criação de momentos opostos de individualidade e de convívio em todo o balneário. A relação com a natureza também é muito marcante e é feita não só pelo próprio volume que convive em comunhão com esta, mas também pelas relações interior/exterior que este apresenta. Os próprios espaços de transição de ambientes que o edifício tem bem como as aberturas e enquadramentos que o aquista experiencia ao longo dos percursos reforçam, ainda mais, esta conexão entre o natural e o construído. Para além destas e de outras já referidas anteriormente, na lista de estâncias com alguma notoriedade estão termas como as de Callou (Vichy), em França, de Douat & Harland (1990-93), Caldea, em Andorra, de Jean-Michel Rouls (1990-94), Guitiriz, em Espanha, de Auer, Dáaz Garcia e Lucas Díaz Sierra (2001-03)[25].

[25] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.27





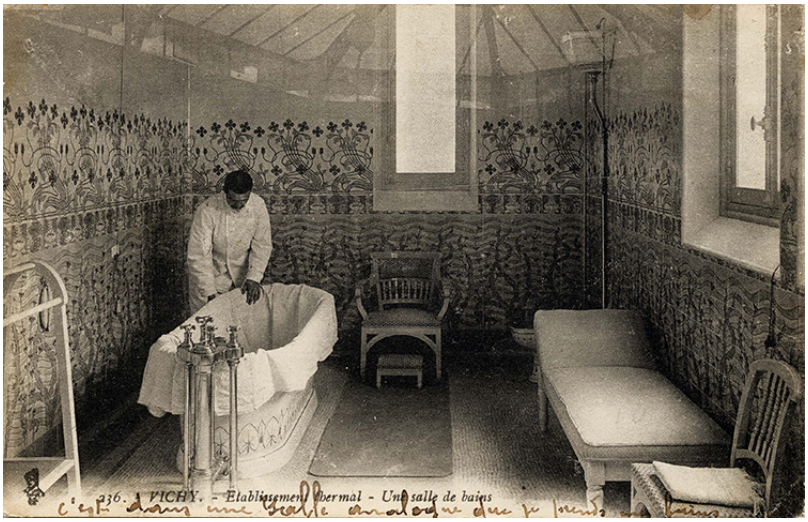


Figura 22 - Termas de Guitiriz, Espanha.
Figura 23 - Fotografia das termas de Vichy.
Figura 24 - Sala de banhos das termas de Vichy.

A CULTURA TERMAL EM PORTUGAL

A arquitetura termal no território nacional teve pouca expressão até meados do século XIX. Se deixarmos de lado o hospital termal das Caldas da Rainha, que foi pioneiro na sua função de conciliar o programa hospitalar e o programa termal não só a nível nacional, como mundial também, foram poucos os edifícios termais que tiveram um impacto no território suficiente para que fossem notados e afamados[26].

A manifestação do gosto português pelas águas medicinais surge já desde os tempos pré-históricos. A cultura termal portuguesa mostra, claramente, uma inclinação para o lado medicinal das termas comparativamente ao lado mais turístico ligado ao lazer. Deste modo a maioria dos balneários termais portugueses não adquire o carácter monumental das grandes estâncias termais europeias.

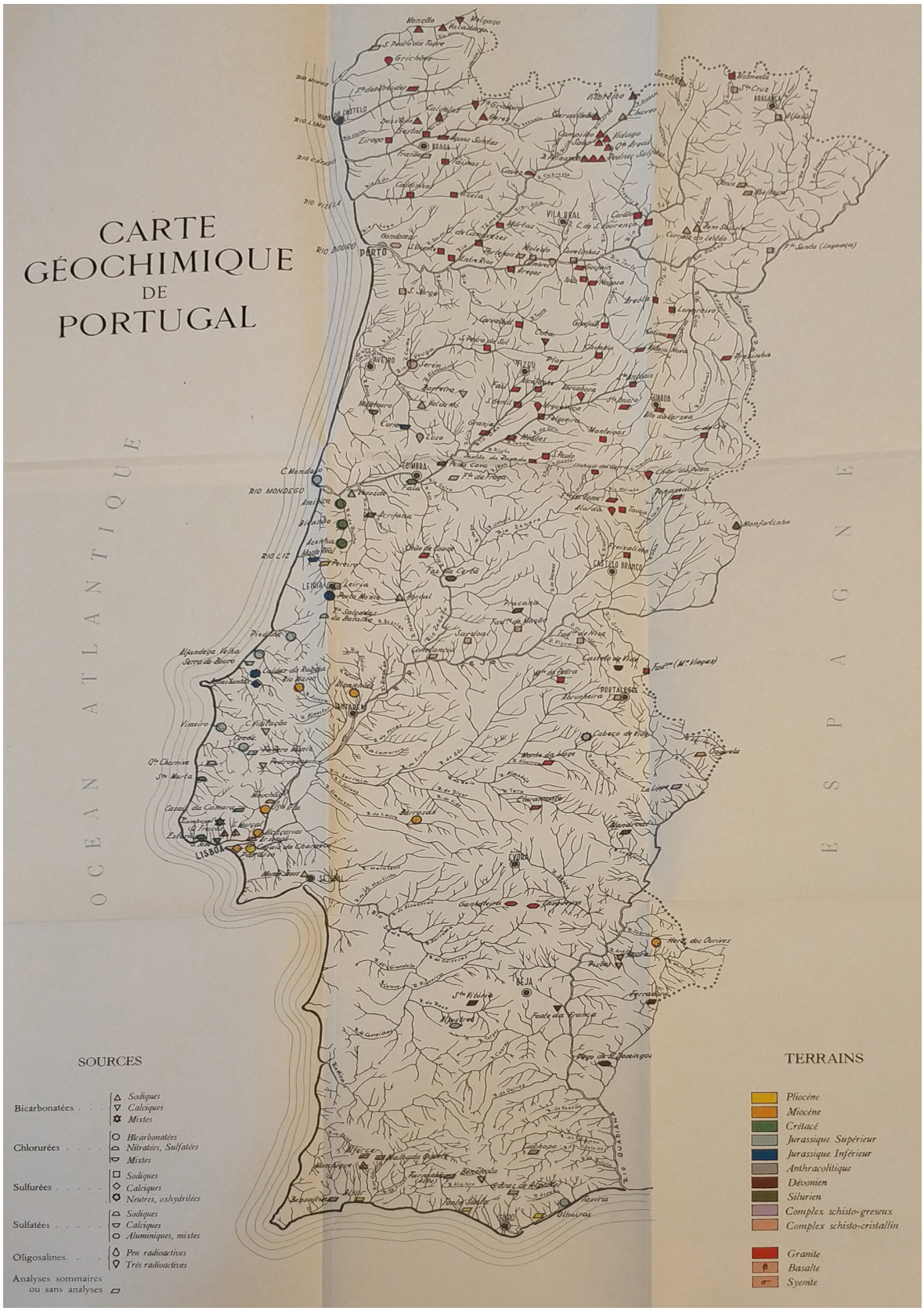
Apesar desta falta de protagonismo dos edifícios termais relativamente ao território devido às características mais precárias que grande parte destes espaços revelavam, Portugal mostra um interesse pela cultura termal desde muito cedo. O termalismo passou por momentos distintos na história do país, momentos estes que podem ser divididos em várias fases. Segundo Acciaiuolli, a evolução termal portuguesa dá-se em 6 fases distintas. As 4 primeiras estão relacionadas com a ocupação do território por parte de vários povos, sendo que a primeira fica designada como período Pré-Romano, a partir dos tempos primitivos até ao século II a.C., quando os romanos chegam a Portugal. A segunda tem o nome de Lusitano-Romano, que perdura até ao século V d.C., quando os povos do norte invadem o território e o domínio romano cai. A terceira conhecida como Pós-Romana que perdura até ao século VIII, altura da invasão árabe. Por último a quarta, nomeada de período Árabe, até ao século XII[27].

Nas duas últimas fases o reino de Portugal já estava formado, sendo que desde a altura da formação, em 1140, até a 1891 temos a quinta fase, que compreende o período

[26] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.38

[27] Acciaiuoli. L. (1952). *Le Portugal Hydromineral.* Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Volume 1 Lisboa. P.7

Figura 25 - Carta Geoquímica de Portugal ilustrativa dos recursos e das fontes termais



Pré-Legislação Portuguesa. Por fim a sexta fase, o Pós-Legislação, dá-se com a introdução da legislação para a exploração e aproveitamento das águas mineromedicinais em 1892 até aos dias de hoje.

"Nesta altura, tinha sido publicado um número considerável de análises físico-químicas, alguns balneários estavam edificados e outros estavam em fase de construção, numa época de charneira no desenvolvimento das técnicas e da tecnologia aplicadas à prática termal e à funcionalidade dos novos edifícios. Os tempos mudaram, não so com o aumento de prática popular, mas sobretudo com a sua transformação no facto científico de uma disciplina medica animada pela vontade de alguns empreendedores na exploração comercial dos aquíferos."[28]

Este decreto-lei, que designou a utilização das fontes termais para o proveito nos balneários, mostrou-se como um grande impulsionador do progresso da cultura termal de Portugal. Este desenvolvimento passa, para além de várias questões arquitetónicas ligadas aos edifícios, pela melhora das condições higiénicas dos balneários e pela salvaguarda da qualidade das águas. Deste modo a forma de captação das águas e o seu armazenamento começaram a ser cada vez mais um problema que os técnicos, engenheiros e arquitetos passaram a equacionar na conceção dos edifícios. A preocupação pela disciplina médica ligada ao espaço termal é cada vez maior, logo para além de engenheiros e arquitetos, também se associam à concessão dos balneários físicos, químicos e médicos. Assim a qualidade dos serviços oferecidos pelas termas nacionais começa a chegar ao nível do resto da Europa[29].

Os espaços também sofrem renovações a nível do seu tamanho e do seu mobiliário. As dimensões das salas de cura, de inalações, de duche e banho são alteradas, estas duas últimas começam a ganhar um caracter cada vez mais individual, tendo em conta as questões higiénicas já referidas anteriormente. A organização do balneário obedecia a questões de gênero e classe social, sendo que esta é reforçada pelos acabamentos de cada ala dos balneários[30].

Nesta altura as termas portuguesas tinham ganho um caracter lúdico como nunca se tinha sentido. Igualmente às estâncias europeias, em Portugal passa a associar-se os

[28] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.38
[29] Idem. Ibidem. P.38
[30] Idem. Ibidem. P.52







Figura 26 e 27 - Termas de Pedras Salgadas, vista exterior e interior.
Figura 28 - Fotografia antiga das termas do Gerês.

balneários termais a estações de veraneio. Famílias inteiras acomodavam-se nos hotéis que começaram a surgir associados às estâncias, como em Vidago e em Pedras Salgadas por exemplo[31]. Esta vertente lúdica trouxe uma maior adesão às termas portuguesas que assim ofereciam atividades ligadas ao lazer para além das experiencias curativas, que passam a estar em segundo plano.

A supremacia do lado turístico das termas começa a diminuir por volta de 1930. A crise que afetava o país posteriormente à primeira Grande Guerra piorou esta situação e isso reflete-se em todos os setores a nível nacional, nomeadamente no setor da medicina crenológica. Para além disso a ascensão da medicina farmacológica põe em causa muitos dos métodos utilizados nos estabelecimentos termais fazendo com que estes ficassem numa posição ainda mais fragilizada. Deste modo as termas perdem a preferência das famílias portuguesas como paragem para férias e outros lugares conquistam o espaço ocupado, até então, pelas estâncias termais, principalmente as praias[32].

Esta crise fez-se sentir até à década de 1970, nesta altura a atividade termal estava na sua pior fase de há muitos anos e, com a revolução de 1974, foram adotadas medidas para combater a decadência que se debruçava sobre as termas do país. O *"Estado português criou programas de apoio financeiro aos tratamentos termais, institucionalizando aquilo que ficou conhecido sob a designação de termalismo social."*[33]. Por vezes o alojamento também era financiado. A reabilitação dos estabelecimentos termais começa a crescer gradualmente e é nesta altura que se renovam as técnicas medicinais e se modernizam os equipamentos termais. Este desenvolvimento, acrescido ao apoio estatal para os beneficiários da Segurança Social traz as pessoas de volta às termas[34].

No fim da década de 1980, os balneários são alvo de uma remodelação mais profunda a nível dos seus equipamentos e dos instrumentos utilizados. Muitos destes

[31] Cantista, A.P.P. (2010). *Anales de Hidrologia Medica, O termalismo em Portugal.* Termas de São Jorge, Lugar da Sé, 4509-903 Caldas de São Jorge. Vol.3. P.84

[32]Ferreira, C. (Outubro 1995). *Estilos de Vida, Práticas e Representações Sociais dos Termalistas O caso das Termas da Curia.* Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. P.100-101

[33] Idem. Ibidem. P.101-102

[34] Cantista, A.P.P. (2010). *Anales de Hidrologia Medica, O termalismo em Portugal.* Termas de São Jorge, Lugar da Sé, 4509-903 Caldas de São Jorge. Vol.3. P.84



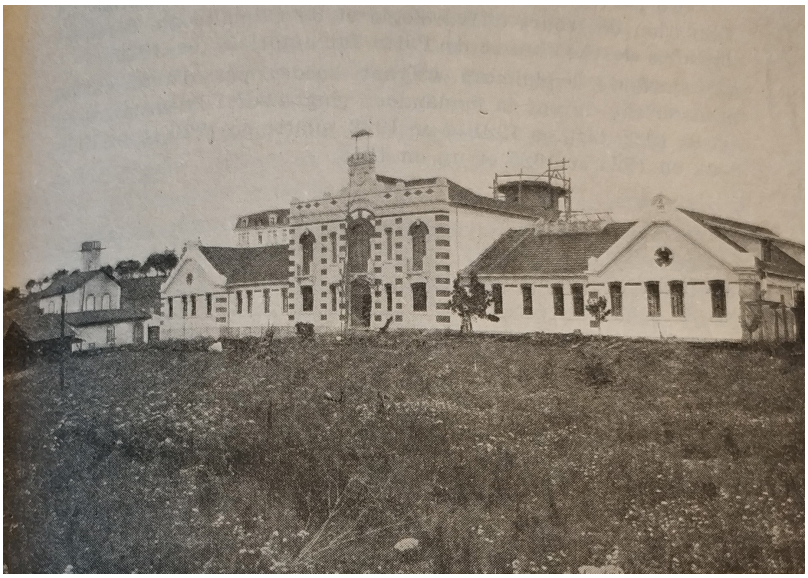




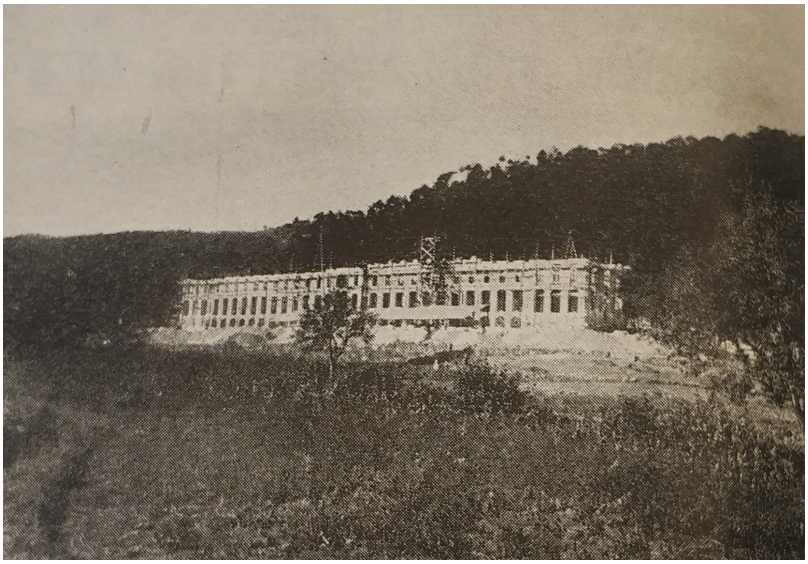
Figura 29 - Termas de Curia, edifício primário.
Figura 30 - Fotografia antiga das termas de Curia.
Figura 31 - Estado atual das termas de Curia.

edifícios foram substituídos por outros mais evoluídos e sobre os restantes mudaram-se os materiais, nomeadamente os metais que, para além de serem alvo de um envelhecimento rápido, o processo de corrosão associado a este mesmo envelhecimento, provocava alterações nas propriedades químicas da água. Outra das questões é relativa à organização dos balneários que foi readequada para as questões higiénicas fossem cada vez mais eficientes. Dito isto, uma das primeiras ideias a serem implantas foi a definição de 2 percursos que dividiam o balneário em zonas distintas. Um deles era o "circuito sujo", zonas pelas quais o aquista podia circular com a roupa e calçado que trazia do exterior. O outro era o "circuito limpo", onde o utente só podia circular depois de estar equipado com o vestuário próprio para uso no balneário, touca, roupa de banho, chinelos e roupão, para além disso era fornecida pelos estabelecimentos uma toalha devidamente desinfetada[35].

Esta altura fica marcada por uma procura termal feita maioritariamente por parte da população mais carenciada e, ao mesmo tempo, por parte das pessoas mais envelhecidas. A fração da população que predominava nas termas trouxe uma vertente terapêutica mais marcada para os balneários. Contrariamente ao que se fez sentir no início do século, este ressurgimento caracteriza-se por uma supremacia das questões curativas e terapêuticas comparativamente às questões lúdicas e de lazer.

Os primeiros anos do termalismo social deram uma nova esperança aos balneários nacionais e embora o lado terapêutico dos estabelecimentos fosse o mais solicitado, algumas termas começam a receber de novo aquistas que procuravam as atividades lúdicas oferecidas anteriormente. A vertente turística foi sendo renovada aos poucos e fez-se sentir com mais veemência a partir do início da década de 1990. Isto é resultante duma crescente procura dos hotéis termais e dos salões e atividades relacionadas com as estâncias. Os veraneantes aderem de novo a estes espaços e voltam a optar pelo ambiente, a paisagem e a tranquilidade que uma estância termal pode oferecer relativamente a outras opções que ganharam espaço férias dos portugueses durante o

[35] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.66





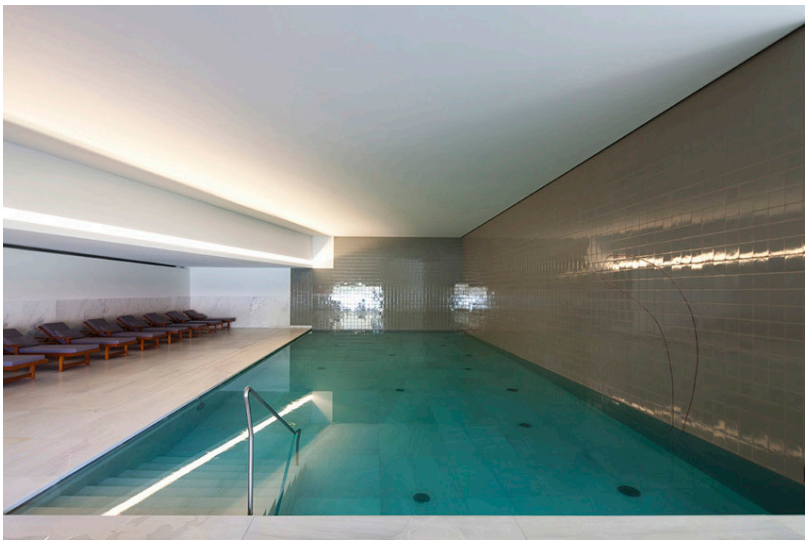


Figura 32 - Princípio da construção das termas de Vidago.
Figura 33 - Visão geral do exterior das termas de Vidago.
Figura 34 - Piscina interior das termas de Vidago.

declíno termal. No final do século a componente lúdica já se equiparava à curativa novamente[36].

Presentemente, seguindo esta tendência, muitos estabelecimentos termais têm sido renovados com vista à atividade turística, estes são modernizados de modo a entrarem em coerência com as premissas dos dias de hoje e são concebidos de modo a se tornarem verdadeiras estâncias onde se possam passar temporadas de cura. Portugal tem características muito favoráveis ao desenvolvimento termal, entre elas a diversidade do tipo das águas medicinais, a possibilidade de cura de diferentes doenças e o ambiente em que muitos destes balneários são inseridos são as de principal destaque. De facto, as paisagens envolventes de muitos estabelecimentos termais portugueses criam um distanciamento da vida e dos problemas quotidianos, o que é fundamental para uma conexão entre o corpo e a mente. Desta forma curam-se os males não só físicos como espirituais.

"A temporada termal desempenha, assim, uma função fundamental para os aquistas: ela é vivida como um ritual cíclico de regeneração que, provisoria e periodicamente, restabelece os efeitos destrutivos que a vida quotidiana exerce sobre o corpo doente. Provisoriamente, já que a sua eficácia assenta no facto de substituir a rotina destrutiva da vida quotidiana por uma outra rotina, construtiva e extra-ordinária. Periodicamente, já que a sua função, por definição, só se cumpre a rigor se for repetida anualmente."[37]

Hoje em dia temos balneários que, pelos diferentes tipos de água apresentados, diferem nos tratamentos que oferecem. A evolução da medicina permitiu determinar em qual tipo de doenças as diferentes águas são mais eficazes. Deste modo, cada balneário foca-se num conjunto de males para as quais as suas águas se adequam mais, sejam doenças do setor digestivo, respiratório, dermatológico, intestinal, cardiovascular ou locomotor. Um bom exemplo da diversidade de águas e das várias doenças a que estas se podem aplicar temos nas Caldas do Moledo, como se irá descobrir mais à frente.

[36] Ferreira, C. (Outubro 1995). *Estilos de Vida, Práticas e Representações Sociais dos Termalistas O caso das Termas da Curia.* Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. P.102
[37] Ferreira, C. (Outubro 1995). *Estilos de Vida, Práticas e Representações Sociais dos Termalistas O caso das Termas da Curia.* Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. P.112

Tabela 1 – CLASSIFICAÇÃO QUÍMICA DAS ÁGUAS TERMAIS

ÁGUA	INDICAÇÃO TERAPÊUTICA	PRECAUÇÕES
Águas Bicarbonatadas Dose diária: 5-6 tomas (100-200 ml); máximo 1000-1200 ml/dia.	**Aparelho Digestivo** (gastrointestinais e hepatovesiculares) **Doenças Metabólico-Endócrinas** (Diabetes, Hiperuricemia) **Aparelho Nefro-Urinário** (Litíase úrica) **Aparelho Respiratório** (Rinites, Sinusites, Laringites, DPOC)	Alcalose (cefaleias, irritabilidade, mialgias, menor apetite) Colite atónica; Obstipação Litíase de fosfatos e oxalatos **Se sódicas**: cuidado nos hipertensos e insuficientes renais **Se carbogasosas**: hemorragia de gastrites ou úlceras pépticas
Águas Sulfatadas Dose diária: 2-3 tomas de manhã (50-60 ml e até 120- 180 ml, cada 20-30 minutos); poderá repetir-se o esquema de tarde. Máximo diário: 1000 ml	**Aparelho Digestivo** (discinesias vesiculares; laxantes/purgativas se Mg) **Doenças Metabólico-Endócrinas** (hiperuricemia) **Doenças Nefro-Urinárias** (litíase úrica; diuréticas: HTA)	**Crise termal**: náuseas ou vómitos e diarreia, mal-estar, cefaleias. **Cuidado**: cólon irritável, úlcera péptica, estados de debilidade geral.
Águas Cloretadas Dose diária: 2-3 tomas (50-60 ml, cada 15-30 minutos, até ao máximo de 180 ml).	**Aparelho Digestivo** (discinesias vesiculares, hipotonia intestinal) **Dermatologia** (cicatrizante; afeções não exsudativas) **Aparelho Respiratório** (rinites, sinusites, laringites, DPOC) **Doenças Reumáticas e Músculo Esqueléticas** (situações pós-traumáticas, edematosas e álgicas) **Doenças Ginecológicas**	**Ao 3º-4º dia de tratamento**: Mal-estar, palpitações, transtornos digestivos. Não recomendável em situações de hipersecreção (gastrite, úlcera péptica, colite, enterocolite). Nunca aplicar em situações de hipertensão arterial, insuficiência cardíaca ou renal.
Águas Sulfúreas Difícil ingestão devido às características organoléticas e elevado pH (doses muito baixas, 40-50 ml, 2-3 tomas de manhã, cada 30 minutos).	**Aparelho Respiratório** (rinite, faringite, laringite, DPOC) **Dermatologia** (seborreia e acne, eczemas crónicos, psoríase) **Doenças Reumáticas e Músculo Esqueléticas** (articulares, abarticulares, componente tendinoso, neurológico, sequelas pós-traumáticas, etc.) **Doenças Ginecológicas** (processos catarrais ou congestivos; trofia pós-menopáusica)	Náuseas e vómitos, perturbações digestivas (diarreia ou obstipação) Agudização de processos crónicos
Águas Hipossalinas Dose diária: 2-3 tomas de manhã (até 120-200 ml, cada 20-30 minutos); poderá repetir-se o esquema de tarde.	**Aparelho Nefro-Urinário** (diuréticas – Litíase renal) **Doenças Metabólico-Endócrinas** (na dependência dos iões predominantes) **Doenças do Sangue – Anemias** (nas águas ferruginosas) **Doenças Ginecológicas e Dermatológicas** (nas águas silicatadas)	**Cuidado**: evitar sobrecarga hídrica (insuficiência renal, cardíaca)

"Gradualmente, o território termal começa a ser apelativo para os investimentos em novas unidades hoteleiras. As termas e outros factores atrativos como o mar, o caminho-de-ferro, o aristocracismo de inspiração monárquica e a burguesia moveram a vontade dos investidores.

Os conjuntos turísticos que se iam formando eram constituídos por equipamentos de lazer, nos quais o hotel tinha um lugar preponderante, quase sempre associado a paisagens de forte cariz cenográfico"[38]

As principais referências termais portuguesas destacam-se, por um lado, pela resposta e a capacidade de tratamento destas diversas enfermidades e, por outro, por um requinte nos materiais que compõem os espaços.

"A renovação termal aconteceu. Novas instalações, modernos equipamentos, suporte informático moderno e automatização de processos, formação profissional possibilitando melhor preparação dos recursos humanos, processos de gestão e modelos operativos mais eficazes, divulgação mediática e cientifica iniciadas, novo enquadramento jurídico, eis os contornos em que assenta a moderna actualidade do termalismo português."[39].

Os equipamentos e técnicas terapêuticas utilizadas acompanham, igualmente, esta qualidade exigida para com as estâncias de maior imponência. A título de exemplo temos termas com as Termas de Vidago, de Álvaro Siza, as Termas de Curia, no distrito de Aveiro, as Termas do Gerês, rodeadas pela paisagem característica da região, as Termas do Luso, com um centro médico diferenciado e as Termas de São Pedro do Sul, que embora requalificadas, representam um símbolo da tradição termal portuguesa.

[38] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.92

[39] Cantista, A.P.P. (2010). *Anales de Hidrologia Medica, O termalismo em Portugal.* Termas de São Jorge, Lugar da Sé, 4509-903 Caldas de São Jorge. Vol.3. P.85



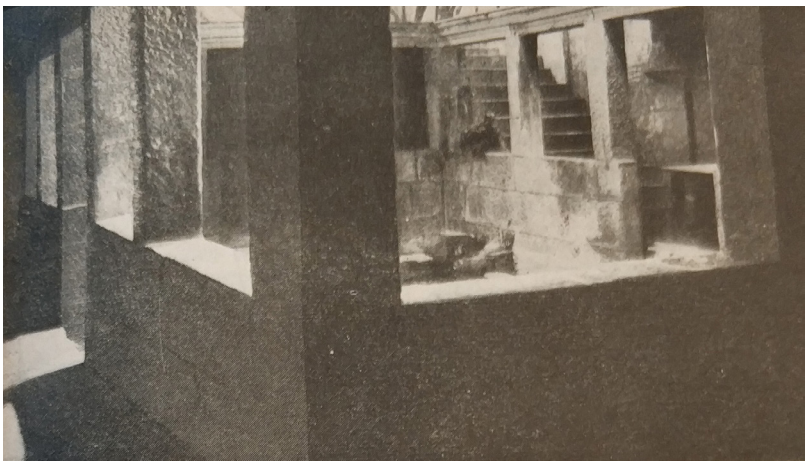






Figura 35 e 36 - Imagens antigas das termas de São Pedro do Sul.
Figura 37 - Fotografia do exterior das termas de São Pedro do Sul .
Figura 38 - Imagem de um dos balneários das termas de São Pedro do Sul.

MOLEDO



"Caldas de Moledo é o mais recente povo da freguesia. Nasceu e desenvolveu-se à sombra das suas águas termais. A exploração termal exerceu desde então profunda influência na vida económica, familiar e social de seus habitantes. Ao período áureo das termas corresponde o melhor bem-estar local. Hoje, volvidas poucas décadas, as suas águas perderam muito do seu prestígio e, consequentemente, a miséria entrou em muitos dos seus lares. A queda afigura-se fatal. Não obstante, os molinenses, quais sebastianistas, aguardam a aurora do ressurgimento. Uma vaga de tristeza os invade quando se apercebem do zumbir de novos morteiros. Ah! Se estivesse em suas mãos levantá-las empregariam nesse sentido todos os seus esforços."

Alípio Martins Afonso (1971)

MOLEDO

CALDAS DE MOLEDO, CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

"Centro de valioso conjunto hidrológico, a Régua, por favor da natureza, é uma vila termal, É-o de direito. Se apenas se contentar em ser um centro de vinhos, será perdulária de bens que poderão sobredoirar ou equilibrar a costumada receita – às vezes tão precária, tão triste, que merece o nome de angústia.

A Régua não pode alhear-se da boa ou má fama das Caldas do Moledo. Se é humana, deve orgulhar-se de as possuir e doer-se do seu abandono para lhe dar remédio."[40]

O rio Douro e as montanhas que o cercam conferem características particulares ao território mais próximo. Estas características influenciaram a forma como o desenvolvimento cultural e socioeconómico se deu nos concelhos compreendidos nesta zona onde, entre outras, a vinha sempre foi a cultura predominantemente praticada. Esta região, à qual chamamos hoje de Região Demarcada do Douro, situa-se no nordeste de Portugal e ocupa uma área de aproximadamente 250000ha[41].

A Região Demarcada do Douro, em tempos, era dividida em duas sub-regiões, o Alto Douro, delimitado por Mesão Frio e S. João da Pesqueira, inclusive, e o Douro Superior incluído entre S. João da Pesqueira e a fronteira com Espanha. Hoje verificamos que esta está dividida em 3 sub-regiões distintas, ficando o Douro Superior sem qualquer alteração no que diz respeito a nome e território e, o que antigamente seria o Alto Douro, a partir da reforma administrativa de 1936[42], subdividiu-se em Baixo Corgo e Cima Corgo.

O clima de toda a região é conhecido pelos seus extremos, por verões bastante quentes e secos e invernos muito frios. Esta particularidade deve-se, sobretudo, pela condição de vale que este território apresenta, protegido pelas montanhas

[40] Correia, J. A. (Dezembro 2016) *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia.* Carviçais: Edição Lema d'Origem. P.13

[41] Instituto de Vinhos do Douro e do Porto. Acedido em Outubro de 2020, Região Demarcada do Douro: http://www.ivdp.pt/consumidor/regiao-limite-da-regiao-demarcada-do-douro

[42] Instituto de Vinhos do Douro e do Porto. Acedido em Outubro de 2020, Região Demarcada do Douro: http://www.ivdp.pt/consumidor/regiao-limite-da-regiao-demarcada-do-douro

envolventes que amparam esta zona de ventos amenizadores da temperatura tanto no inverno como no verão. A pluviosidade é proporcional a esta disparidade de temperatura, sendo que nos meses de verão é menor enquanto nos meses de inverno esta aumenta. Tendo em conta estas características o Baixo Corgo é, ainda assim, a região que apresenta um clima mais ameno e chuvoso[43] e, naturalmente, os seus solos são mais proveitosos para a cultura vitícola, refletindo a predominância da vinha nesta em comparação com as outras duas sub-regiões.

É aqui, no Baixo Corgo, que encontramos o Concelho do Peso da Régua que hoje se considera a capital da Região Demarcada do Douro devido à sua história, à reputação dos seus vinhos e ao poder comercial que estes traziam para a região.

A cerca de 90 km da foz do rio Douro, no Porto, a Régua situa-se na margem norte do rio que a delimita a Sul juntamente com os concelhos de Lamego e Armamar. A Norte esta tem como fronteira Vila Real, a Este o concelho de Sabrosa e a Oeste o concelho de Baião. O Peso da Régua só assumiu a relevância e o estatuto e de cidade em 14 de Agosto de 1985, com a união das povoações do Peso, situada na parte alta da cidade, e da Régua na parte baixa, junto ao rio Douro, embora já revelasse alguma importância em meados do século XVIII com a criação da Companhia geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro[44], por parte do Marquês de Pombal[45].

Hoje a cidade tem 8 freguesias: a união de freguesias de Moura Morta e Vinhós, Sedielos, Loureiro, Fontelas, união de freguesias do Peso da Régua e Godim, Vilarinho dos Freires, união de freguesias de Poiares e Canelas e a união de freguesias de Galafura e Covelinhas. Cada uma destas freguesias tem a suas particularidades, umas com mais importância do que outras, sendo que se destacam as que têm contacto direto com o rio. A Régua é, naturalmente, o centro da atração, desempenhando o papel de sede do concelho, embora existam outras freguesias que também oferecem, ou podem oferecer,

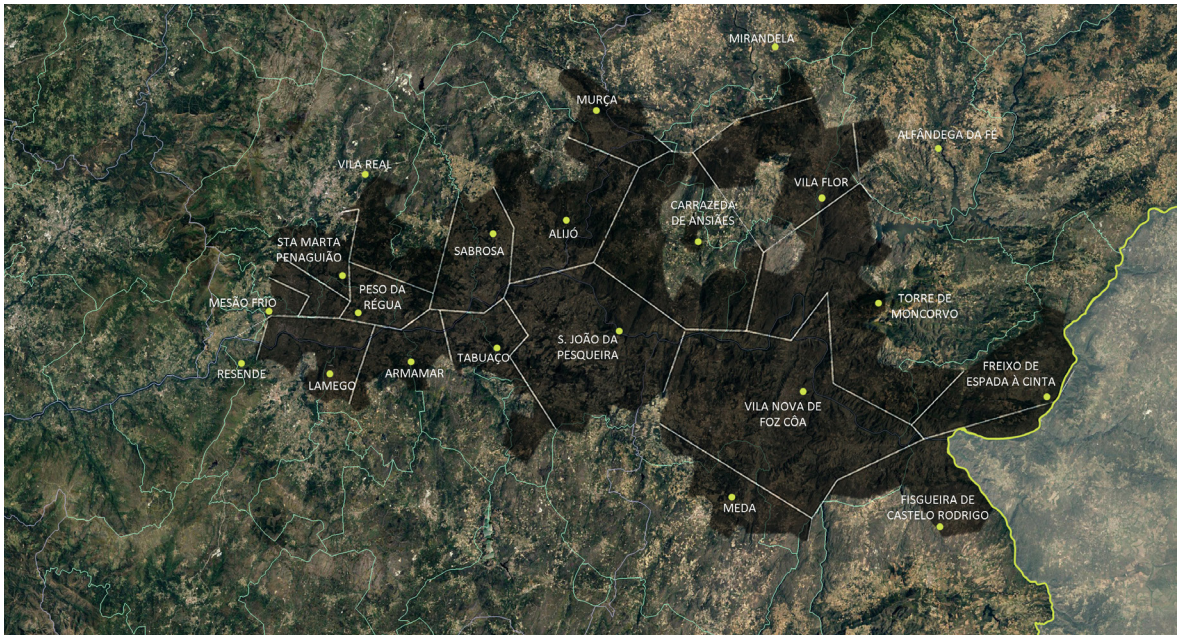
[43] Portugal Patrimónios da Humanidade, 13 de Dezembro de 2013. Acedido em Outubro de 2020. Região Demarcada: https://portugalpatrimonios.com/tag/baixo-corgo/

[44] Companhia criada por Marquês de Pombal com direito à exclusividade da produção dos vinhos da Região Demarcada do Douro e com privilégios referentes aos impostos e exportação dos mesmos.

[45] Biblioteca Municipal do Peso da Régua. Acedido em Novembro de 2020. O Concelho: http://biblio.cm-pesoregua.pt/PortalWeb/portal/alias__PortalWeb/lang__pt-PT/tabID__3350/DesktopDefault.aspx

Figura 39 e 40 - As três sub-regiões da Região Demarcada do Douro e os seus concelhos.





bastante ao mesmo. Uma dessas freguesias é Fontelas, esta que nasce para a história no dia 30 de Outubro de 1116, aquando da distribuição de umas terras nesta zona por parte de D. Teresa. Fontelas era uma dessas terras e foi Gozindo Álvares o nobre que mereceu a confiança de D. Teresa para desempenhar o papel de seu senhor[46], antes disso nada se sabe sobre esta terra. Desde essa data até à data de hoje os seus limites mantêm-se os mesmos sendo que o seu contacto com o rio faz-se na região das Caldas do Moledo, a 4 km da Régua, na estrada nacional N108 entre a Régua e o Porto.

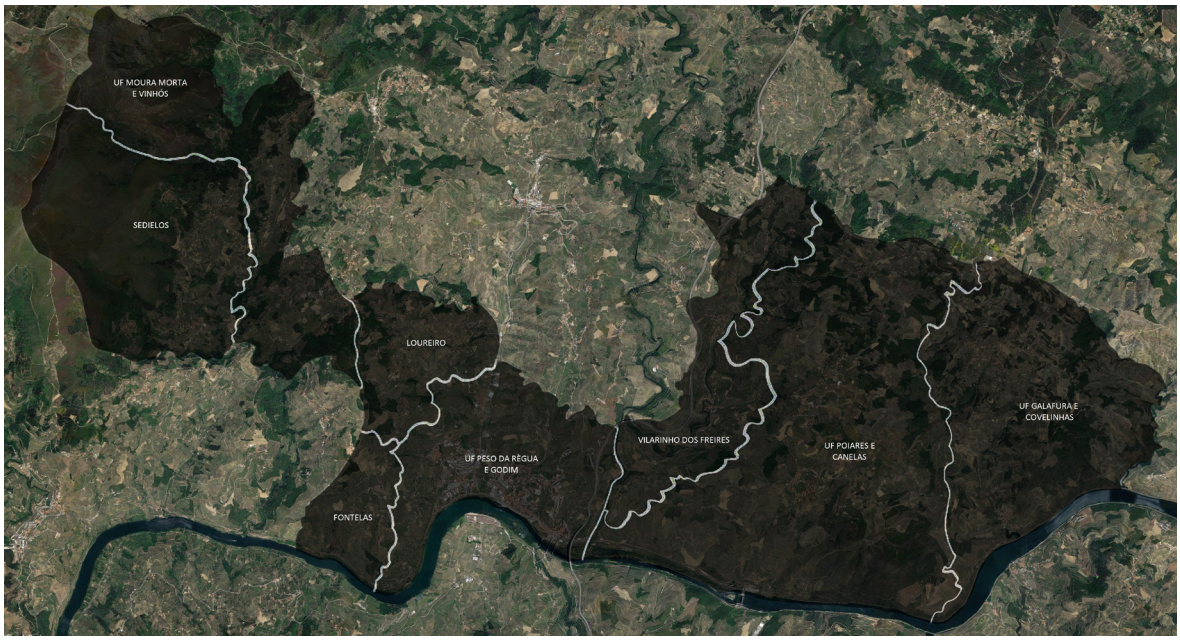
Este povo cresceu graças à reputação das águas medicinais que por lá passam, águas estas que reforçaram o interesse que esta região possuía pela sua localização estratégica no território, lugar que convida ao desembarque para quem sobe e desce o Rio Douro e pelas suas características únicas na região devido ao grande parque que possuía com espaços verdes de repouso, escassos nas redondezas, e o contacto com o rio Douro, possibilitando a prática de várias atividades ligadas ao meio aquático.

As águas das Caldas de Moledo são conhecidas antes da existência do próprio povoado, antes até da criação do Peso da Régua e da região do Douro. A primeira referência que temos desta fonte termal consta dos tempos pré-históricos quando o povo, apesar de não conhecer as suas verdadeiras capacidades terapêuticas, as apreciavam e festejavam a sua existência com festas de agradecimento aos deuses das fontes, as chamadas *Fontanaliae*[47]. Anos depois o povoado passa pelas mãos do Império Romano[48], império este que mantém o interesse das fontes e até reforça a sua importância na região.

Apesar das festas dedicadas aos deuses, realizadas em tempos anteriores, não se integrarem na cultura romana, a relevância das fontes alastrou por todo o território

[46] Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico*. Chaves: Edição do Autor. P.9 a 12
[47] Idem. Ibidem. P.43
[48] *Quando das escavações tendentes às actuais piscinas, foram ali encontradas dez moedas: seis completamente apagadas e quatro identificáveis como sendo uma do Imperador Neiva cunhada em 96, outro de Maximiano I (235 a 238) uma terceira de Filipe Senior (244 a 249) e a última cunhada de 245 de Maria Octávia Severa, mulher deste último Imperador.* (M. Terra Viana, *Uma Instalação de Piscinas nas Caldas de Moledo*, 1897)

Figura 41 - Freguesias do concelho do Peso da Régua.
Figura 42 - Freguesia de Fontelas.





envolvente tornando-se num ponto de referência do concelho e freguesia onde estão inseridas, sendo mesmo a origem do nome da freguesia, Fontelas[49].

A procura pelas fontes das Caldas do Moledo continuou crescente no reinado portucalense e as pessoas ouviam as histórias e poderes que estas águas medicinais tinham o que gerou uma grande afluência de aquistas de várias partes do país para a região. Para além deste interesse por parte de pessoas que não pertenciam ao concelho, as pessoas do povo do Moledo e dos povos mais próximos também se interessavam bastante pelas fontes termais.

A vontade de que estas nascentes servissem toda a gente que as procurava, independentemente do sítio de onde cada pessoa viesse e das posses económicas que cada um tinha leva D. Mafalda, esposa de D. Afonso Henriques, a intervir nesta zona onde funda uma albergaria com hospital e uma capela. Para além disso, com vista a que os doentes mais necessitados também fossem dignos de serem tratados neste lugar, esta acabou por implementar um hospício gratuito com o intuito a que os aquistas mais pobres que precisassem dos poderes medicinais destas águas tivessem condições de frequentar as fontes termais. D. Mafalda não ficou por aqui, também foi introduzida uma barca gratuita, conhecida por barca de Deus[50], que fazia a travessia do rio para o transporte dos aquistas residentes na margem sul do Douro, nas Caldas da Penajoia, Santiaguinho até Lamego e na margem norte até Mesão Frio, terras Entre Douro e Minho[51].

[49] Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico.* Chaves: Edição do Autor)

[50] *Diz-se em "Inéditos da História Portuguesa" que o barqueiro das barcas por Deus era multado em 2$000 reis, sempre que se provasse que recebia dinheiro pela passagem.* (Afonso, A. M. (1971) Fontelas, Perfil Monográfico. Chaves: Edição do Autor)

[51] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. P.9







Figura 43 - Fotografia antiga da população do Moledo.
Figura 44 - Pintura ilustrativa aos banhos do rio.
Figura 45 - "Barca de Deus", barco de passagem para a margem contrária.

"Posteriormente em 1779, acrescentava o fr. Francisco dos Reis, sob o título Caldas da rede ou do Moledo: "na distância de meia légua, mais ou menos, da vila de Mesão-Frio, perto do lugar do Moledo, nas margens e areias do Rio Douro, se descobriram há poucos anos, quatro nascentes de água sulfurosa, branda no calor… Para os enfermos tomarem banhos fazem covas na areia, naqueles lugares de água tépida e se cobrem com ramos ou roupa e de noite com barracas. Não se podem ali fazer tanques ou casas porque o rio nas enchentes tudo desbarata…""[52]

Assim eram feitos os banhos termais nas caldas, de uma maneira muito primitiva, covas feitas na areia cobertas com ramos de árvore. Embora esta fosse a realidade, a qualidade das águas era inegável e, por isso, a sua procura era constante. Esta procura tinha que ser suportada por intervenções que pudessem apoiar os banhistas que frequentavam este lugar. Foi então que, em 1800, a estrada pombalina desempenhou um papel fundamental pois a construção desta estrada nacional, que ligava a Régua e Amarante, possibilitou o surgimento de alojamentos que, até à data, eram bastante escassos, obrigando os aquistas a passarem para a outra margem do rio em direção ao povo mais próximo, o Moledo da Penajoia. Esta estrada também veio pôr a descoberto novas nascentes que até então eram desconhecidas.[53]

As águas termais do Moledo, como nós reguenses o chamamos, apesar de serem provenientes de várias nascentes têm características muito semelhantes, estas classificam-se como sulfúreas, bicarbonatadas, sódicas, fluoretadas, pouco mineralizadas, com um pH de 9 e temperatura a rondar os 45ºC[54], já que todas as nascentes resultam do mesmo filão hidrotermal. São estas características diversificadas que as fazem destacar no panorama termal nacional[55]. Estas nascentes podem ser divididas em três grupos, inicialmente apenas se conhecia as nascentes da Beira-Rio, situadas mais próximas da

[52] Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico*. Chaves: Edição do Autor. P.46

[53] *A estrada pombalina, além de proporcionar novas nascentes, por si própria, como ainda hoje se verifica com qualquer nova estrada, criou à sua margem aliciantes motivos para habitação.*
Àqueles pobres e provisórios casebres, seguir-se-iam edifícios próprios, ao mesmo tempo que se vão erguendo casas próprias para alojamentos e habitação. (Afonso, A. M. (1971) Fontelas, Perfil Monográfico. Chaves: Edição do Autor)

[54] Correia, J. A. (Dezembro 2016) *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia.* Carviçais: Edição Lema d'Origem. P.15/16

[55] *O contexto geológico e hidrogeológico do sistema hidromineral e termal do polo de Caldas do Moledo gera condições que colocam este polo numa posição de especial relevância no panorama dos recursos hidrominerais e termais portugueses.* (Correia, J. A. (Dezembro 2016) *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia.* Carviçais: Edição Lema d'Origem.)





Figura 46 e 47 - Estrada pombalina que liga a Régua e o Porto.

margem do Douro, mais tarde encontraram-se as nascentes da Lameira, mais no centro do parque, no meio de um lamaçal. Posteriormente, como já foi apontado, por obra do acaso descobriu-se outra nascente denominada de Mina Velha, do lado de cima da estrada, em frente à nascente da Lameira, com a abertura da estrada nacional. Em último lugar, a construção da linha férrea do Douro expôs a última nascente, praticamente no mesmo local da anterior que se denominou por Mina Nova, formando estas duas últimas o conjunto de nascentes da Estrada[56].

É a partir deste momento que vemos a verdadeira evolução do Moledo, estas recentes descobertas resultaram numa afluência de pessoas como a região nunca tinha sentido antes e isso refletiu-se no desenvolvimento de toda a povoação e, consequentemente, das próprias termas. Nesta altura começam a surgir os investimentos e mudanças mais significativas nas termas, provenientes de duas famílias em particular, a família Cambiasso e a família Ferreirinha-Torres[57].

As primeiras alterações que surgiram no conjunto termal foram as substituições das primitivas banheiras, que até então não tinham as condições correspondentes à reputação das suas águas, por banheiras de granito, madeira e azulejos[58].

Apesar destas obras não terem respondido a todas as necessidades requeridas, elas mostraram-se de grande importância para o estabelecimento termal pois foram elas que despoletaram um maior interesse dos aquistas e uma crescente no que viriam a ser novos investimentos e intervenções futuras.

Simultaneamente a estas alterações nas termas, também o povoado do Moledo é alvo de algumas intervenções passiveis de menção pelo seu impacto positivo nos enfermos que aqui procuravam tratamentos e também nos que pertenciam à própria população local, intervenções estas maioritariamente na área do comércio e habitação. Começam assim a surgir casas, quarteis e estalagens de apoio à estância termal.

[56] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. P.10

[57] *Aqui chegam de diligência e de comboio, centenas de aquistas de todo o país e do Norte de Espanha, atraídos pelas suas águas, pelos seus hotéis, pelo seu casino.* (Afonso, A. M. (1971) Fontelas, Perfil Monográfico. Chaves: Edição do Autor.)

[58] Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico.* Chaves: Edição do Autor. P.48





Figura 48 - Estação ferroviária das Caldas do Moledo.
Figura 49 - Rua principal do povoado e alguns dos equipamentos que oferecia.

"Por falta de duches, inalações, irrigações e pulverizações limitavam-se ao tratamento de reumático e hepático...", donde, continua: o povo se convenceu de que estas águas não têm outra aplicação. E é tal a força desta falsa persuasão que ainda hoje muitos médicos se recusam a recomendá-las como lenitivo para outros males, posto que a experiência venha demonstrando de ano para ano quanto elas podem ser úteis em variadíssimos casos de outras doenças""[59]

Apesar destas primeiras intervenções terem sido de grande importância, as termas ainda estavam muito aquém no que diz respeito às potencialidades e usos a que estas águas podiam ser aplicadas, potencialidades essas que as propriedades destas águas possibilitavam pelas suas características singulares[60]. É a partir de meados de 1850, quando a estância é comprada pela família Ferreirinha-Torres[61] que, aos poucos, os equipamentos e infraestruturas necessárias para a prática de técnicas como inalações, irrigações e pulverizações, as quais proporcionavam o tratamento de variadas doenças que até então não eram aqui abordadas, foram sendo introduzidas.[62]

Com a compra da estância por parte da família Ferreirinha-Torres vêm os tempos áureos da povoação do Moledo que em 1888 contava com infraestruturas que ofereciam serviços nas mais variadas áreas do comércio e do entretenimento, das quais são de destacar um casino, casas de banhistas, para sustentar a procura termal, contava também com dois hotéis, o Petit Hotel e o Hotel Vilhena, contava com farmácia, talho, casa de fotografias, barbeiros, mercearias, tabernas, um mercado de fruta, sapateiros, funileiros, relojoeiros e correios. Para uma povoação tão pequena a oferta de serviços era enorme e isso contribuiu muito para a evolução da região a ponto de se designar um comboio

[59] Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico*. Chaves: Edição do Autor.

[60] *São águas hiposalinas, sulfúreas sódicas primitivas, carbonatadas sódicas, fluoretadas. São mesotermais e radioactivas.* (Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro.)

[61] *Um pouco antes de 1850 a Quinta das Caldas passou, por compra, da família Cambiasso para a Ferreirinha. "Foi seu comprador Francisco José da Silva Torres, Par do Reino, 2º marido de D. Adelaide Ferreira que fez o Palacete (em 1850) e melhorou as estâncias termais (entre 1875 a 1897).* (Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico.* Chaves: Edição do Autor.)

[62] *O uso terapêutico em todas as formas crônicas de reumatismo, e outras artropatias crónicas; em enfermidades do aparelho respiratório tais como bronquites, traqueítes, laringites e faringites; e nas doenças da pele e das mucosas, comprovado ao longo dos séculos, é extraordinariamente benéfico e consagrou as caldas do Moledo como estância de tratamento naquelas situações clínicas.* (Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro.)





Figura 50 - Dona Antónia Adelaide Ferreira, principal impulsionadora das termas e de toda a região do Douro.
Figura 51 - Vista de duas das principais atrações da região, o Grande Hotel e o Casino.

particular que fazia o percurso Régua-Moledo, comboio este que se destinava ao transporte de aquistas do concelho do Peso da Régua, para além dos que vinham do resto do país e até mesmo de Espanha[63].

"A conjugação das características deste recurso geológico com outras valências da envolvente local/regional, nomeadamente a sua localização junto ao rio Douro, a riqueza do património histórico, cultural e paisagístico, a classificação do Alto Douro Vinhateiro como património da Humanidade, a oferta de distintas e importantes infraestruturas de transporte, o elevado fluxo turístico à região, entre outros, colocam o polo termal de Caldas de Moledo numa situação única de promoção e crescimento nos domínios da balneoterapia, do turismo de saúde e bem-estar, da geotermia e de outros subprodutos associados ao termalismo. São dinâmicas capitais, geradoras de fixação de recursos humanos e da criação de riqueza, tão importantes para a região."[64]

O desenvolvimento do Moledo andou par a par com o crescimento das termas devido, não só à descoberta das novas nascentes, mas também ao investimento da família Ferreirinha-Torres, nomeadamente por parte de D. Antónia Adelaide Ferreira. Foi ela que melhorou de forma significativa a estância de 1875 a 1897 e lhe abriu caminhos para novos equipamentos e novas técnicas terapêuticas.

As termas ficaram distribuídas em três secções diferentes após estas intervenções. Estas zonas foram divididas de acordo com as novas nascentes postas a descoberto e ficaram distribuídas da seguinte forma. O primeiro balneário encontrava-se na estrada nacional, do lado norte da rua onde se situavam as nascentes da Mina Nova e da Mina Velha, postas a descoberta na abertura da nacional e da linha ferroviária. Este edifício ficou conhecido como Banhos da Estrada e tinha 12 balneários entre os quais o primeiro e o último eram considerados luxuosos e os restantes apenas diferiam no que diz respeito à temperatura da água, sendo que os 4 primeiros a água tinha uma temperatura de 35ºC, o quinto e o sexto de 34 ºC e todos os outros a temperatura da água era de 32 ºC[65]. O segundo conjunto ficou conhecido como Banhos da Lameira, em frente aos Banhos da Estrada mas já situados dentro do jardim, na nascente da Lameira. Este aglomerado estava dividido em 4 edifícios, o primeiro, conhecido como o 28, tinha 6 balneários sendo que os últimos dois eram de luxo, o primeiro com água à temperatura de 27ºC e de 36 ºC e os restantes com temperaturas de 36 ºC. O segundo edifício,

[63] Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico*. Chaves: Edição do Autor. P.52
[64] Correia, J. A. (Dezembro 2016) *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia.* Carviçais: Edição Lema d'Origem. P.16
[65] Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico*. Chaves: Edição do Autor. P.49







Figura 52 e 53 - Balneário da Estrada, Caldas do Moledo, antes e atualmente.
Figura 54 - Fotografia antiga dos Banhos da Lameira.

denominado de 30, era constituído por 6 balneários, todos estes com os mesmos 38 ºC sendo que apenas o último era de luxo. O terceiro pavilhão, chamado de o 39, encontrava-se nas traseiras do anterior e tinha mais 4 balneários com águas temperadas a 38 ºC. Estes balneários eram todos direcionados para aquistas com menos possibilidades económicas. O último pavilhão era direcionado apenas para duches, irrigações, pulverizações e inalações e era uma experiencia de tal forma luxuosa que era considerado o melhor do país daquele tipo[66].

Por fim, o terceiro balneário, nomeado como Banhos do Rio, situava-se junto ao rio, nas primeiras nascentes a serem conhecidas antes da descoberta das novas. Era aqui que se encontravam as piscinas e a bica, único lugar com água própria para ser ingerida[67].

Nesta altura as Caldas de Moledo atingiam assim o seu apogeu termal no fim do século XIX. Esta foi a época em que mais aquistas recorreram ao tratamento das suas enfermidades nestas águas. Deste modo a estância termal tornava-se uma referência no panorama termal português, destacando-se das restantes termas portuguesas pelas particularidades das suas águas e a variedade de tratamentos que estas podiam oferecer, assim como todos os equipamentos de comércio, transporte e alojamento que a região oferecia para quem a visitasse[68].

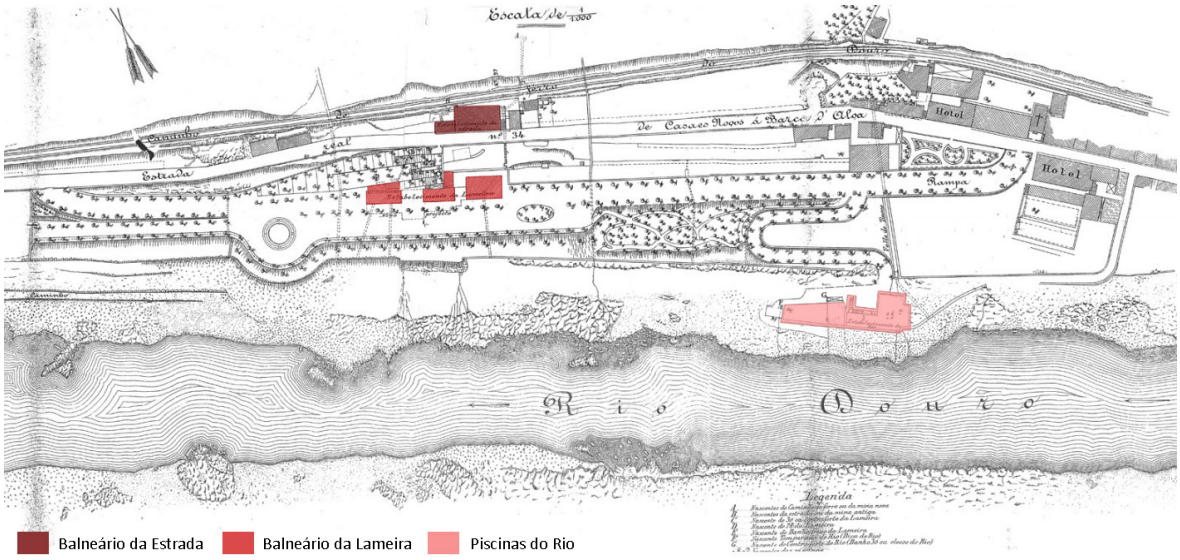
A morte da principal promotora das termas, D. Antónia Adelaide Ferreira, juntamente com outros fatores, marca o princípio do declínio de todo o Moledo. Um deles foi o impacto que a Primeira Guerra Mundial teve na frequência de aquistas nas termas, tendo início em 1914 e fim em 1918, esta veio diminuir o número de aquistas que frequentavam as termas para cerca de metade. A segunda década do século XX foi devastadora para as termas o que resultou na sua venda por parte dos herdeiros de Ferreirinha ao Coronel Miguel Evaristo Teixeira de Barros em 1923. O que poderia ser uma nova esperança para o ressurgimento das termas acabou por ser profundamente

[66] *Pelo gosto, conforto e perfeição do material deste pavilhão, José da Costa Florido considera-o o melhor do país deste género.* (Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico*. Chaves: Edição do Autor. P.50)
[67] Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico*. Chaves: Edição do Autor. P.50
[68] *Os últimos anos do seculo XIX e a primeira década do seculo XX são anos de farta concorrência de aquistas e de sólida reputação do valor terapêutico das águas do Moledo. Em 1898, registaram-se 1980 aquistas, número que não voltou a ser atingido.* (Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. P.10)





Figura 55 - Blaneário do conjunto dos banhos da Lameira, fotografia atual.
Figura 56 - Vista dos antigos banhos do rio, junto à margem do Douro.
Figura 57 - Esquema geral da distribuição dos edifícios das termas das Caldas do Moledo.



abalado pelo que foi a Segunda Guerra Mundial, entre 1939 a 1945 esta guerra trouxe uma decadência económica a todo o país, isto também se refletiu na mentalidade e disposição da população para a frequência às termas. Nesta altura fecharam vários estabelecimentos comerciais e hoteleiros, os que iam resistindo perdiam relevância a cada ano que passava[69].

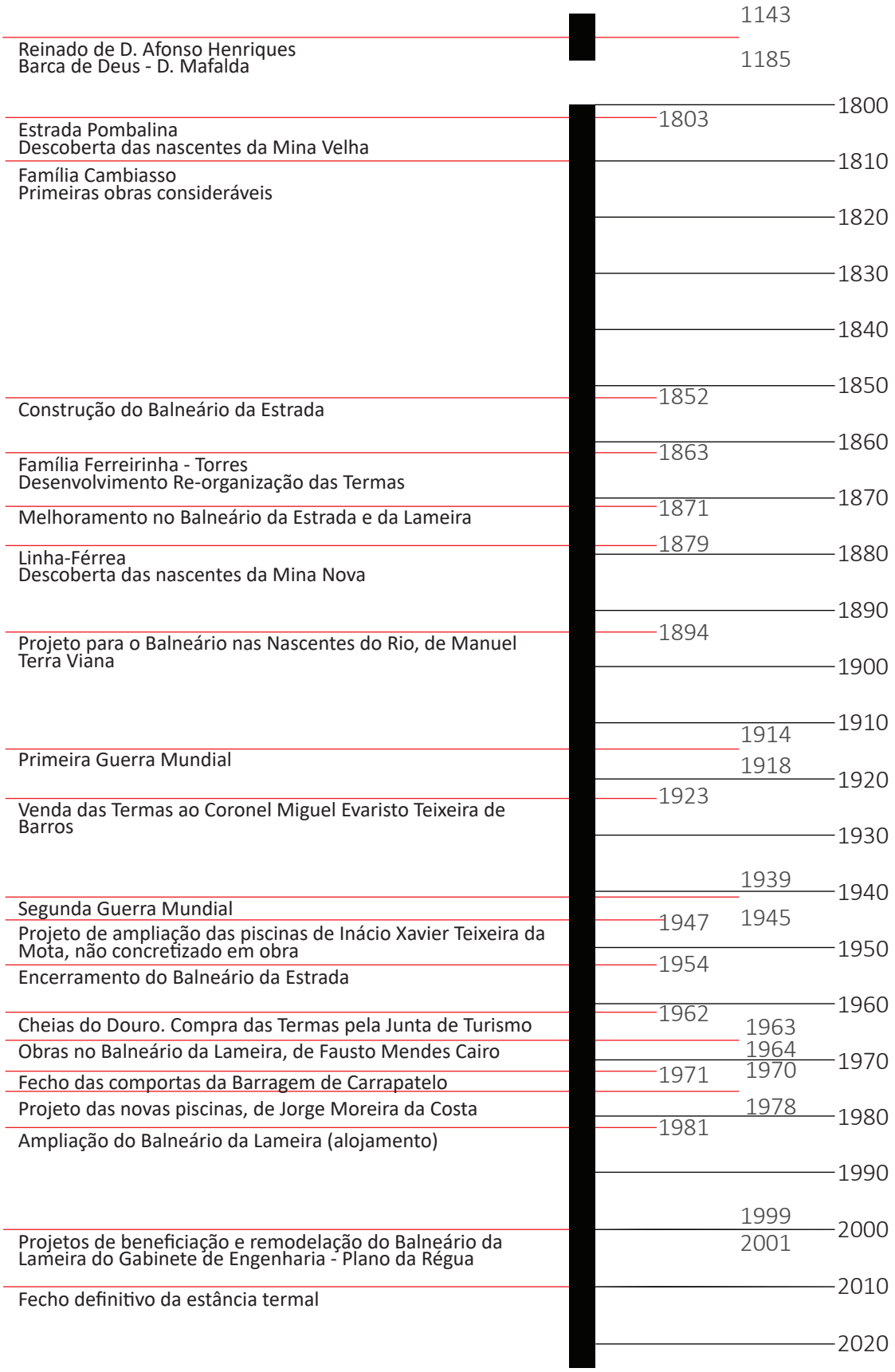
Mais tarde, em 1954 fecha um dos hotéis mais imponentes do Moledo, o Grande Hotel, fecham também os Balneários da Estrada pela falta de aquistas e investimento, um duro golpe para as termas que decaem por completo com a cheia de 1962, o nível das águas do Douro chegou a atingir os Banhos do Rio e o Balneário da Lameira[70].

A exemplar engenharia das piscinas do rio, como se irá ver mais à frente, permitiu que o edifício resistisse a estas cheias, mas a maior parte dos equipamentos do Moledo ficou muito debilitado e isso refletiu-se na atitude do, na altura proprietário das Termas, Coronel Teixeira da Mota, em vender as Termas e a Quinta das Caldas à Junta de Turismo em Junho de 1962.

Foi a Junta de Turismo que ficou encarregue de fazer as termas renascerem, reconstruiu o Balneário da Lameira e limpou o conjunto das Piscinas do Rio, porém em 1971, a barragem de Carrapatelo destrói grande parte do trabalho realizado, submergindo a albufeira onde se encontravam as Piscinas do Rio e o parque da Quinta das Caldas[71].

[69] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. P.11
[70] Idem. Ibidem. P.11
[71] Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico*. Chaves: Edição do Autor. P.53

Cronologia das Termas das Caldas de Moledo



ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DO EDIFÍCIO DAS PISCINAS

As Nascentes do Rio, como já foi dito anteriormente, foram as primeiras a ser descobertas e como resultado as primeiras estruturas instaladas para o aproveitamento desta fonte termal foram aqui implantadas.

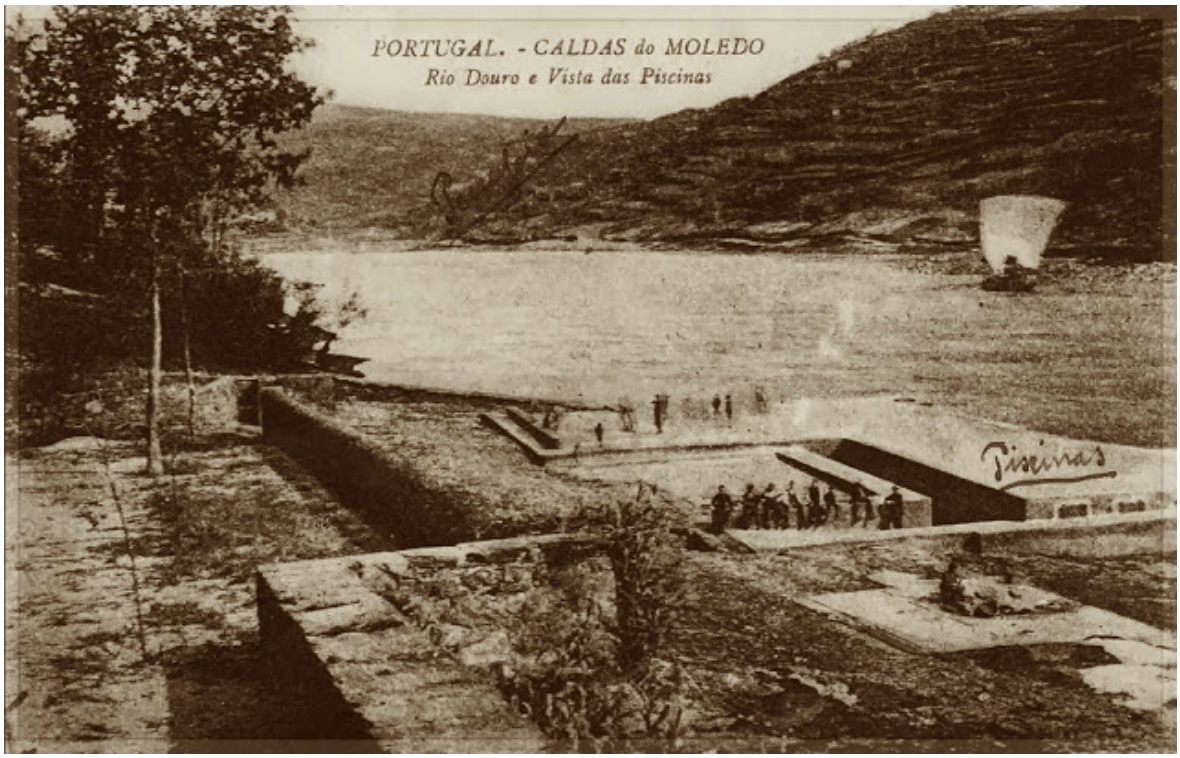
Naturalmente, os banhos eram feitos de uma forma bastante simplista, o aproveitamento destas águas fazia-se diretamente das fontes termais encontradas à beira rio e, como já foi referido, os banhos eram feitos em covas nas margens do rio, feitas na areia e cobertas por ramos. Desta forma os banhos ficavam limitados à época balnear pois as covas estavam dependentes do nível da água do rio, ficando submersas nas épocas de maior pluviosidade.

Uma das intervenções mais significativas de que os Banhos do Rio foram alvo veio por parte de Manuel da Terra Viana[72], nesta altura o engenheiro encontrou os banhos já feitos em banheiras de madeira, azulejos e cantaria[73] porém, o principal problema ainda estava presente, as cheias do rio danificavam as estruturas usadas para os banhos. Esta é uma das razões que leva Terra Viana a utilizar a engenharia e robustez no projeto para os novos balneários com o principal objetivo de que a estrutura resistisse à subida das águas do Douro[74]. Estas características também estavam a ser exploradas por Terra Viana noutros projetos, nomeadamente nas Termas de Sangemil. Situadas em Tondela, em Lajeosa do Douro, estas que partilhavam do mesmo problema que o de Moledo pela sua localização muito próxima da margem do rio Dão.

No Moledo o acesso ao edifício era feito por uma rampa que possibilitava a deslocação de doentes com mobilidade reduzida. O balneário tinha uma estrutura de betão com cobertura de abóbodas assentes em vigas de aço em duplo T e sem qualquer tipo de ornamentos. Os vestiários encontravam-se no exterior em pavilhões temporários para a facilidade de montagem e desmontagem nas épocas das cheias e no interior

[72] Manuel da Terra Pereira Viana (1856-1935) – Engenheiro e oficial da armada portuguesa
[73] Obras feitas no período em que as termas pertenciam à família Cambiasso
[74] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.160

Figura 58 - Piscinas do Rio,
de Manuel Terra Viana.



existia a piscina que, segundo o autor, trazia bastantes vantagens comparativamente aos banhos de imersão nas banheiras comuns, entre as quais a sua maior dimensão para a liberdade de movimentos e facilidade na prática de exercício. No final da época balnear todo o mobiliário, bombas e vestiários exteriores eram retirados e o edifício podia ser inundando pelo rio sem que qualquer prejuízo afetasse os balneários[75].

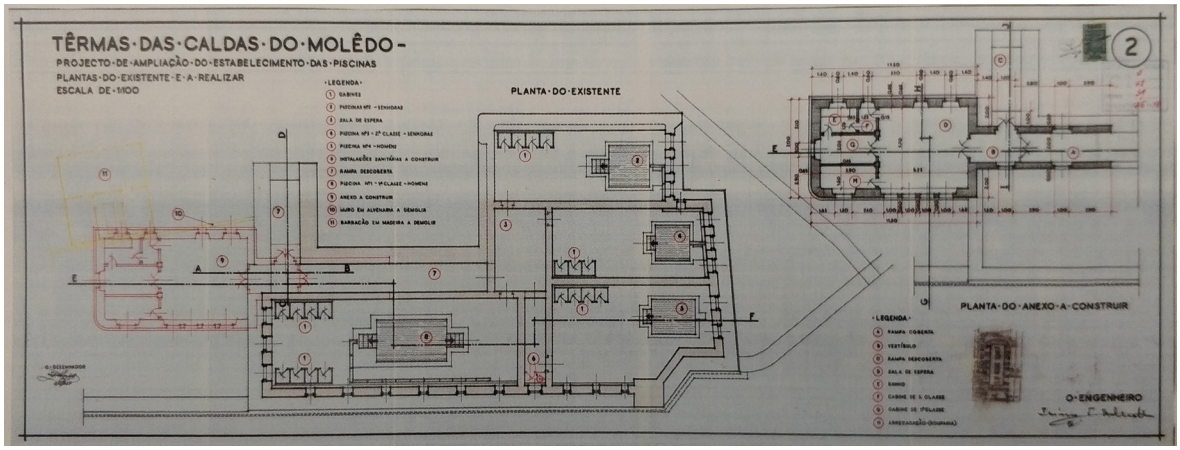
As piscinas comuns, apesar de em tempos terem sido bastante utilizadas, tinham entrado em desuso e, nesta altura, começavam cada vez mais a conquistar o seu lugar nos balneários termais novamente. Normalmente estas piscinas operavam com uma bomba de água que erguia o nível das águas constantemente para usufruto da mesma, o que, naturalmente, trazia um custo elevado de funcionamento. A proximidade dos balneários do Rio com a margem do rio Douro possibilitou a Terra Viana uma solução diferente das de mais utilizadas, já que a bomba só entrava em funcionamento quando o nível das águas era muito baixo impossibilitando o seu uso no balneário. Esta decisão podia ser empregue em outros balneários com nascentes minerais próximas de cursos de água, o que reduzia o número de vezes que a bomba entrava em funcionamento e a quantidade da água elevada, isto trouxe uma maior eficiência e economia no emprego das águas minerais[76].

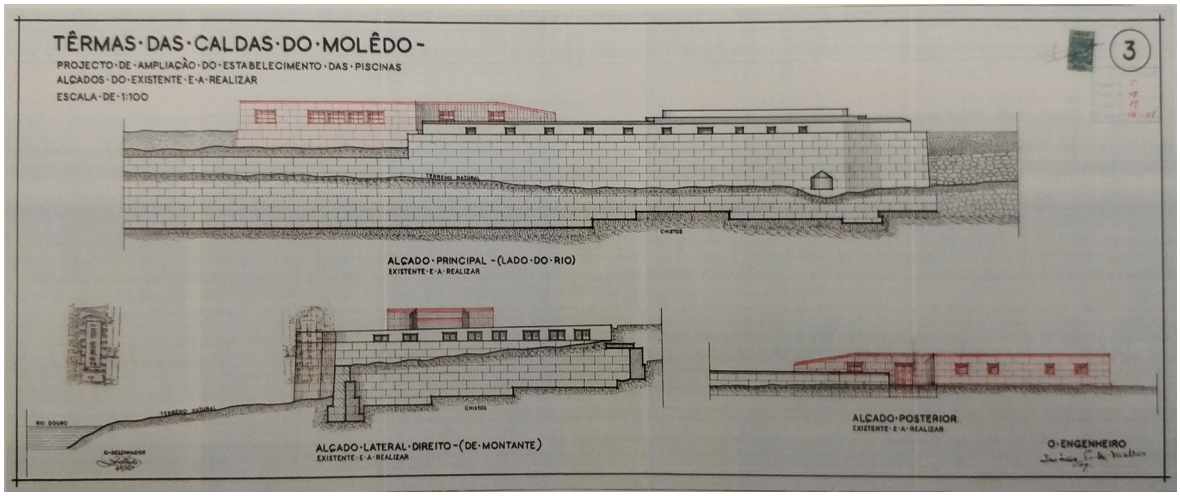
Mais tarde, em 1947, surge um projeto de ampliação do balneário por parte do engenheiro Inácio Xavier Teixeira da Mota, plano este que consistia na construção de um anexo de apoio ao balneário já existente, da autoria de Terra Viana. Embora existam desenhos deste projeto, o mesmo nunca chegou a ser concretizado em obra[77].

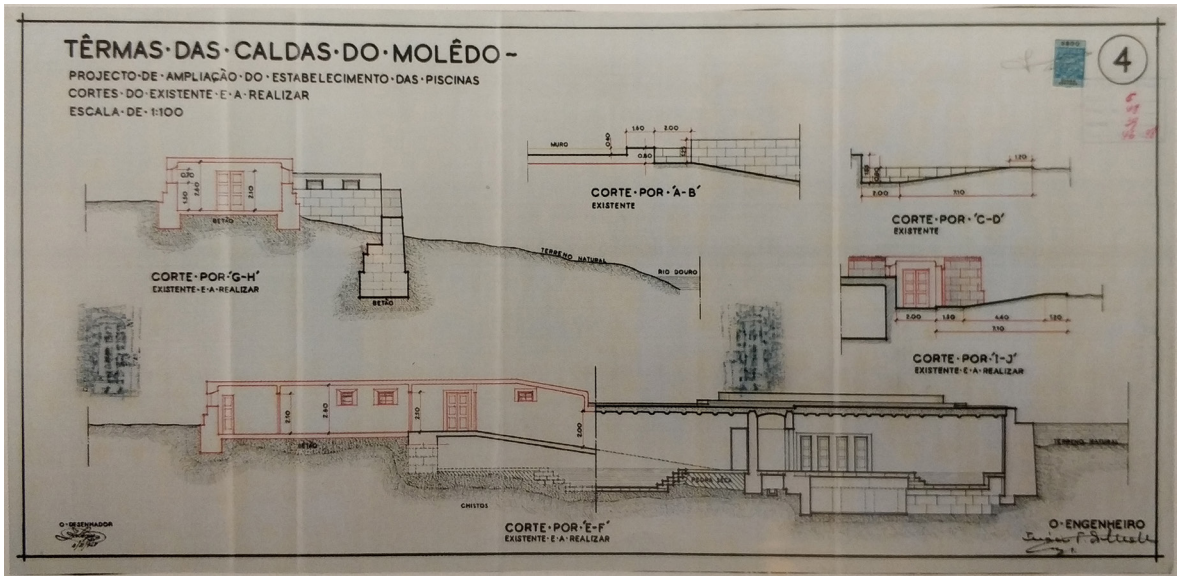
Apesar de este balneário ter sido alvo de grandes elogios pela sua engenharia, capacidade estrutural e resistência à subida do nível das águas do rio, este acabou por não ser preservado devido à construção da barragem de Carrapatelo. Em Fevereiro de 1971, as comportas desta barragem situada no Douro entre o Porto e a Régua foram

[75] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.162
[76] Idem. Ibidem. P.162
[77] Idem. Ibidem. P.390

Figura 59, 60 e 61 - Projeto de ampliação das Piscinas do Rio, de Inácio Xavier da Mota, nunca executado em obra.







encerradas e isso trouxe um fim penoso para o conjunto dos Banhos e Nascentes do Rio já que ficaram submersos com a subida do nível das águas impossibilitando a sua utilização.

A Junta de Turismo, numa tentativa de preservar a qualidade das águas, depois de vários estudos e tentativas, realiza, finalmente com sucesso, um furo na diagonal até ao subsolo para a captação das mesmas. Desta forma as águas conseguem chegar por canais até à superfície sem que as suas propriedades químicas e qualidades terapêuticas sejam perdidas. Esta mesma solução acabou por ser utilizada também em relação às outras nascentes, que embora não tivessem sofrido com a subida do nível do rio graças às suas cotas mais altas, acabaram por ser desativadas e substituídas por perfurações inclinadas, uma no local correspondente ao Balneário da Lameira e outro num lugar próximo do Balneário da Estrada[78].

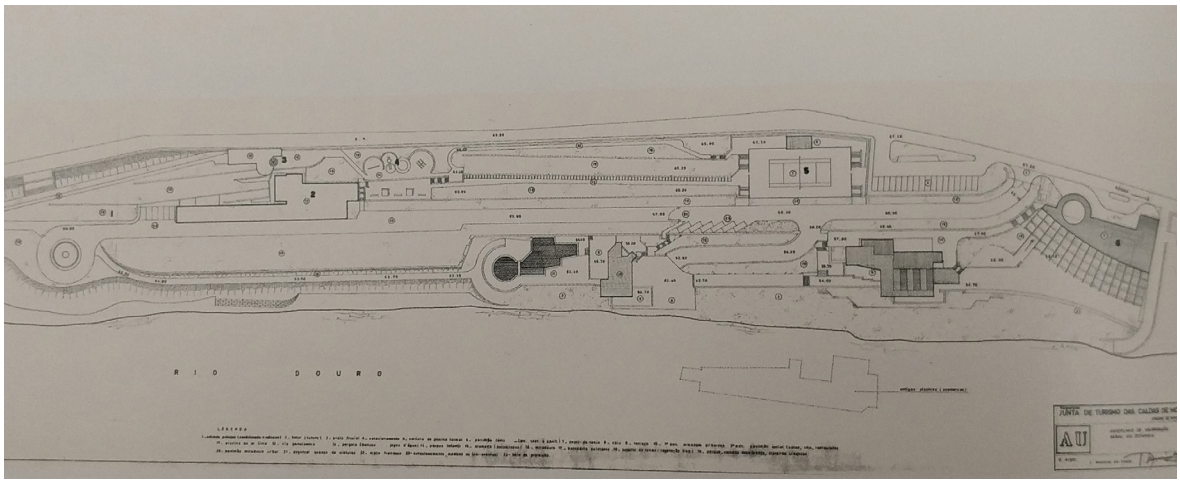
Com a submersão das piscinas era imperativo salvaguardar as funções que este balneário desempenhava no complexo termal. Para isso foi apresentada, por parte da Junta de Turismo, uma proposta de construção de um edifício onde se encontrariam as novas piscinas bem como equipamentos de desporto e de recriação infantil no parque das termas, projeto orçado em 12000 contos na altura.

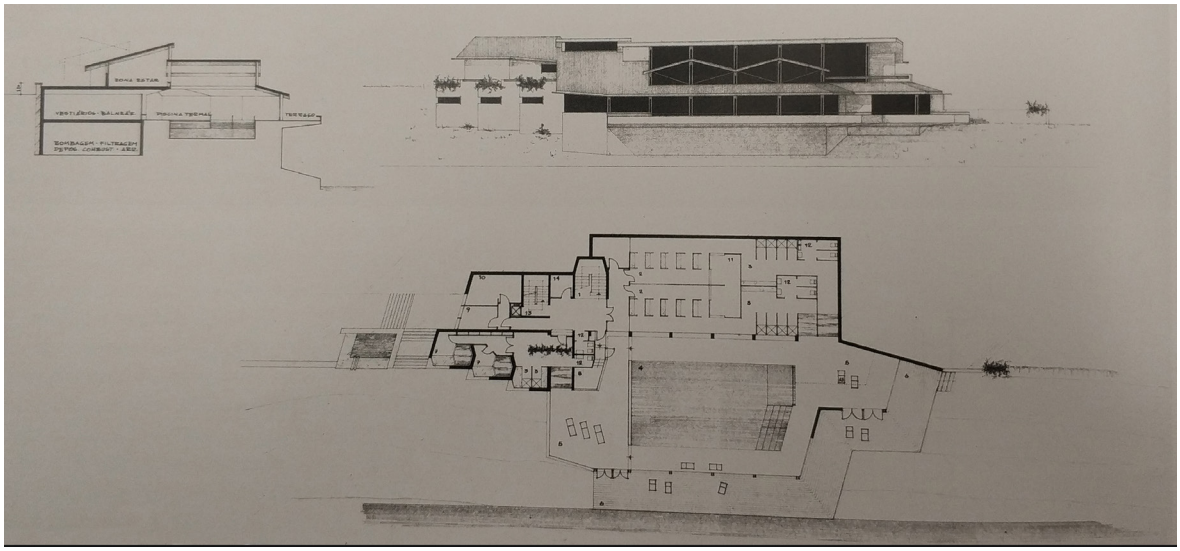
Este novo balneário situar-se-ia uns metros mais acima das piscinas anteriores, a uma cota mais elevada e é da autoria do arquiteto Jorge Moreira da Costa[79]. Quem percorre a estrada nacional no sentido Régua – Porto e desce através do primeiro grande portão de entrada para o parque termal encontra as piscinas imediatamente a seguir à primeira curva, do lado esquerdo, sensivelmente a meio da rampa.

O edifício é constituído por 2 pisos de programa termal, o rés-do-chão com um bar e quartos de hóspedes, programas ligados ao lazer e descanso de aquistas com amplos terraços para o aproveitamento dos enfiamentos visuais que o rio Douro e toda a sua envolvente oferecem e bastante luz natural possibilitada por grandes aberturas para os

[78] Afonso, A. M. (1971) *Fontelas, Perfil Monográfico*. Chaves: Edição do Autor. P.53
[79] Arquiteto que começa a surgir na arquitetura termal nos anos 50, sendo as piscinas de Pedras Salgas e do Palace Hotel de Vidago já da sua autoria.

Figura 62 e 63 - Projeto de renovação do parque do Moledo e do edifício das Piscinas do Rio, do arquiteto Jorge Moreira da Costa.





clientes que se encontram no interior do edifício. O piso -1 contém as piscinas comuns e duas individuais, com possibilidade para um acrescento das mesmas e de implementar novas técnicas termais no futuro, como é o caso de inalações coletivas e individuais através de vapor de água e aparelhos próprios para o efeito, duches e irrigações. Aqui também se encontrava uma receção abraçada pelas cabines de vestiários, os balneários, duas salas polivalentes e alguns espaços técnicos e de arrumação. A zona técnica encontra-se no piso -2 onde estão presentes todos os equipamentos de suporte ao edifício[80] e o piso -3 contém os tanques de reservatório das águas recolhidas[81].

A linguagem exterior do balneário revela uma preocupação de Moreira da Costa para integrar o edifício na envolvente do lugar, pois apesar da modernidade que o betão trouxe ao balneário, o jogo de coberturas mostra a intenção de conjugar estas diferentes alturas que o jogo de terraços e telhados conferem ao edifício com as encostas do vale do Douro marcadas pelos socalcos das vinhas que as cobrem.

A entrada principal do edifício encontra-se virada para a rampa e dá acesso ao rés-do-chão que se comunica com o piso -1 através de uma caixa de escadas comuns e uma previsão de um futuro elevador de acesso entre os pisos. Em relação aos pisos técnicos o acesso é feito no piso -1 por umas escadas secundárias que ligavam até ao piso -3. Atualmente esta entrada principal apenas dá acesso ao rés-do-chão já que a comunicação deste com os restantes pisos encontra-se cortada, o acesso ao piso das piscinas é feito diretamente por uma entrada secundária, situada do lado esquerdo da principal, que dá acesso à caixa de escadas comum já mencionada, ficando estes dois pisos sem contacto interior entre eles.

Este projeto que se concluiu em 1978 devolveu parte do ânimo que o Moledo perdera e a região começa a ganhar vida novamente, alguns equipamentos reabrem e as termas vão continuando a resistir mas não por muito tempo, já que a reprova de

[80] *O piso da cave ficou destinado a instalações técnicas, designadamente sistemas de bombagem, caldeira de arrefecimento, manutenção de temperatura, filtros de areia e corpos sólidos, derivações para abastecimento de banhos individuais, pulverizações individuais e coletivas.* (Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.288)

[81] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia. P.288





Figura 64 e 65 - Fotografias atuais da condição e estado do balneário.

financiamentos e a disputa entre a o município do Peso da Régua e a Turismo do Douro pelas termas trouxe um desleixo e falta de investimento nas mesmas o que leva ao seu fecho definitivo em 2010.

Após vários anos desta disputa, o Parque Termal acaba por ser oferecido ao município de Peso da Régua pela, então sua proprietária, Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal em 2016. Este entendimento entre estas duas entidades foi fundamental para que possam surgir novos projetos e investimentos em conjunto e só beneficiou, não só as termas, mas também toda a região do Douro, para que o Moledo possa finalmente renascer.

"Não vamos repetir aqui o elogio das Caldas do Moledo. Fizeram-no grandes sábios… Reconheceram-no doentes e doentes. Ninguém duvidará do poder miraculoso das Caldas do Moledo em vários reumatismos e doenças de pele. O que aqui pretendemos não é elogiar o que a si próprio se elogiou, curando gerações e gerações de padecentes. O que pretendemos é varrer a nossa testada, gritando aqui, deste cantinho, a homens públicos e particulares: ressuscitai as Caldas do Moledo!"[82]

[82] Correia, J. A. (Dezembro 2016) *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia.* Carviçais: Edição Lema d'Origem. P.19

Figura 66 - Vista geral do balneário, Piscinas do Rio



PROJETO



"…há aqui diferentes nascentes, diversas em temperatura, quantidade e composição química. Esta variada riqueza e cuidado que tem havido em conservar descriminadas em separados depósitos as diversas veias, permite preparar banhos a temperaturas variadas, sem auxílio de aquecimento artificial, a não ser para duches quentes.

O Moledo deve ser contado hoje como uma das estâncias para onde se não deve hesitar em mandar enfermos que a par das vantagens das águas sulfurosas quentes e temperadas, precisem de aproveitar os efeitos do clima seco e excitante do Douro."

Alípio Martins Afonso (1971)

PROJETO

PLANEAMENTO E ESTRATÉGIA

É imperativo recuperar as termas do Moledo. A qualidade das águas destas fontes são inquestionáveis, como já foi referido anteriormente, grandes especialistas colocam as águas das Caldas de Moledo numa posição de destaque a nível nacional e recomendam a sua utilização aos aquistas na cura de várias doenças. Vários doentes reconhecem esse mesmo poder "milagroso".

"As Caldas do Moledo são uma riqueza local, regional e nacional. Conhecê-las e defendê-las é obrigação de nós todos.

Entre a Régua e Caldas do Moledo, houve antigamente animado convívio em cada temporada. A Régua ia distrair-se às Caldas do Moledo. O Moledo vinha à Régua fazer as compras ou exercitar as pernas libertas de muletas.

Lucrava a Régua e o Moledo. Principalmente a Régua, que fazia negócio e conversava com pessoas finas, hóspedes de prol que por aí passavam.

Morreu esse intercâmbio. A Régua fica hoje mais próxima da Lua que das Caldas."[83]

As características desde lugar são únicas no concelho e a sua recuperação favorece bastante não só as Caldas como a própria cidade do Peso da Régua. Toda a região do Moledo tem um ambiente propício à prática do lazer e da medicina termal. Os balneários, o parque, a natureza, o rio, a paisagem. Todos estes elementos fazem com que a experiência aqui vivida seja muito prazerosa e representarem uma fuga real aos problemas quotidianos e a cura de certas enfermidades. Para além disso, o facto de este lugar estar inserido na Região Demarcada do Douro, Património Mundial, confere-lhe ainda mais potencialidades graças à sua vertente turística.

A vontade de recuperação deste parque termal por parte da Câmara Municipal do Peso da Régua já é conhecida há largos anos, porém o projeto nunca chegou a avançar. Deste modo, a abordagem para a intervenção neste lugar foi interpretada num contexto

[83] Correia, J. A. (Dezembro 2016) *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia.* Carviçais: Edição Lema d'Origem. P.18

o mais real possível, tendo em conta os entraves orçamentais que um projeto municipal desta natureza pudesse encontrar. Com isto, a escolha de apenas um dos balneários integrantes das termas para renovação num futuro próximo foi a opção mais exequível e com um impacto menos demorado para a região.

Atualmente, nenhum dos edifícios está ativo para fins medicinais e recreativos, apenas se encontra em atividade um conjunto de quartos destinados ao alojamento dos utentes das termas, situados no piso superior do balneário da Lameira. A partir desta decisão, a escolha do balneário apoia-se naquele que oferece as melhores condições de adaptação às técnicas termais de hoje e que pode oferecer maior variedade de tratamentos. Neste contexto, a eleição do balneário das Piscinas do Rio surge com alguma naturalidade. O edifício das Piscinas simboliza, por um lado, o primeiro lugar onde a população descobriu e fez uso das águas termais pela primeira vez, por outro é o mais marcante e aquele que contém o programa principal de todo o conjunto termal, as piscinas comuns.

As Piscinas do Rio são vistas como o balneário com maior potencial de todo o agregado, a sua recuperação tem em vista todo o conjunto pois pretende-se que este sirva como um elemento dinamizador não só deste como de toda a região. Com esta intervenção espera-se um crescente interesse pelas termas e pelas Caldas do Moledo, o que consequentemente trará mais investimentos e, no futuro, a recuperação dos restantes balneários do parque termal bem como de alguns edifícios emblemáticos, como por exemplo, o Casino, o Hotel Vilhena e o Petit Hotel. O real objetivo é, assim fazer renascer o Moledo.

A primeira abordagem ao edifício passou por definir o que se se manteria no futuro e o que seria demolido. Assim sendo, o volume onde se encontram as piscinas, em termos estruturais foi praticamente todo reaproveitado já que, para além de ter as formas mais agradáveis e com melhor leitura, as próprias piscinas também se encontram num lugar bastante privilegiado. Já o volume adjacente a este foi parcialmente demolido e reestruturado, foram suprimidas algumas arestas demasiado pronunciadas, principalmente na fachada virada para o rio, na região dos banhos individuais com vista a

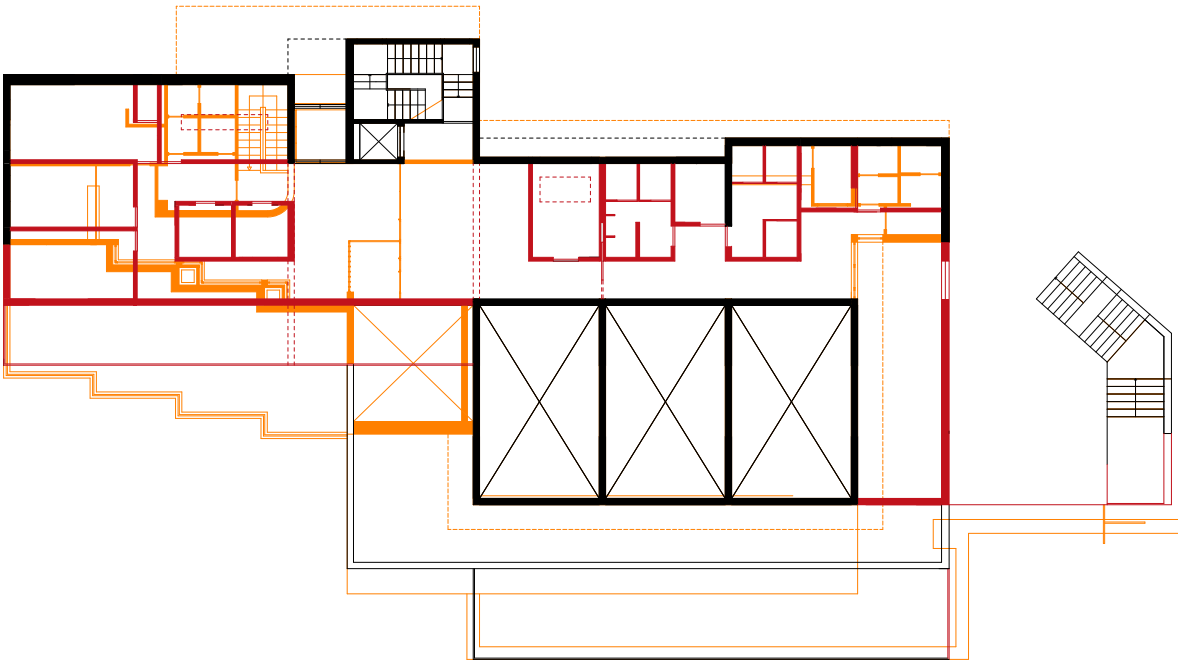
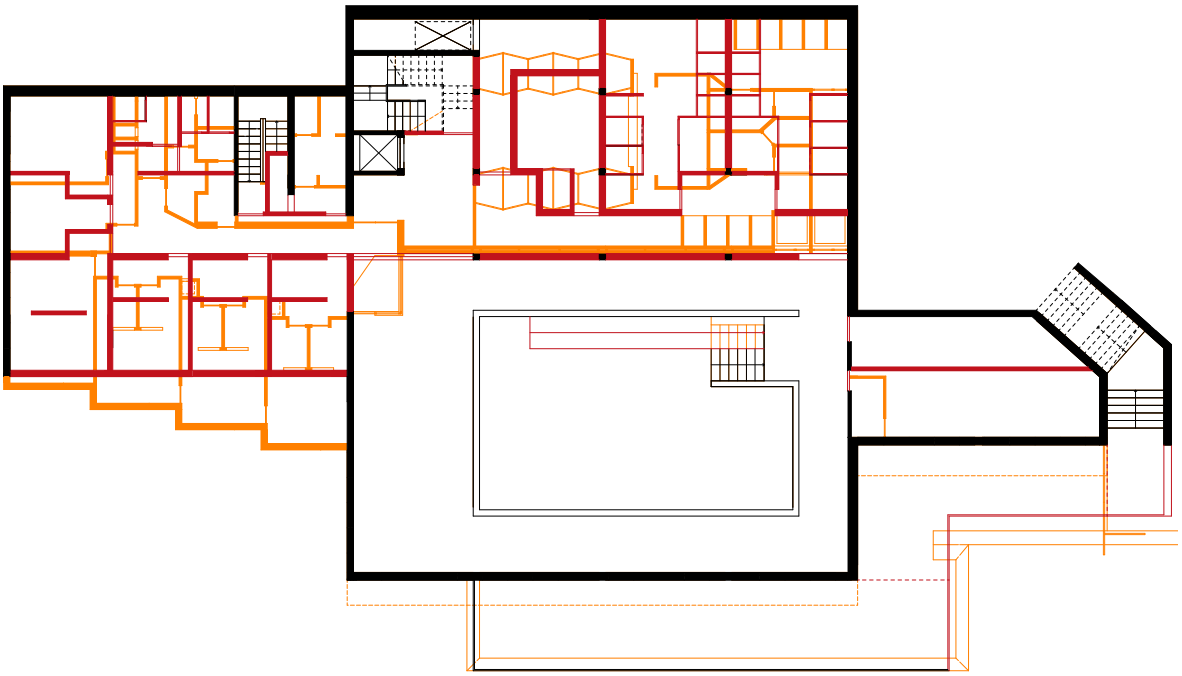


Figura 67 - Planta ilustrativa dos elementos a demolir (amarelo), a manter (preto) e a construir (vermelho).



conseguir a mesma leitura e limpeza em todo o balneário. Desta forma, o aspeto geral exterior do edifício reflete a organização do seu interior. É percetível um balneário estruturado em três volumes em comunhão, sendo que a entrada é marcada pelo volume central, mais alto, espaço que interliga e distribui todo o programa do estabelecimento termal. O próximo passo foi desenvolver um princípio organizador do espaço onde os percursos fossem o mais claros possíveis e os espaços de circulação diminuíssem de modo a que o balneário ficasse melhor otimizado e aproveitado para o programa termal propriamente dito. Tendo estas ideias em conta optou-se por aplicar o método da divisão do edifício com base em dois circuitos, o "limpo" e o "sujo", sistema já referido anteriormente. Este princípio lógico mostrou-se bastante vantajoso para este balneário em particular uma vez que o programa desenvolve-se em dois pisos diferentes, no piso 0 e no -1, ficando o -2 e -3 encarregues das salas de máquinas e tanques de armazenamento das águas recolhidas, respetivamente.

Uma vez que o piso -1 já contava com as piscinas comuns, banhos individuais e vestiários, este fica inteiramente destinado ao programa que exige a troca de roupa por parte dos aquistas e que estes circulem apenas com o equipamento apropriado à pratica do banho. Fica assim o piso inteiro destinado ao "circuito limpo". Dito isto, o "circuito sujo" ocorre no piso 0, piso de entrada no edifício, onde a própria natureza de um lugar onde entram e saem constantemente pessoas, o torna mais propício à contaminação do seu interior com elementos do ambiente exterior. É aqui que se irão desenrolar todos os serviços de terapia e lazer que o utente pode disfrutar com a roupa que traz no corpo.

Após esta divisão do espaço, o balneário ganha um carácter mais ordenado, sendo necessário equacionar a introdução do programa terapêutico e social para que estes princípios começassem a ganhar forma. Para isso foi necessário o estudo da situação atual das termas portuguesas, no que diz respeito a programa, e de algumas normas de distribuição das várias salas de terapia e de serviços atribuídas pela Associação das Termas de Portugal[84].

[84] Associação constituída no dia 16 de Dezembro de 1996 com vista à promoção e ao desenvolvimento técnico, económico e social do termalismo e das termas portuguesas.

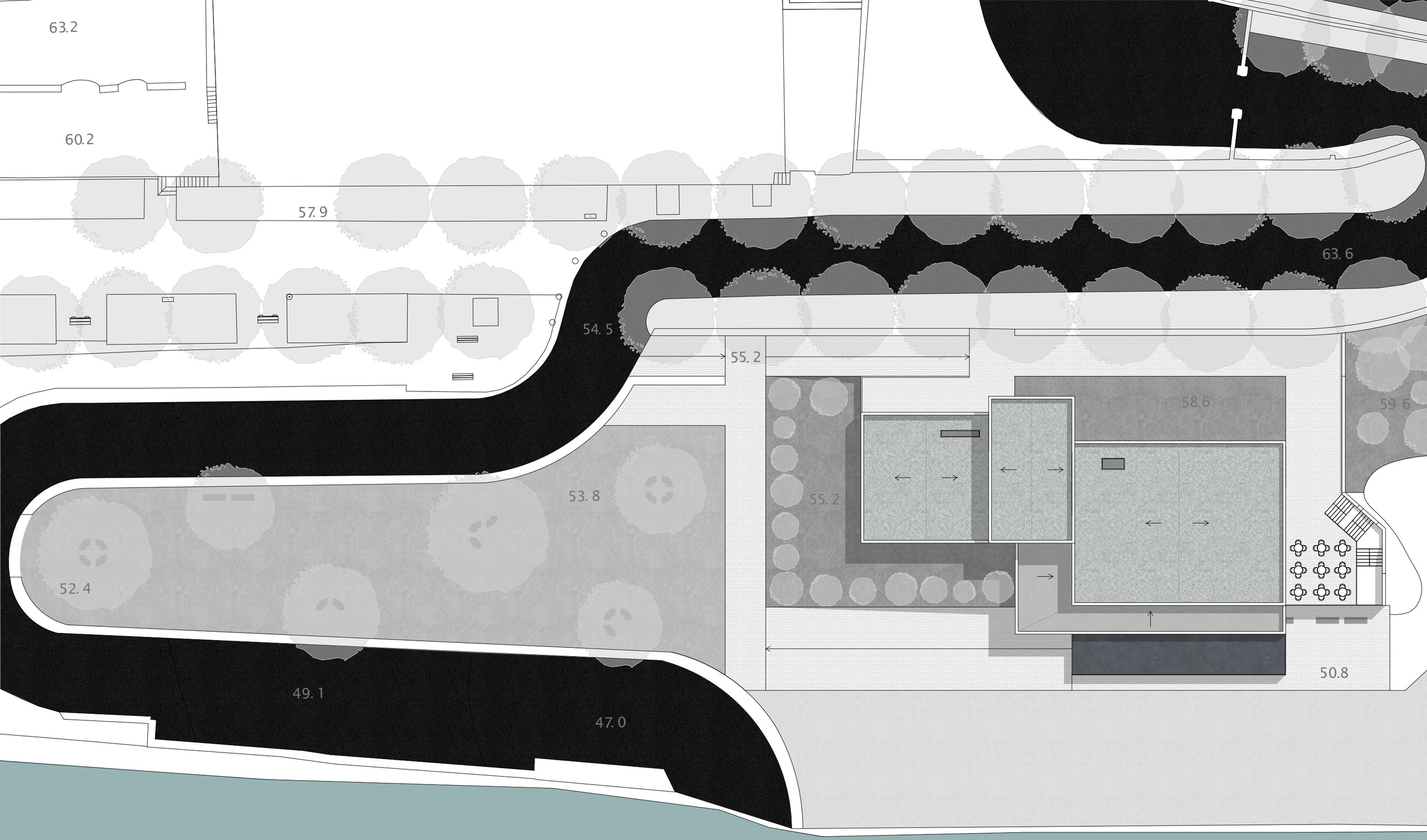


Figura 68 - Planta de coberturas do edifício. Escala 1/300

A qualidade e diversidade das águas do Moledo deve-se à sua proveniência de várias fontes termais, como já foi referido anteriormente. Isto confere-lhe características diferenciadas capazes de responder com sucesso a vários tipos de enfermidades. Deste modo e para tirar partido destas particularidades e desta capacidade de resposta, procurou-se delinear um plano para que o programa agregasse várias técnicas terapêuticas e assim tirar partido de todas as qualidades que as águas do Moledo oferecem.

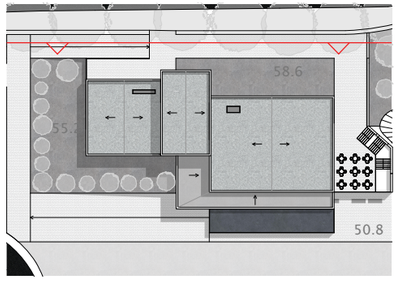
"As Caldas do Moledo, com as quinze fontes termais que lhe assinalou Ferreira da Silva, podem gabar-se de conhecer a escala termométrica, sem necessidade de aquecimento nem arrefecimento, desde o banho fresco até o banho de quarenta graus. Antecâmara da Régua, núcleo de paisagem amena e grandiosa, espelhada no rio Douro, as Caldas do Moledo, a dois passos do Porto, virão a ser, se toda a gente quiser, estância única. Termas caudalosas, em clima seco, livre de ventanias, poderão abrir todo o ano para tratamentos, recreio e repouso.

À parte das curas termais, resumidas no artigo de 1964, poderá tentar-se, nas Caldas do Moledo, com devido apetrechamento e mãos peritas, a recuperação neuromuscular de muito estropiado. Caldas do Moledo, santuário dos diminuídos…

Quanto aos válidos, também o Moledo os poderá atrair. Ponto é que a concessionária ou empresa que lhe suceda imagine e construa piscinas à moderna, onde tritões e nereidas se banhem e rebanhem. Águas de variada termalidade, poderão adaptar-se ao ambiente a qualquer hora do dia. Assim o queira quem souber o que valem as Caldas do Moledo."[85]

[85] Correia, J. A. (Dezembro 2016) *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia.* Carviçais: Edição Lema d'Origem. P.39

Figura 69 - Alçado do balneário virado para a rua. Escala 1/200.



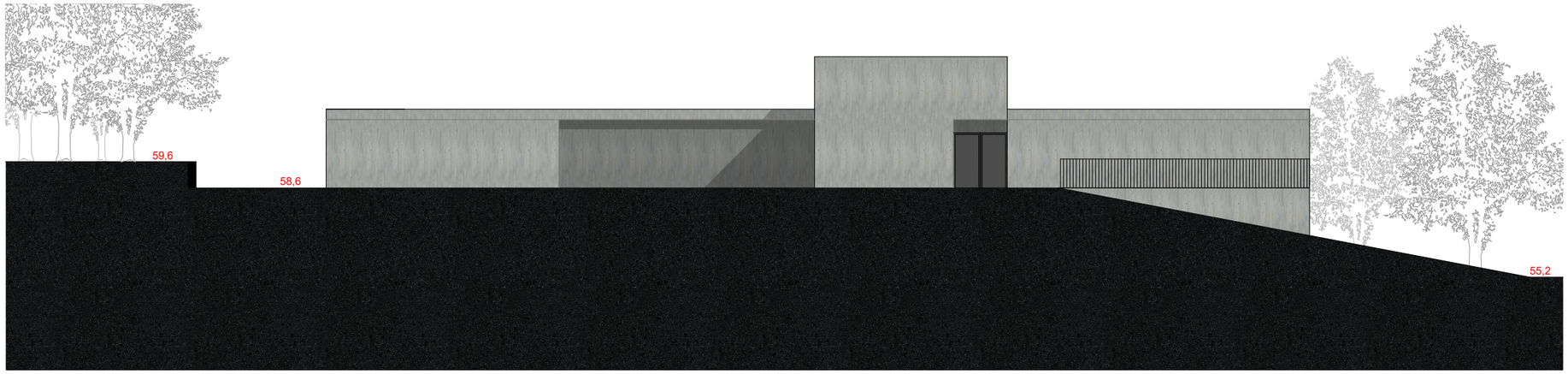
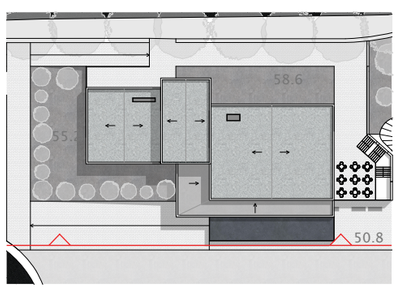


Figura 70 - Alçado do balneário virado para o rio. Escala 1/200.





CONFIGURAÇÃO DO PROGRAMA E DO ESPAÇO

O edifício tem duas entradas, sendo que a entrada principal apenas dá acesso ao piso 0, já que o acesso à caixa de escadas apenas se dá por uma entrada lateral secundária. Isto abriu a possibilidade de ter uma entrada primária e outra secundária no balneário. Primeiramente foi reestabelecido o contacto deste piso com a caixa de escadas e, desta forma, todos os andares do edifício comunicam entre si. Com isto a entrada frontal fica destinada apenas para os aquistas e é a partir daqui que eles se distribuem por todo o balneário. Quem entra pela entrada lateral são os empregados das termas, já que para além de ser secundarizada, esta entrada sai diretamente nas escadas que ligam ao piso inferior, lugar onde se encontram a sala e os vestiários dos funcionários. Deste modo a distribuição das pessoas é feita de uma forma mais dispersada, mantendo o ambiente calmo e o bom funcionamento do balneário.

Atualmente, o piso 0 não oferece nenhum programa termal propriamente dito, ele é composto apenas por um café com dimensões bastante generosas e quartos para alojamento dos aquistas. A primeira etapa foi remover o programa residencial, decisão que foi sustentada pela existência de alojamento com o mesmo efeito no próprio parque e foi uma forma de incentivar, mais uma vez, a intervenção nas construções degradadas já mencionadas, como resposta a uma procura bastante elevada destas termas, que se acredita que acontecerá de novo. De seguida, embora se tenha mantido a função do café, este foi reposicionado e redimensionado já que ocupava cerca de metade da área de todo o piso.

A distribuição do programa é feita em torno do espaço de receção dos aquistas, espaço este que une os dois lados diferentes do piso, o medicinal e o recreativo. O átrio de receção é o coração do balneário, a partir daqui o utente consegue aceder a todo o estabelecimento, tanto neste piso como no piso inferior, pois a caixa de escadas também se encontra aqui situada. Esta zona é marcada por uma entrada com um pé direito simples que se transforma num átrio amplo de pé direito duplo, proporcionando um contraste de sensações ao aquista que culminam com enfiamentos visuais do rio e da

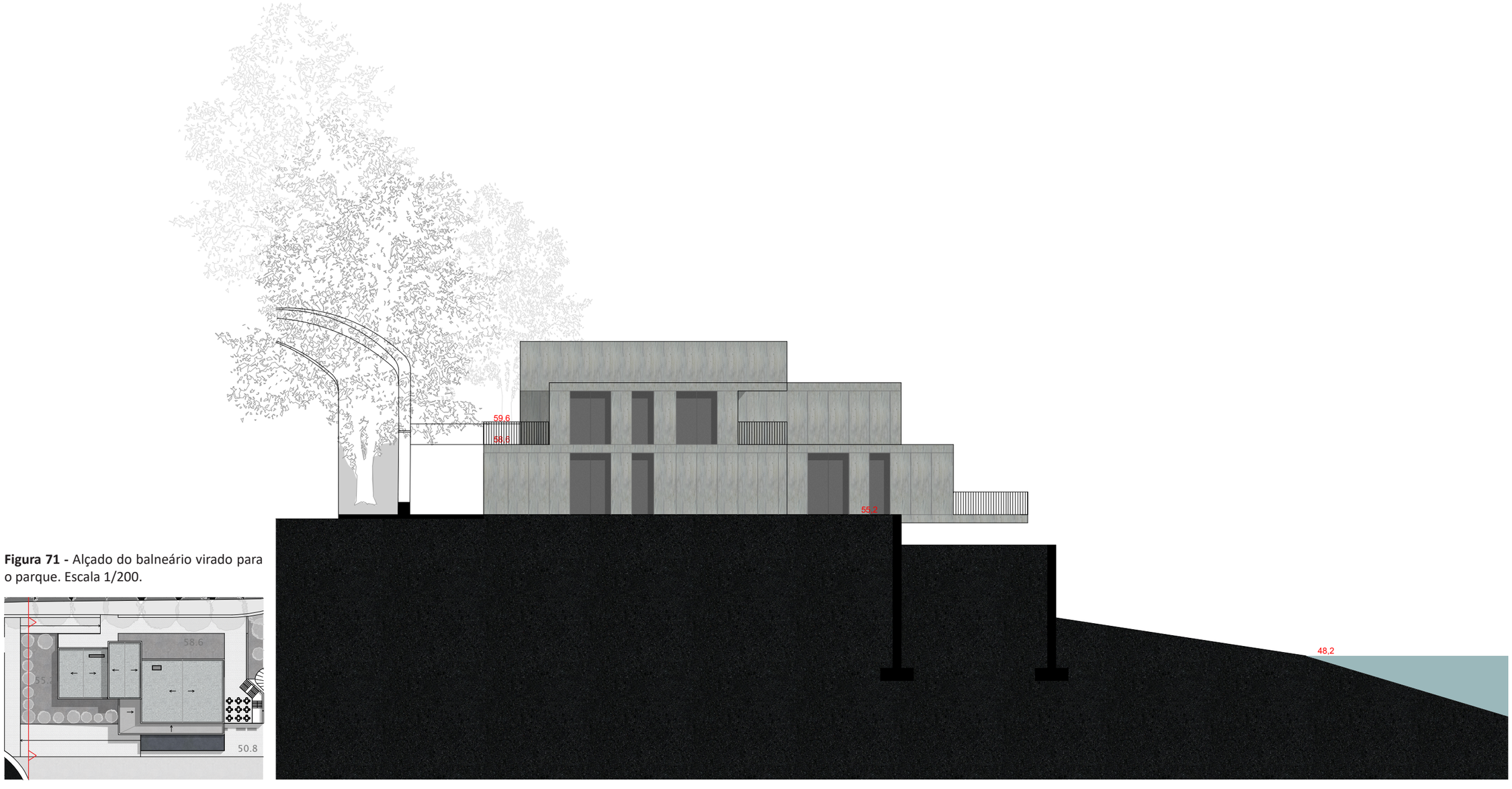


Figura 71 - Alçado do balneário virado para o parque. Escala 1/200.

margem oposta do Douro. A diferença de altura da cobertura ajuda na demarcação dos 3 espaços principais do piso, a receção, o lado de tratamentos e o lado do lazer.

Na perspetiva do utente, ao chegar a esta zona encontra a receção à esquerda, com um balcão de apoio destinado à compra de senhas para os vários tratamentos possíveis, e um espaço de circulação que acaba no bar, passando pela sala do diretor do balneário e pelo WC. O posicionamento do bar, no extremo esquerdo do balneário, é o ponto-chave para o planeamento de todo o piso. Esta opção deve-se a vários motivos, o primeiro foi a vista privilegiada sobre a paisagem e a possibilidade de extensão do interior para uma área exterior com características bastante favoráveis ao repouso e ao convívio. Outra das razões é hipótese de ligação com um caminho exterior que poderá servir de cargas e descargas, da mercadoria e do lixo, sem interferir com o funcionamento normal do restante balneário. Por último, e talvez a razão que mais pesou nesta opção, foi a sua localização permitir o uso independente do balneário, pois as características do espaço de comunicação do bar com o restante edifício favorecem o fecho e individualização das duas partes através de uma porta de correr desenhada de maneira a ficar impercetível quando o espaço termal estiver em funcionamento, mantendo a fluidez do espaço em que se insere. Para além disso, um acesso já existente nesta zona, permite esta separação fazendo-se a entrada no bar também por aqui.

Todos estes fatores fazem com que, apesar de pertencerem ao mesmo volume e se comunicarem de uma forma natural, contínua e harmónica, quando necessário estes espaços também consigam funcionar autonomamente. Desta forma, apesar de a principal função deste café passe por servir as termas, sempre que estas estejam fechadas, seja no fim do horário laboral ou por qualquer outra razão, o bar poderá, ainda assim, estar em pleno funcionamento.

Outra das questões planeadas em relação a este piso trata-se do posicionamento estratégico do núcleo de WC, fazendo a ponte entre o bar e o resto do edifício. Uma vez que o edifício não é muito extenso em comprimento, não existe qualquer tipo de constrangimento pelo facto do sistema sanitário do piso estar todo concentrado nesta região. Isto é um fator importante porque era necessário que o WC adquirisse a mesma



Figura 72 - Planta do piso 0, piso de entrada no edifício, correspondente ao percurso "sujo". Escala 1/200

1-Sala de inalações/pulverizações; **2**-Sala de massagem/fisioterapia; **3 e 4**-Consultório médico; **5**-Sala para ingestão da água medicinal; **6**-Arrumos/sala técnica; **7**-Zona de espera; **8**-Varanda; **9**-Átrio; **10**-Caixa de escadas; **11**-Receção; **12**-Gabinete do diretor; **13**-WC homens; **14**-WC cadeirantes; **15**-WC mulheres; **16**-Arrumos do café; **17**-Copa do café; **18**-Balcão; **19**-Área dos clientes; **20**-Esplanada.

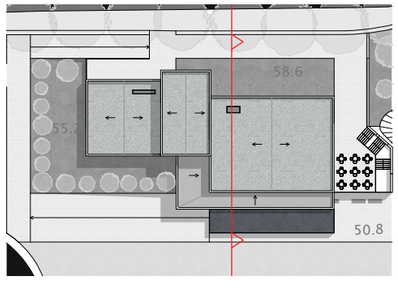
autonomia que o bar revelava. Só nesta zona, em contacto com o bar e o restante programa em simultâneo, é que era possível assegurar que os sanitários também se consigam separar do restante balneário quando este está fechado e neste caso estes funcionam apenas como casas de banho do café.

À direita de quem entra, o lado oposto do estabelecimento, o lado medicinal, caracteriza-se pela concentração das salas de tratamento. Aqui foram planeados gabinetes de modo a respeitar o princípio de circuitos definido desde o início, deste modo procedeu-se à seleção de técnicas que não forçassem o aquista à troca de roupa. Assim sendo podemos encontrar uma sala para tratamentos das vias respiratórias, que permite o seu tratamento de diversas formas como por exemplo, irrigações nasais, inalações, vaporizações, entre outras. Uma sala de massagens e fisioterapia, com vestiário individual e todo o equipamento associado e dois consultórios médicos para atendimento dos doentes.

A ilha criada nesta zona contém uma sala de apoio para arrumos e questões técnicas, para além de outra divisão destinada exclusivamente à cura hidropínica, onde o aquista, depois de aconselhado pelo médico no que diz respeito à dose e ao período da toma, procede à ingestão da água termal. Técnica que apenas é possível quando as águas termais permitem o seu uso interno, o qual no caso das águas do Moledo é aprovado[86]. Esta solução surge como uma forma de definir melhor o espaço já que, este volume no centro de uma área ampla, não só cria uma clara divisão entre o átrio de receção e a zona das salas de cura, mas também faz com que existam vários momentos diferentes ao seu redor. Esta opção é mais vantajosa para o problema em questão pois, desta forma a distribuição dos utentes para as várias salas faz-se de uma forma muito mais ordeira e dispersa ao longo da galeria. Com isto também surgiu a possibilidade de criar uma área de espera com vista direta para o Douro e a possibilidade de contacto direto com o espaço exterior que se traduz numa varanda sobre o rio.

[86] *Próximo das piscinas, brota a Bica do Rio, cuja água termal, temperada, se destina a uso interno. É útil no tratamento de muita dispepsia.* (Correia, J. A. (Dezembro 2016) *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia.* Carviçais: Edição Lema d'Origem. P.37)

Figura 73 - Corte transversal ao balneário. Escala 1/200.



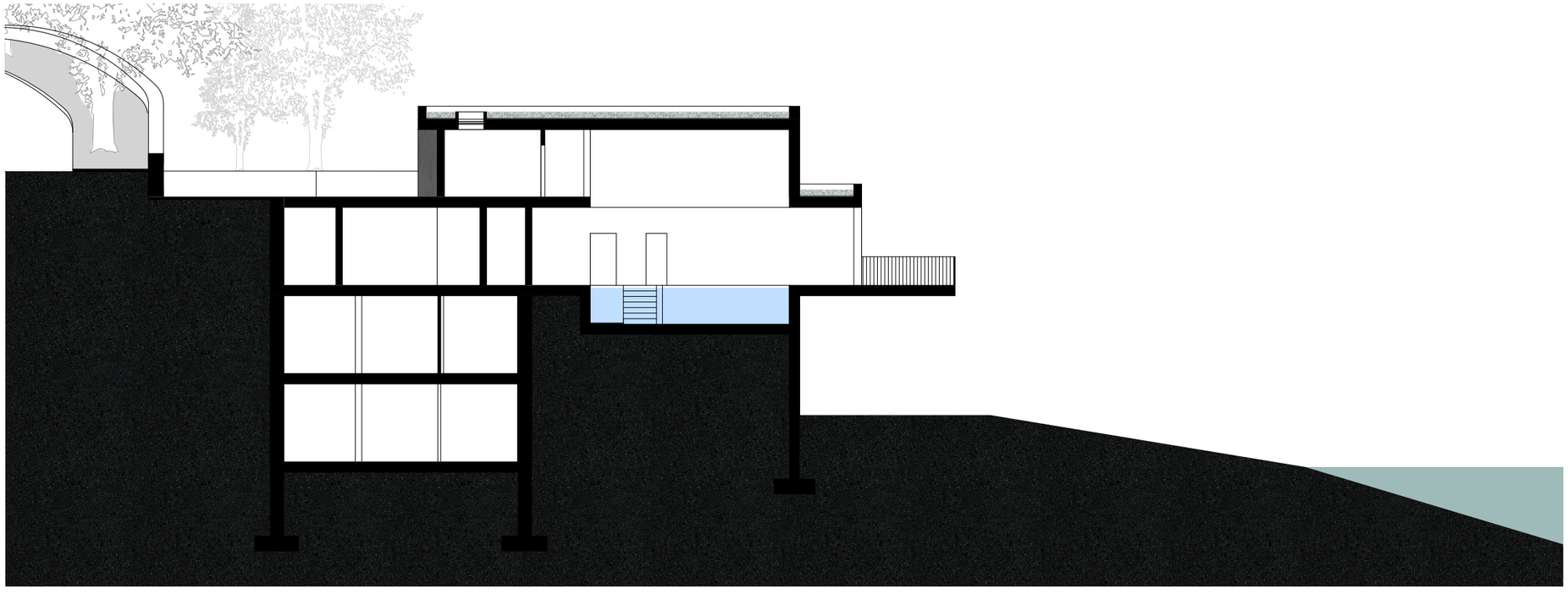
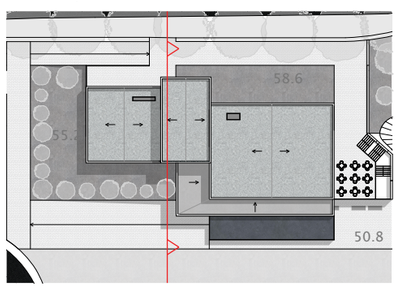
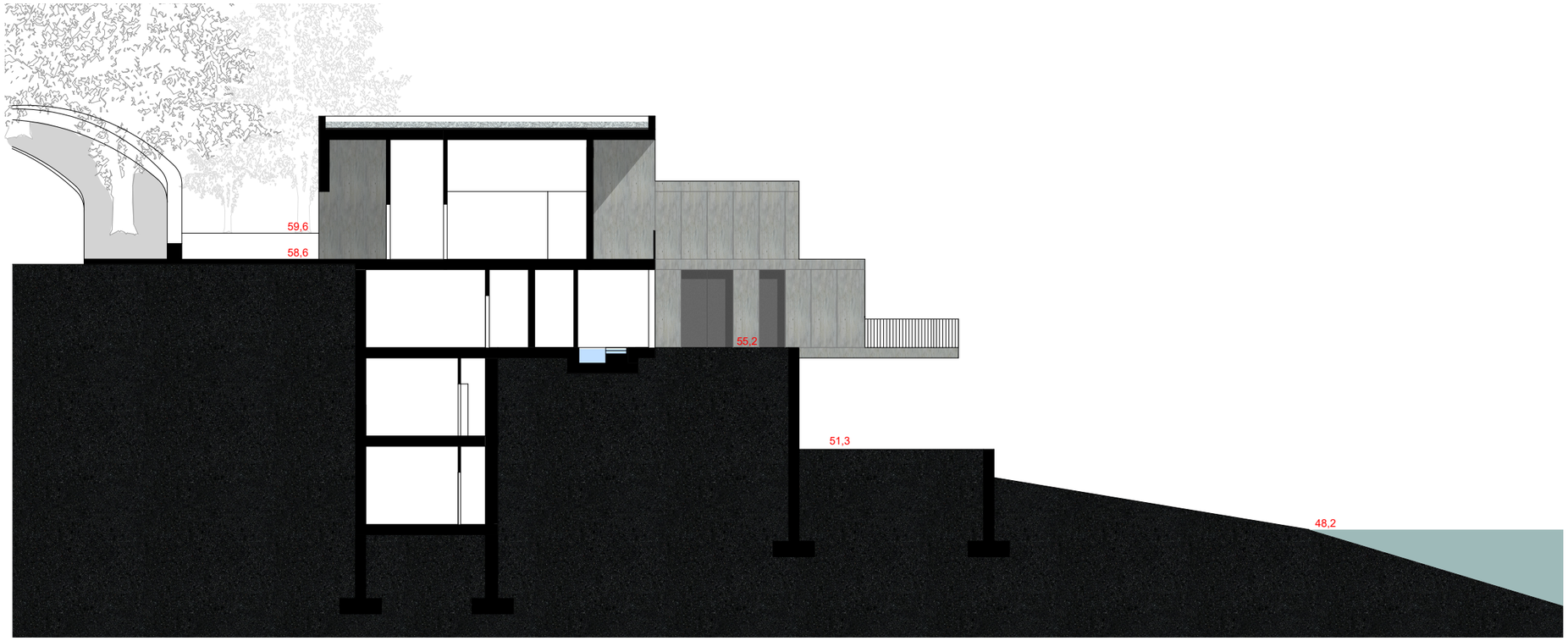


Figura 74 - Corte transversal ao balneário. Escala 1/200.





O ponto de partida para o planeamento do piso inferior começa no posicionamento da piscina comum. Visto que esta estava num lugar bastante benéfico, não havia motivo para alterar a sua localização, o que trouxe vantagens a nível de organização do espaço e ao mesmo tempo em termos económicos. Depois da piscina definida procurou-se manter alguma coerência dos espaços de circulação entre os dois pisos, foi desta forma que a sua configuração mantem as diretrizes do piso de entrada, um corredor único e direto, que se abre em pequenos átrios nas zonas de acesso aos vestiários, escadas e salas de tratamentos.

Ao sair do volume da caixa de escadas, o aquista depara-se, tal como acontece no piso de entrada, com a paisagem do Douro através de grandes aberturas estratégicas que se alinham e formam estes enfiamentos visuais. O espaço que os recebe é um pequeno átrio de espera com um balcão de apoio com dimensões bastante mais reduzidas comparativamente ao átrio de entrada principal. Atrás deste balcão, os trabalhadores têm acesso a um corredor de serviço que culmina num vestiário onde procedem à alteração da vestimenta assim que chegam do exterior do balneário para desempenharem as suas funções. Este corredor também dá acesso a um monta-cargas, já existente, que liga com o piso inferior a este.

Quando o utente sai desta pequena sala de espera, a sua passagem deverá ser direta para os vestiários para se equiparem com a roupa de banho apropriada. Estes encontram-se do lado esquerdo num átrio reduzido, resultante do alargamento do corredor, pelo qual se faz o acesso tanto ao lado masculino como ao feminino. A partir daqui este pode frequentar todo piso desde as piscinas, passando pelos banhos e duches individuais, até à sauna, esta que fica ao lado dos balneários com o intuito de quando o aquista termine as atividades termais usufrutue e relaxe na suana e siga diretamente para os vestiários.

Ao fundo do corredor encontramos um lava-pés que faz o contacto dos vestiários com a piscina, a única entrada para este espaço de modo a que se proceda à lavagem dos pés sempre que lá se entre. Esta sala, juntamente com o átrio de entrada, são as áreas mais amplas de todo o balneário, esta caracteriza-se pela piscina sensivelmente no centro



Figura 75 - Planta do piso -1, piso correspondente ao percurso "limpo". Escala 1/200

1-Caixa de escadas; **2**-Átrio; **3**-Balcão de receção; **4**-Vestiários do pessoal; **5**-Sauna; **6**-Balneário masculino; **7**-Balneário feminino; **8**-Lava-pés; **9**-Piscina comum; **10**-Arrumos; **11**-Área de repouso; **12**-Varanda; **13**-Sala de banhos; **14**-Sala de banhos; **15**-Sala de banhos; **16**-Aplicações de contraste; **17**-Enfermaria; **18**-Sala dos funcionários; **19**-WC de serviço homens; **20**-Zona de espera; **21**-WC de serviço mulheres; **22**-Escadas de serviço; **23**-Sala de duche individual.

do espaço, na localização original, com a sua área prolongada em altura originando um pé direito duplo contrastante com todo o espaço que a cerca. A luz também é abundante, graças ao conjunto de janelas abertas para todo o vale do Douro. Estas aberturas para o exterior dão também acesso a uma varanda que se estende até à lateral do edifício. Associada às piscinas dividiu-se uma sala já existente de modo a que uma metade ficasse para arrumos, destinada a todo o material que possa ser usado nas atividades aquáticas, e outra para repouso, com espreguiçadeiras para usufruto do aquista e com acesso à mesma varanda mencionada anteriormente.

O lado oposto deste piso concentra todos os compartimentos destinados aos banhos e duches individuais. Aqui a oferta mostra-se bastante mais variada, contrariamente à existência de apenas três salas de banho anteriormente, o balneário passa a integrar as mesmas três salas de banho, embora todas completamente redesenhadas e integradas no restante balaneário, salas para aplicação de contrastes e salas de duches. Começando pelos banhos individuais, estas três divisões estão configuradas de igual forma, cada uma delas é dividida em dois momentos, o de entrada onde o aquista conta com uma pequena divisão equipada com um sofá de apoio, onde poderá despir o roupão e esperar nos intervalos periódicos dos banhos, quando for o caso. O segundo espaço é o do banho propriamente dito, onde estão presentes um lavatório e uma banheira incorporada no piso da sala, conferindo maior espacialidade à mesma, reforçada pelas grandes aberturas visuais para o rio.

No que diz respeito às aplicações de contraste, estas consistem em banhos individuais a diferentes temperaturas, passando o aquista do banho quente ao banho frio em duração e ritmos determinados pelos especialistas do balneário. Sendo assim o conceito da organização do espaço é o mesmo, este divide-se entre a zona de entrada e a zona do banho, mas desta vez estão presentes duas banheiras com temperaturas de água distintas para proporcionar ao aquista este choque de temperaturas. No caso do Moledo as várias fontes de água termal existentes possibilitam a utilização da água sem qualquer aquecimento ou arrefecimento artificial pois, como já foi dito anteriormente, a água já tem temperaturas altas numas fontes e baixas em outras. Esta particularidade não se

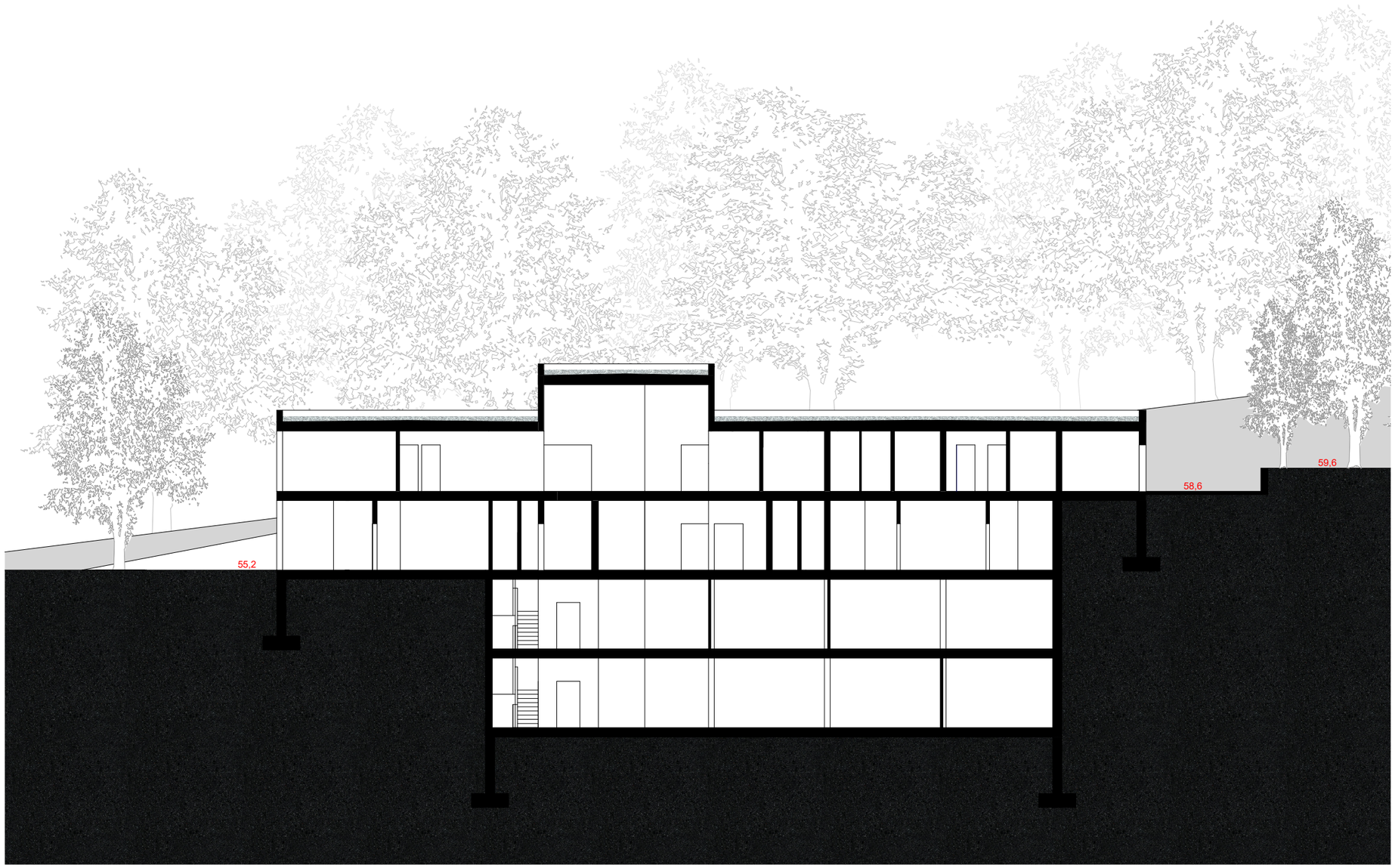
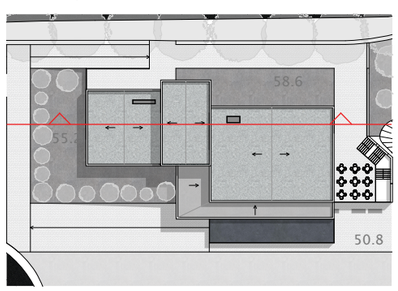


Figura 76 - Corte longitudinal ao balneário. Escala 1/200.



limita às aplicações de contraste, também serve para os banhos individuais, caso estes sejam quentes ou frios, bem como para os duches. A sala de duche fecha o programa termal do balneário, está situada do lado oposto do corredor e desenvolve-se num sentido mais longitudinal de modo a fazer-se cumprir a distância mínima obrigatória entre o púlpito, onde se mantém o paciente, e o aparelho de jato.

O corredor de circulação acaba por ser alargado no extremo direito do balneário, conforme acontece em todos os lugares do edifício onde o número de acessos a diferentes divisões é considerável. Com este alargamento forma-se uma sala de espera que serve todas as salas agora referidas. Neste espaço sentiu-se necessidade de criar um conjunto de casas de banho de serviço de modo a que o aquista não seja obrigado a ir aos vestiários sempre que precisasse de a usar, dispersando o seu movimento em dois lados opostos do balneário. Para além destes serviços, caso algum contratempo aconteça durante a experiencia termal, também se criou uma enfermaria nesta zona, local mais próximo de onde possa acontecer algum infortúnio, nomeadamente nas banheiras, duche ou piscina.

Esta zona fica completa com a sala de convívio, ao lado das casas de banho. Esta sala destina-se apenas aos trabalhadores e está dividida em quatro zonas distintas. A primeira é o momento de entrada que dá acesso à segunda, local equipado com tudo o que envolve o espaço de uma cozinha caso o trabalhador pretenda comer a sua própria refeição e não queira deslocar-se a outro lugar, visto que existe pouca variedade de oferta na envolvente mais próxima. A terceira zona é definida por uma bancada destinada às refeições e por último a zona de estar definida por um sofá, onde os trabalhadores podem passar alguns momentos de pausa entre os turnos. Para a localização e organização desta sala procurou-se um lugar com contacto com o exterior, com bastante luz, confortável e, ao mesmo tempo, um sítio que tivesse uma área razoável de modo a que com a introdução de todo o programa pretendido esta ainda mantivesse alguma espacialidade. Dito isto, este lugar mostrou-se bastante vantajoso já que para além de reunir todos esses aspetos, a proximidade com o WC também se mostrou vantajosa.

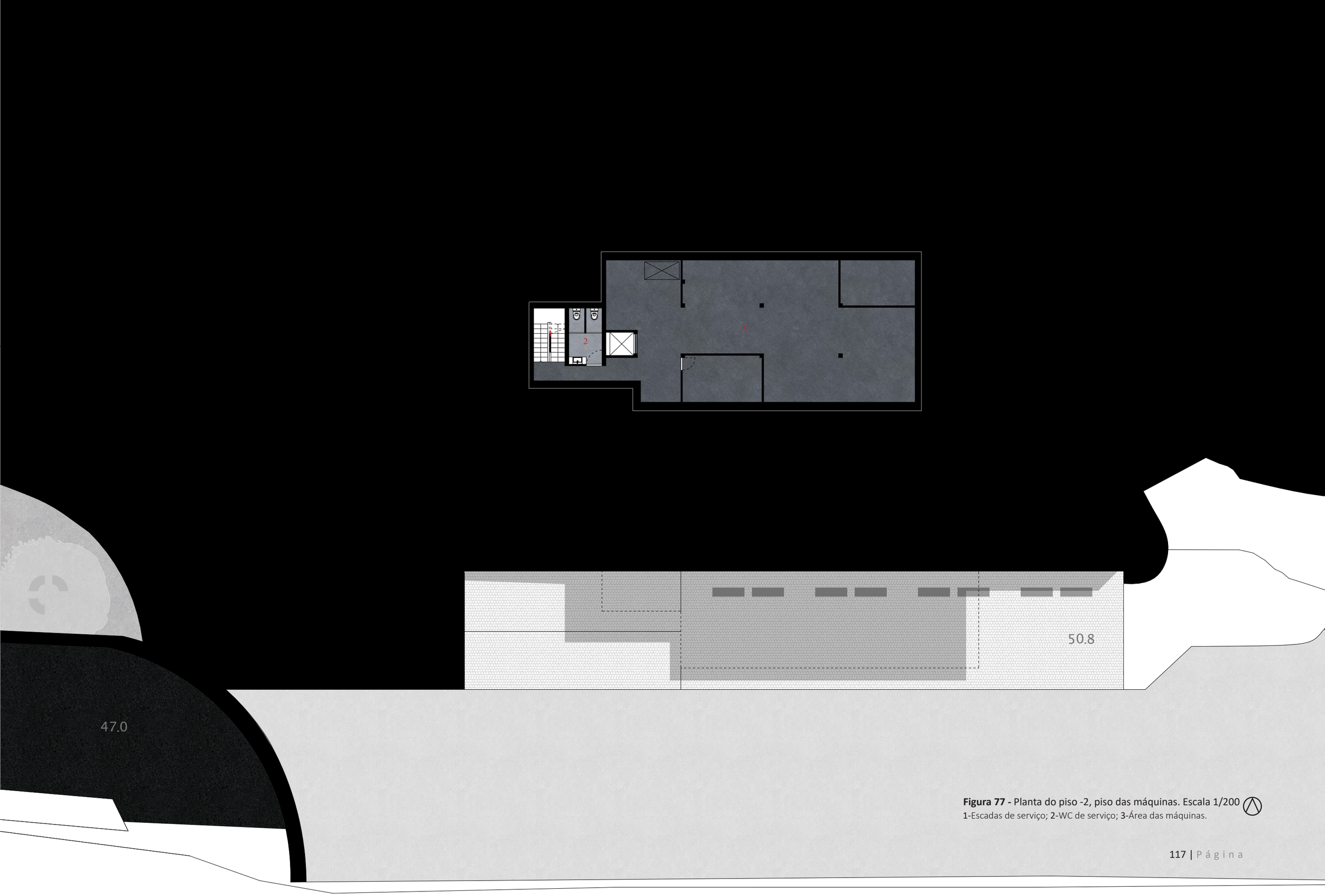


Figura 77 - Planta do piso -2, piso das máquinas. Escala 1/200
1-Escadas de serviço; **2**-WC de serviço; **3**-Área das máquinas.

O acesso aos pisos inferiores faz-se através de umas escadas de serviço adjacentes ao WC que fazem a ligação deste até ao piso -3. Estas podem ser utilizadas apenas pelo pessoal autorizado das termas visto que os dois pisos inferiores não contêm nenhum programa relacionado às técnicas termais propriamente ditas. Os pisos -2 e -3 são ocupados pelas máquinas que permitem o funcionamento de todos os aparelhos necessários e pelos tanques de recolha e armazenamento das águas termais respetivamente. Estes pisos, em termos de organização e divisão do espaço, não sofreram alterações, ambos são caracterizados por um espaço amplo único que abrange todo o equipamento, apenas possuem uma pequena divisão para uma casa de banho de serviço, já existente, em cada um para evitar aos trabalhadores a subida de um ou dois pisos caso fosse necessário ir ao WC.

Fica, desta forma, definido todo o edifício, dividido em 4 pisos mas com programa frequentável apenas nos dois primeiros. Uma das principais premissas para a seleção e organização de todo o balneário passou por tornar a circulação e distribuição pelas várias salas o mais descomplicada possível, pois sentia-se que a transição entre os espaços, na maior parte do edifício, não era agradável pela irregularidade dos mesmos. Para mudar este aspeto foi fundamental criar um único espaço comum contínuo e simples na sua forma que interligasse todas as salas em ambos os pisos. Assim sendo, estes fundamentos apoiados no princípio de organização do programa definido pelos circuitos “limpo” e “sujo”, acredita-se que contribuíram para, mais que uma renovação, um aumento na variedade de oferta e uma melhora em todo o ambiente e programa do balneário.

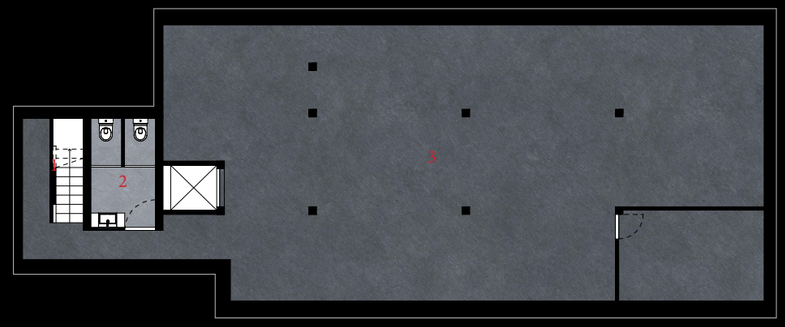


Figura 78 - Planta do piso -3, piso das dos tanques de recolha das águas. Escala 1/200
1-Escadas de serviço; **2**-WC de serviço; **3**-Área de equipamentos associados à recolha das águas.

MATERIAIS E REFERÊNCIAS

A reformulação programática do balneário das Piscinas do Rio incidiu-se, não só em oferecer uma maior diversidade de técnicas terapêuticas, mas também em tornar o edifício mais fluido e objetivo. Como já foi dito anteriormente, o método usado na organização de todo o programa foi preponderante para atingir este objetivo, mas a escolha de materiais e acabamentos também são fundamentais para que o edifício atinja estas características pretendidas.

Dito isto, e tendo em conta as particularidades de um edifício termal, nomeadamente em questões relacionadas à humidade e temperatura, era necessário que o piso de todo o balneário tivesse como particularidades o conforto, impermeabilidade, versatilidade, durabilidade e fácil manutenção. Foi então que, depois de várias hipóteses estudadas, surge a solução de utilizar uma resina elástica de poliuretano, pois as suas características respondem de uma forma muito positiva às condicionantes propostas.

A escolha passou por um acabamento da Sika[87], o Sikafloor -400 N Elastic, revestimento à base de resinas capaz de oferecer tudo o que se pretendia para o piso do edifício. Para além de impermeável, questão fundamental na escolha, este também tem elevada elasticidade, o que proporciona um contacto mais confortável em espaços onde o aquista possa estar descalço, nomeadamente em espaços de duche e de banho. Para estes espaços, a possibilidade de adquirir um carácter antiderrapante também pode ser bastante vantajoso, evitando qualquer cenário de queda. Para além disso, este revestimento resiste a situações de clima adversas e de uso intenso, possibilitando a sua utilização no exterior, nomeadamente nos terraços e varandas do balneário, assim a continuidade e homogeneidade dos espaços é alcançada como se pretende. A partir daqui, a possibilidade de aplicação em praticamente todas as cores levou à seleção de dois tons de cinzento diferentes em todo o balneário, o cinzento-escuro, ideal para todos os espaços comuns, onde a concentração de pessoas é maior, e o cinzento-claro para

[87] Empresa de especialidades químicas no ramo da construção

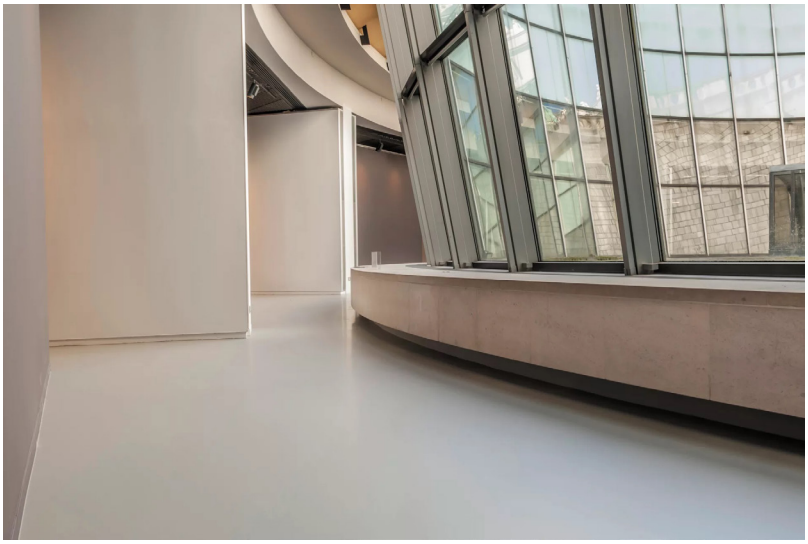






Figura 79, 80, 81 - Alguns exemplos de edifícios com os pisos acabados com o sistema de resinas da Sika.

todos os espaços individuais com vista a proporcionar uma ambiente mais harmonioso para o aquista.

A escolha do cinzento veio de encontro à vontade do balneário adquirir um tom neutro monocromático, deste modo as aberturas para o exterior criam uma relação de contraste interessante entre os tons de cinza do edifício e os azuis, castanhos e verdes característicos das paisagens do Douro.

Para as paredes procurou-se um acabamento o mais cru e prático possível, além disso, era igualmente benéfico que o material fosse versátil, de fácil manutenção e com bastante durabilidade, tal como acontece com o chão, de maneira a resistir aos processos terapêuticos e higiénicos envolvidos num estabelecimento termal. Neste sentido optou-se pela aplicação de uma argamassa específica, conhecida como cimento queimado, condizente com os restantes materiais que se encontram dentro e fora do balneário. A escolha que se revelou bastante favorável não só porque este material responde de forma muito positiva às condicionantes apresentadas, mas também porque a cor cinzenta vai de encontro ao ambiente neutro que se desejava para o balneário. Deste modo a continuidade e a comunhão do interior e exterior é assegurada já que os materiais permitem um prolongamento das zonas interiores para fora do balneário de uma forma mais suave e agradável, nomeadamente nas zonas de varanda e terraço.

Para além das referências utilizadas em relação à organização e seleção do programa de alguns estabelecimentos termais nacionais e internacionais, nomeadamente as Termas de Vidago, as Termas das Caldas de Aregos e as incontornáveis Termas de Vals de Zumthor, outros edifícios, fora do contexto termal, foram fontes de inspiração no que diz respeito à escolha de materiais e acabamentos interiores e exteriores.

Estas opções de materiais e acabamento para o interior do balneário surgem depois do contacto com projetos como a “Quinta de Guimarães”, em Guimarães e a “Casa do Monte”, em Lisboa. Em ambos os edifícios o acabamento livre de ornamentos, cru e simplificado que o betão transparece despertou bastante interesse principalmente devido à serenidade e tranquilidade que os espaços transmitem, tudo o que se pretende para um balneário termal. Para além disso, nestes edifícios percebe-se a questão do interior







Figura 82, 83 e 84 - Quinta de Guimarães, referência a nível de acabamentos interiores.

monocromático em contraste com um envolvente verde onde predomine o natural, diferentes atmosferas que se complementam mutuamente, algo mais presente na "Quinta de Guimarães", onde a envolvente rústica e vitícola é semelhante nesses elementos com o contexto do Moledo. Relação que, como já foi referido, se pretende de modo a valorizar o potencial paisagístico das margens do Douro onde se inserem as Piscinas do Rio. Neste caso, as aberturas para o exterior desempenham um papel de autênticas obras de arte, quando enquadradas estrategicamente, como se sente na "Casa do Monte" por exemplo.

A parte de fora do balneário, anteriormente, era composto maioritariamente por reboco branco e alguns elementos em betão. O que se pretendeu nas fachadas foi uniformizar todo o exterior do edifício e conjugar com a sua linguagem interior, deste modo a escolha recaiu por painéis de betão em todas as fachadas do edifício. Aqui, em primeiro lugar optou-se por fechar o alçado virado para a rua de passagem de modo a que os espaços que aqui se encontram adquiram privacidade. Deste modo a fonte de luz natural destas salas faz-se através de claraboias na cobertura. Os restantes alçados mostram uma permeabilidade com o meio exterior expressa por janelas de dimensões generosas.

A partir deste ponto, a vontade de dar algum tipo de ordem aos alçados era um objetivo primário, introduzindo algum tipo de regra ou lógica formal. Para isso a opção encontrada passou por definir uma grelha onde surgem todas as janelas e portas para os espaços exteriores, aberturas que foram estrategicamente pensadas de modo a fazerem sentido para os seus respetivos espaços interiores e também de modo a que espaços com as mesmas características programáticas também tivessem as mesmas ofertas de luz. Um aspeto igualmente importante na definição de todas estas aberturas passou por criar ritmos diferentes, compatíveis com a grelha inicial, de modo a fugir à monotonia que esta escolha pudesse trazer. Ritmos que se caracterizam por grandes planos abertos, outros fechados e ainda alguns com aberturas pontuais.

Contrariamente ao que os quatro pisos do balneário possam dar a entender num edifício destas dimensões, o balneário tem um carácter longitudinal muito marcado já

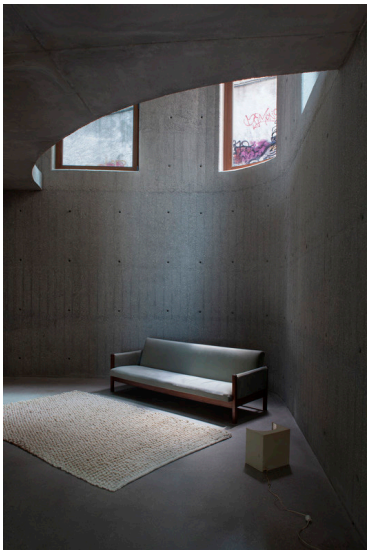




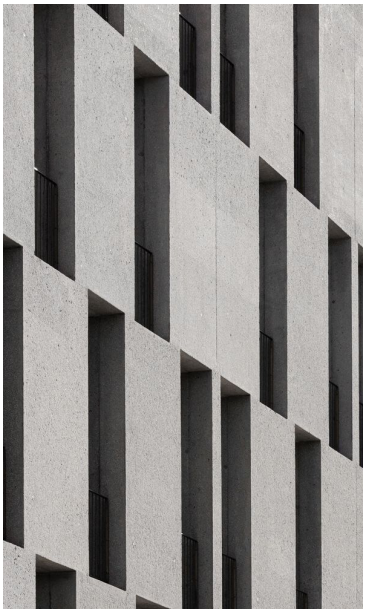


Figura 85, 86 e 87 - Casa do Monte, imagens explicativas do contraste de ambientes e cores. Acabamentos em betão.

que dois desses quatro pisos acontecem em cave. Já tinham sido referidas algumas medidas, como a verticalidade do volume de entrada, para contrariar esta tendência e era necessário que as fachadas também o fizessem, foi assim que as aberturas adotaram uma orientação vertical e a grelha se materializou no mesmo sentido, através dos paneis de betão verticais.

O exterior do edifício foi desenhado sob influência de vários projetos que abordavam alguns materiais e ideias de fachada que se pretendiam para as Piscinas do Rio, nomeadamente o "São Bento Residences" e o "Museu do Côa". O caso do "São Bento Residences", uma construção recente no Porto, aborda o tema da métrica no alçado, onde surgem aberturas verticais que respeitam essa métrica mas fogem à monotonia pela sua aparente aleatoriedade, aspeto igualmente procurado nas Piscinas do Rio. Para além disso o betão que, embora utilizado de forma diferente pois aqui é aparente e no balneário do Moledo é utilizado através de painéis, também se mostra muito dominante nas fachadas do edifício. Já o "Museu do Côa", situado nas margens do Douro, em Vila Nova de Foz Côa, com fachadas também em betão em condições semelhantes ao anterior no que diz respeito à sua utilização, revela um carácter igualmente longitudinal bastante marcado e utiliza vários elementos, planos e aberturas para contrariar essa horizontalidade. Assim sendo alguns dos atributos ligados a estes projetos foram estudados e adaptados de forma a responder às necessidades do lugar e do edifício no Moledo, já que eram aspetos desejados, à partida, para o balneário.

No que diz respeito ao terreno onde se insere o balneário, este encontra-se descaracterizado e sem tratamento e é limitado por muros de pequena dimensão, presentes para definir o espaço do balneário e da rua, em todo o seu redor com exceção do limite sul que é feito pelo rio. Apesar desta vizinhança física com o rio, a distância do piso praticável do terreno dista mais de 5 metros em altura em relação ao nível do mesmo, o que cria uma barreira impraticável entre estes dois elementos. Dito isto, o principal objetivo da intervenção no exterior do balneário foi aproveitar esta proximidade com o rio e trazer um contacto mais proeminente com este aspeto tão vantajoso do lugar.



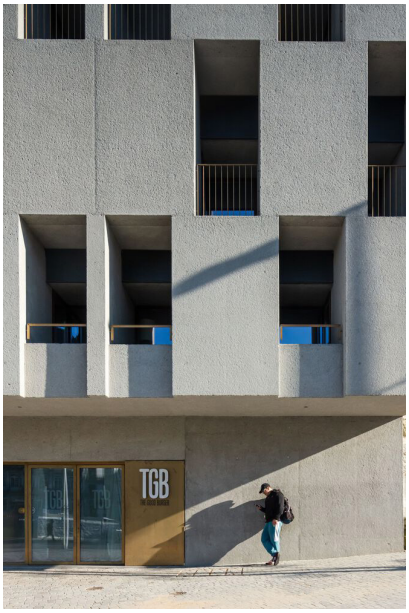




Figura 88, 89 e 90 - São Bento Residences, edíficio com acabamento exterior em betão e que aborda o tema de grelha na fachada.

A primeira ideia era definir e organizar as várias zonas de acordo com algumas características diferentes, as zonas de repouso e de passagem e as zonas permeáveis e impermeáveis. O ponto de partida foi o momento de entrada no edifício, aqui criou-se um espaço exterior de miradouro sobre todo o parque termal e aproveitou-se a entrada já existente e os percursos até às laterais do balneário, culminando de um lado na esplanada do café e no outro numa rampa de acesso á cota inferior do terreno. Rampa esta que para além de ligar as duas cotas do terreno, também poderá ser utilizada para cargas e descargas tanto do balneário como do café, dado o seu contacto físico com a estrada. Esta cota do terreno, correspondente ao nível do piso -1, caracteriza-se pela predominância do piso permeável, verde, com extensões de relvado distribuídos em duas zonas com diferentes propósitos. A primeira a ser definida foi a que está em contacto direto com o edifício e foi idealizada para ser um espaço acessível, sobretudo, através do interior do balneário, destinado tanto aos aquistas que estejam a frequentar as salas com acesso a esta zona, como aos funcionários das termas, a partir da sua sala de convívio. O espaço caracteriza-se pelo relvado plano em toda a sua área e é delimitado por uma massa de árvores alinhadas de modo a que este e as próprias salas do estabelecimento termal adquiram mais privacidade.

A segunda zona é demarcada pelos muros que delimitam o a zona de intervenção e por um percurso de passagem que dá continuidade desde a cota superior até ao nível criado mais próximo do rio, que irá ser referido posteriormente. Com um carácter mais natural, com referência ao que o solo representa na atualidade, esta é a maior área de todo o exterior do balneário. É uma zona totalmente relvada com alguma vegetação de pequenas dimensões e árvores mais expressivas em zonas estratégicas, onde os declives do terreno formam pequenas encostas. Estas dão origem a trilhos onde as pessoas podem deambular e possibilitam a integração de bancos encastrados de modo a que o aspeto natural seja predominante. Bancos que, juntamente com a sombra proporcionada pelas árvores aqui planeadas, convidam ao repouso dos usuários do parque.

Para conseguir uma relação mais acessível ao rio foi criado um terceiro patamar no terreno, este a uma cota de 4,40m abaixo do superior e por isso bastante mais

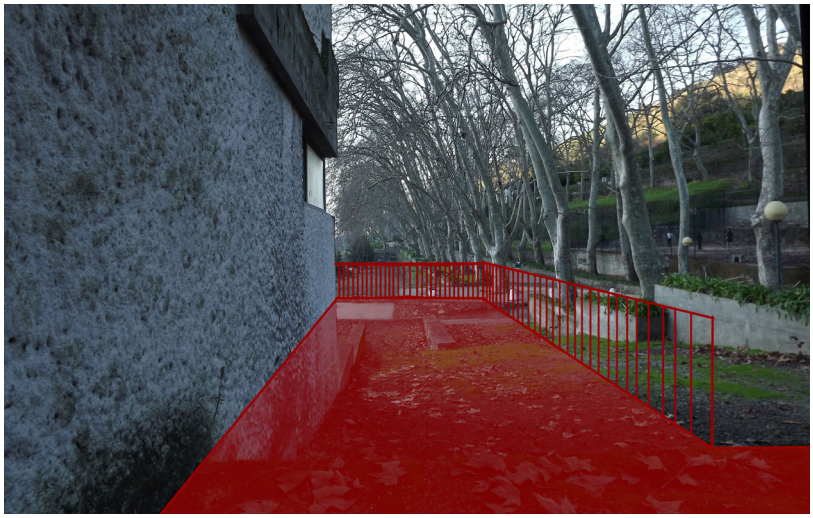
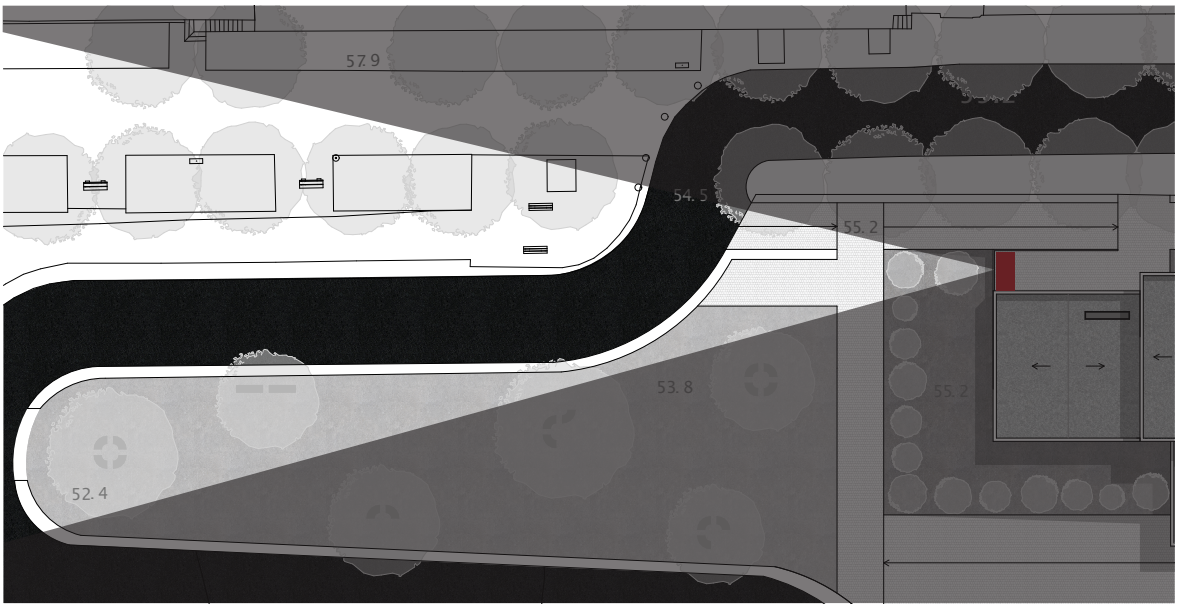
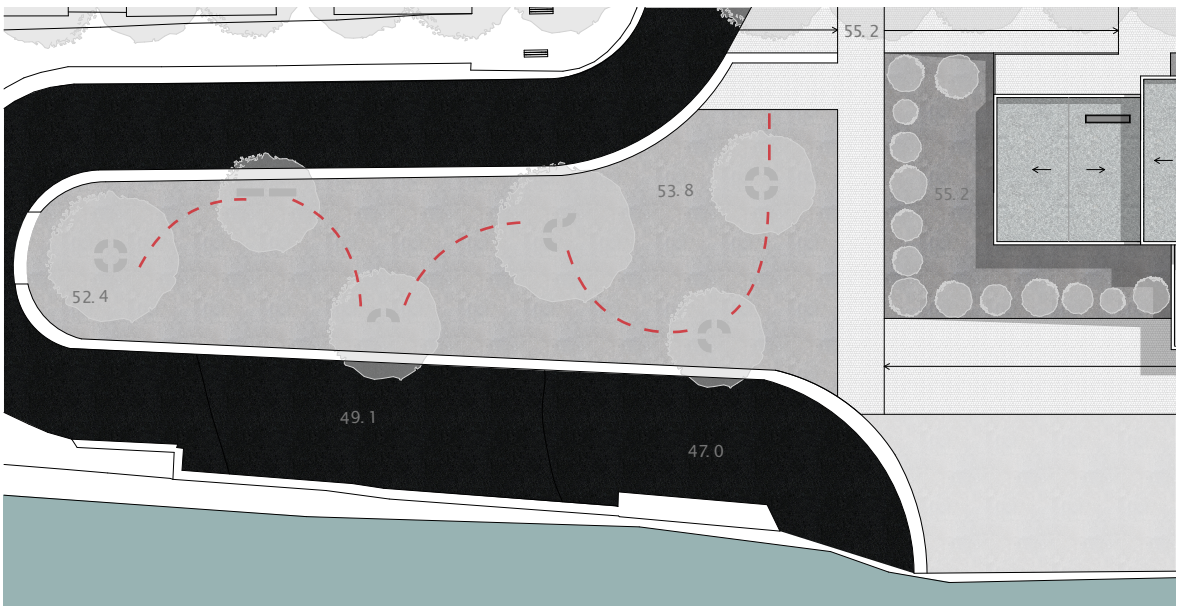


Figura 91 e 92 - Miradouro na entrada do balneário com vista de todo o parque termal.
Figura 93 - Percurso exterior definido por momentos de repouso e pelo declive natural do terreno.





próximo do rio, no lugar de um caminho antigo de acesso às anteriores e tão prestigiadas piscinas. Apesar de a maior parte dos espaços de repouso e convívio serem relvados, este último não segue essa tendência. Aqui a relva dá lugar à pedra, presente em todos os espaços de circulação pela sua maior durabilidade, visto que este tem uma leitura de continuidade com o caminho, também em pedra, que leva o individuo até ao nível de entrada no balneário. Pelo seu carácter mais longitudinal ele adquire, para além do repouso, a função de percurso, aspeto planeado pela vontade do seu seguimento ao longo do rio e um futuro caminho ribeirinho. Esta ação surge com a intenção de fazer uma ligação mais direta das Piscinas do Rio com a Estação das Caldas do Moledo.

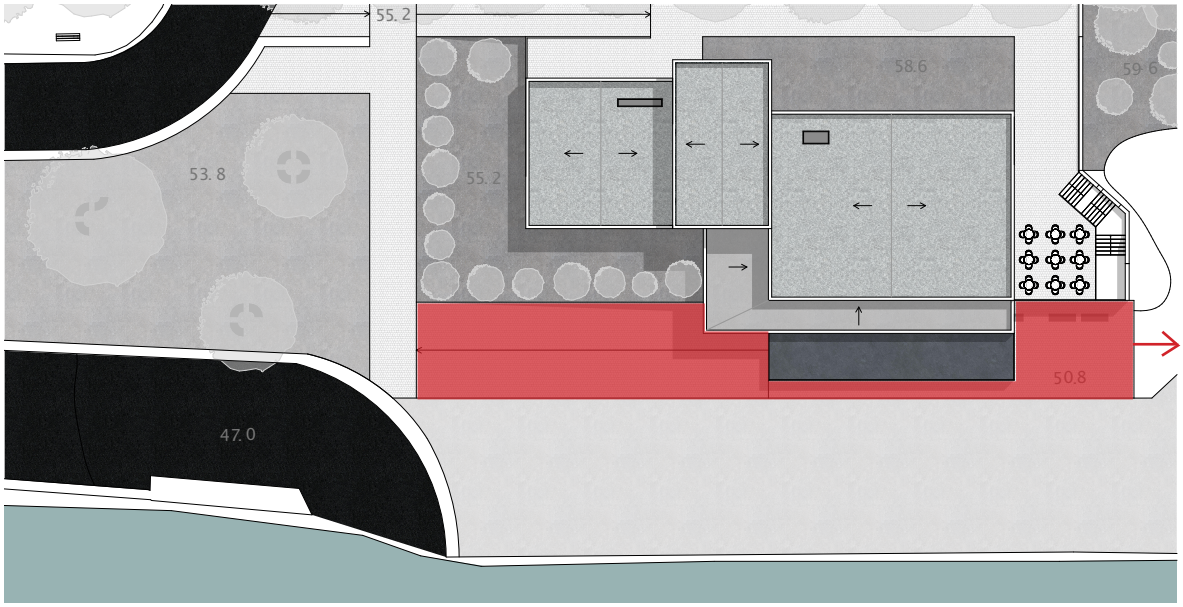
Fica assim proposto aquilo que seria o início deste caminho ribeirinho o qual se espera que percorra a margem do rio e suba a encosta até ao lugar onde se encontra a estação. Com isto oferece-se uma alternativa de chegada às termas que, embora tenham bastantes lugares de estacionamento para servir os aquistas aqui se deslocam de carro, também permite um percurso mais agradável para quem chega a pé ou de comboio. A reativação desta estação e, quem sabe, a retoma do comboio designado a fazer o percurso Moledo-Régua, oferece a possibilidade aos aquistas que preferem este tipo de meio de transporte também se desloquem às termas. Assim sendo, mais pessoas iriam frequentar não só as termas como o próprio lugar das Caldas do Moledo que iria beneficiar bastante, nomeadamente em termos económicos.

O desejo de renascença termal começa assim a ganhar forma, com a ativação do balneário das Piscinas do Rio a procura cresce inevitavelmente, já que existe uma escassez de oferta de serviços com estas características na região. Com uma frequência constante de aquistas crescem os investimentos no povoado, refletindo-se numa possível reabilitação de edifícios emblemáticos como os hotéis e o casino. Com o objetivo de incentivar este crescimento, a melhoria de acessos é fundamental, daí a possibilidade de reabertura da Estação das Caldas, oferecendo várias opções de chegada a este lugar. Assim, uma ação incentivando a outra, cria-se um ciclo de crescente desenvolvimento do Moledo e espera-se que este, finalmente, renasça para o bem do povo, dos reguenses e dos aquistas que apreciam uma boa experiência termal.

Figura 94 e 95 - Museu do Côa, edifício longitudinal, com aberturas e elementos verticais, grelha e acabamento em betão.
Figura 96 - Início do caminho ribeirinho de ligação a outros acessos ao balneário.







"Percebemos através das pessoas a verdadeira importância da revitalização da Estância Termal das Caldas do Moledo. Da história retiramos atempadamente a lição de que devemos assumir este legado e projetá-lo para o futuro, com a convicção plena de que esta é a aposta certa, se de facto pretendemos um turismo que diferencia o Peso da Régua e o Douro, não pela quantidade de oferta mas, sobretudo, pela qualidade de tudo o que temos para oferecer.

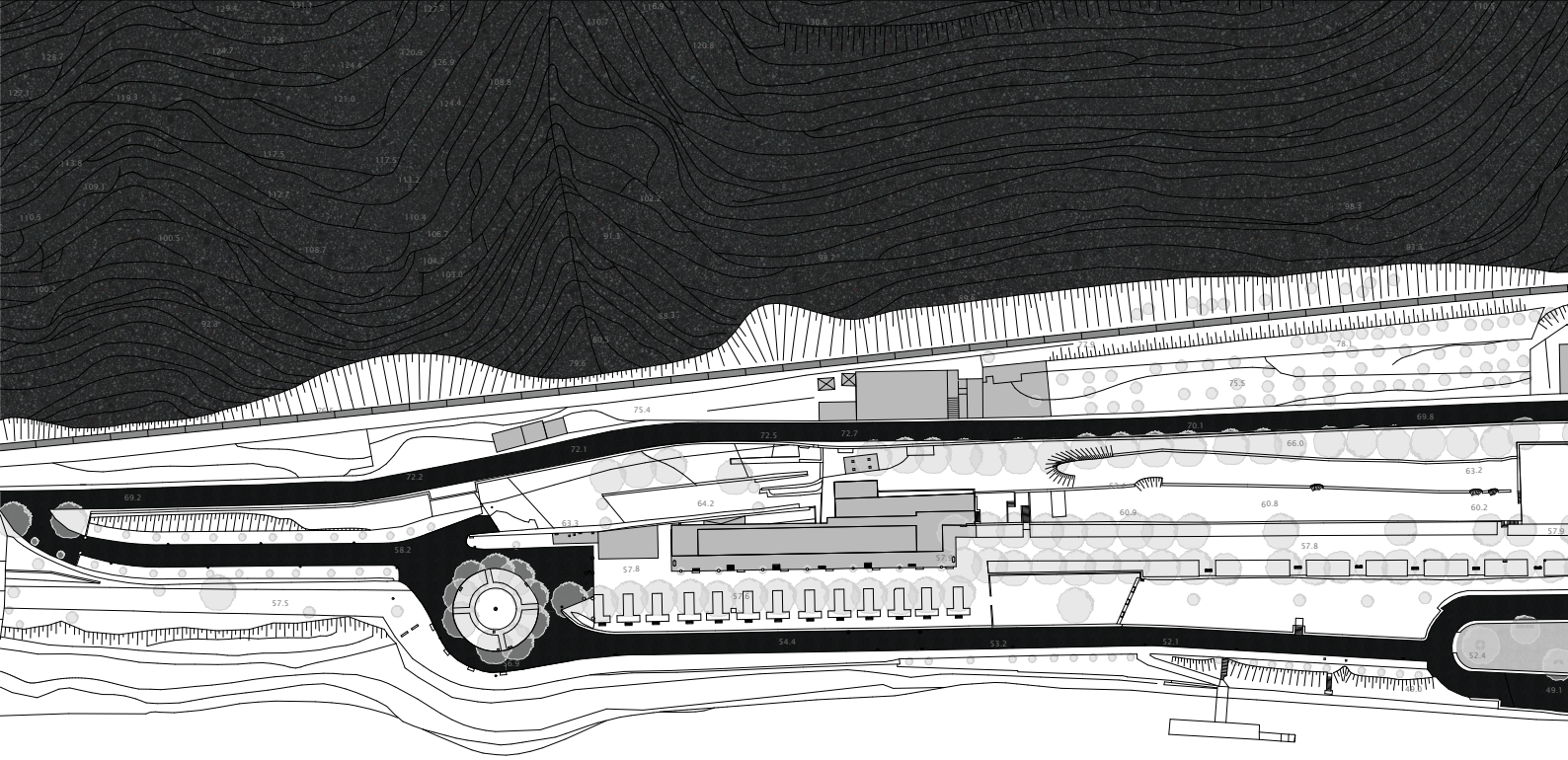
Estamos unidos em torno do objetivo de reabrir, com excelência, a Estância Termal das Caldas do Moledo, para que possa ser prestado um serviço amplo, melhorado, com benefícios diretos na saúde de todos os aquistas. Num sentido ainda mais lato, estaremos a zelar por aquilo que somos, a defender as marcas da nossa identidade e o trabalho de quem nos precedeu."[88]

[88] Carta do antigo Presidente do Município do Peso da Régua, Engenheiro Nuno Gonçalves. (Correia, J. A. (Dezembro 2016) *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia.* Carviçais: Edição Lema d'Origem. P.15)

Figura 97 e 98 - Caldas do Moledo, imagem do portão à entrada na quinta e do portão ao sair da quinta das Caldas. Respetivamente.







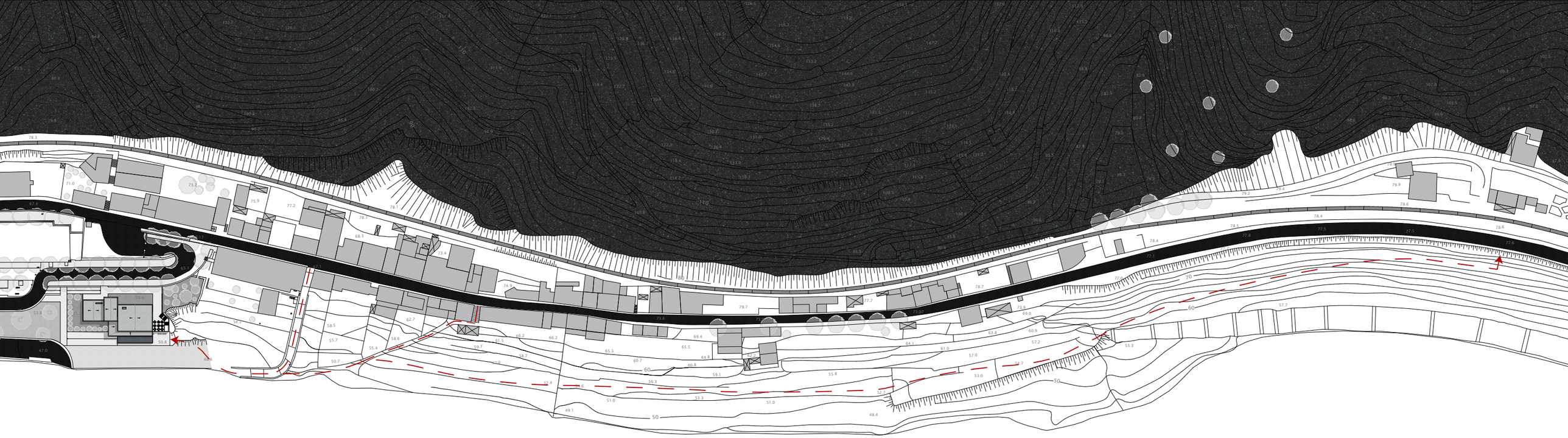


Figura 99 - Planta geral das Caldas do Moledo. Continuação do percurso ribeirinho e as várias formas de chegada ao balneário. Intenção de ligar as termas com a estação, ilustrada com o percurso a vermelho. Escala 1/2000

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de momento que as capacidades terapêuticas da água foram descobertas o seu uso vai mais além do consumo e uso essencial no dia-a-dia do ser humano. A água passa a ser associada a atividades de lazer e técnicas de cura do corpo e da mente. Estas atividades conquistaram espaço nas cidades e originaram diversos equipamentos ligados à prática termal. Estes edifícios foram-se moldando à sociedade com o passar dos anos, inclinam-se para uma vertente mais terapêutica nuns casos ou mais ligada ao lazer noutros. Estes aspetos refletem-se igualmente na cultura termal nacional onde uns estabelecimentos termais desenvolvem-se a partir de ideias de lazer, ligados ao repouso e ao convívio, enquanto outros voltam-se inteiramente para o lado medicinal, onde oferecem técnicas termais relacionadas com a cura e prevenção de doenças.

Esta contextualização histórica e da realidade termal da Europa e Portugal surge de forma obrigatória quando o tema desta dissertação passa pela intervenção num balneário termal no Douro. Da mesma forma o estudo do lugar em que este balneário está inserido também era uma questão primordial. Quando este edifício foi escolhido a principal razão era a relação de proximidade que tinha com este, por o conhecer de perto e por frequentar o parque do Moledo. Depois de estudar o desenvolvimento e evolução do lugar apercebi-me de que ultrapassava essa questão.

As fontes termais do Moledo têm mais história do que o próprio povoado, na realidade, como já foi referido anteriormente, o povo do Moledo surge e desenvolve-se graças à qualidade das suas águas. Tendo em conta a situação atual de total abandono das Caldas do Moledo, a vontade da Câmara Municipal do Peso da Régua na recuperação do balneário das Piscinas do Rio, a ligação que tenho a este lugar e o que estas termas representam para ele, a minha opção acabou, naturalmente, por intervir aqui.

As termas das Caldas do Moledo, apesar de nos seus tempos áureos serem frequentadas por aquistas de várias partes do território nacional, sempre foram associadas a um estabelecimento medicinal pelas suas dimensões reduzidas comparativamente a outras grandes estâncias e hotéis termais nacionais. Hoje, o carácter

turístico que toda a região do Douro possui e o que o concelho do Peso da Régua tem para oferecer, faz com que seja bastante viável a associação destas termas a uma estância termal de veraneio como outras espalhadas pelo país.

"A Régua, que pena, deixou morrer o Moledo. Sabe que o procuram, atraídos pela sua fama, doentes sobre doentes. Mas, não trata de os agasalhar. Deixa-os ir embora, em cada ano, desapontados com a falta de hospitalidade. Não tem, no Moledo, pensão que ofereça a doentes modestos. Não reconstruiu, por enquanto, o Hotel das Termas, que foi tão lindo e onde recebeu, em tempos idos, o Dr. Duarte Leite e outros hóspedes de categoria.

Se a Régua puser os olhos em Chaves, fará de si uma cidade termal. Com o Moledo à porta, será uma cidade termal. Poderá orgulhar-se de semelhante brasão, acrescentando ao de capital da terra que produz o famoso Vinho do Porto. Régua minha Régua, sacode de ti o espírito provinciano…"[89]

No final das contas, foi esta a intenção do projeto das Piscinas do Rio. Muito mais que reativar um balneário termal, esta ação pode contribuir para o enriquecimento de um município inteiro. É percetível a importância e o impacto que um único edifício pode ter sobre a vasta região onde é inserido. Neste caso, a esperança desta intervenção era atrair outras como esta, alertar os investidores, as entidades públicas e privadas para o potencial que está à vista de todos no Moledo. O planeamento deste novo balneário teve em vista isso mesmo já que a exclusão de qualquer tipo de quartos de hóspedes e de aquistas irá obrigar à intervenção, não só nos restantes edifícios termais, como também à reabilitação das unidades hoteleiras que outrora dividiam com o casino e as termas a fama do Moledo.

Depois de tantos altos e baixos das Caldas do Moledo, espera-se que desta vez ele consiga ressurgir finalmente e que as entidades responsáveis respeitem a memória deste lugar cuidando e protegendo toda a sua história. Só assim a Régua poderá, quem sabe, tornar-se numa cidade termal de renome nacional.

[89] Correia, J. A. (Dezembro 2016) *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia.* Carviçais: Edição Lema d'Origem. P.65



REFERÊNCIAS

Livros/Revistas/Dissertações

Acciaiuoli, L. (1952). Le Portugal Hydromineral. Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Volume 1 Lisboa.

Acciaiuoli, L. (1952). Le Portugal Hydromineral. Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Volume 2 Lisboa.

Afonso, A. M. (1971). Fontelas, Perfil Monográfico. Chaves: Edição do Autor.

Amaral, F. (2004). Arquitectura Popular em Portugal. Lisboa: Ordem dos Arquitectos – Concelho Directivo Nacional. Volume I, 4ª Edição.

Associação das termas de Portugal. (Abril de 2009). Manual de Boas Práticas dos Estabelecimentos Termais

Cantista, A.P.P. (2010). Anales de Hidrologia Medica, O termalismo em Portugal. Termas de São Jorge, Lugar da Sé, 4509-903 Caldas de São Jorge.

Correia, J. A. (Dezembro 2016). O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia. Carviçais: Edição Lema d'Origem.

D'Almeida, A. Almeida, J. (1970). Inventário Hidrológico de Portugal, vol. II, Trás-os-Montes e Alto-Douro, Lisboa: Instituto de Hidrologia de Lisboa.

Dias, A. F. M. (2018). Instrumento, processo, estratégia: Caldas do Moledo como laboratório metodológico da metamorfose do Lugar e do Tempo nas paisagens arquitectónicas do Douro. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, Faculdade de Arquitetura.

Espinha, M. J. Carvalho, J. M. Borges, F. S. (2003). O sistema hidromineral de Caldas do Moledo, Peso da Régua (Norte de Portugal). Cadernos Lab. Xeolóxico de Laxe Coruña. Vol.28.

Ferreira, C. (Outubro 1995). Estilos de Vida, Práticas e Representações Sociais dos Termalistas O caso das Termas da Curia. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais.

Lacerda, Rui. (2011) Arquitectura Termal em Portugal em busca do balneário ideal. Dissertaçao de candidatura ao grau de Doutor. Universidad de A Coruña. Escola Técnica Superior de Arquitectura Departamento de Construcciones Arquitectónicas.

Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). O Desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direção Geral de Energia e Geologia.

Machado, R. (1973). As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade. Peso da Régua: Imprensa do Douro.

Morales, S. (Abril de 2006). Intervenviones. Ignasi

Navarro, J. I. (1992). Arquitectura termal, poetica y practica. Jornadas de aguas minerales y minero medicinales en España.

Ramos, A. R. (2005). O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial.

Viana, M. T. (1897). Uma Instalação de Piscinas nas Caldas de Moledo.

Websites/Blogues/Publicações

Biblioteca Municipal do Peso da Régua. (Novembro de 2020). O Concelho:http://biblio.cmpesoregua.pt/PortalWeb/portal/alias__PortalWeb/lang__pt-PT/tabID__3350/DesktopDefault.aspx

Bússulo do Tempo, 21 de Fevereiro de 2019. (Novembro de 2020). As Velhas Termas das Caldas do Moledo:https://bussoladetempo.blogspot.com/2019/02/as-velhas-termas-das-caldas-do-moledo.html

Direção-Geral do Território. (Janeiro de 2021): https://www.dgterritorio.gov.pt/

Escritos do Douro, 25 de Fevereiro de 2010. (Dezembro de 2020). A catástrofe das Caldas do Moledo: https://escritosdodouro.blogspot.com/2010/02/catastrofe-das-caldas-do-moledo.html

Instituto de Vinhos do Douro e do Porto. (Outubro de 2020), Região Demarcada do Douro: http://www.ivdp.pt/consumidor/regiao-limite-da-regiao-demarcada-do-douro

Mapas topográficos. (Janeiro de 2021): https://pt-pt.topographic-map.com/?page=1

Pátria Pequena, 1 de Julho de 2016. (Novembro de 2020). Caldas de Moledo, a memória de um espaço de lazer e turismo termal: http://patriapequena.blogspot.com/2016/07/caldas-de-moledo-memoria-de-um-espaco_1.html

Portal do Clima. Alterações Climáticas em Portugal. (Janeiro de 2021): http://portaldoclima.pt/pt/

Portugal Patrimónios da Humanidade, 13 de Dezembro de 2013. (Outubro de 2020). Região Demarcada: https://portugalpatrimonios.com/tag/baixo-corgo/

Raiz de Xisto, 18 de Junho de 2012. (Dezembro de 2020). D. Antónia Ferreira, Uma das Vozes Mais Fascinantes de Sempre, Neste Douro Vinhateiro. Ferreirinha – A Voz de uma Lenda: http://raizdexisto.blogspot.com/2012/06/ferreirinha-avoz-de-uma-lenda.html

REFERÊNCIAS DE FIGURAS

1- Imperador Agripa. [seguindoospassosdahistoria.blogspot.com]

2- "In the Roman Baths". [pintura de Fyodor Bronnikov]

3- Thermae romana. [seguindoospassosdahistoria.blogspot.com]

4- Hospital termal das Caldas da Rainha. [Acciaiuoli, "Le Portugal Hydromineral"]

5- Fotografia do edifício do hospital das Caldas da Rainha. [Acciaiuoli, Le Portugal Hydromineral]

6- Imagem do hospital das Caldas da Rainha. [termasdeportugal.pt]

7- Antiga sala de banhos. [termasdeportugal.pt]

8- "Baths of Hadrian". [pintura de Jean-Claud Golvi]

9- "A Favourite Custom". [pintura de Lawrence Alma-Tadema]

10- Esquema do edifício termal de Bath. [romanbaths.co.uk]

11- Fotografia exterior do edifício atualmente. [romanbaths.co.uk]

12- Fotografia interior do edifício atualmente. [romanbaths.co.uk]

13- Casino Bad Kissingen, Alemanha. [googlemaps.com]

14- Fotografia antiga do casino Baden, Baden bei Wien, Austria. [casino-urlaub.at]

15- Fotografia atual do casino Baden. [casino-urlaub.at]

16- Pintura antiga das termas de Marlioz. [domainedemarlioz.com]

17- Pintura das termas de Marlioz, espaço verde. [domainedemarlioz.com]

18- Mapa de localização do conjunto termal de Marlioz e a natureza que o rodeia. [autor sobre Google earth]

19- Edifício de Vals, Zumthor. [zumthor.org]

20- Piscina exterior das termas de Vals. [zumthor.org]

21- Fotografia do interior das termas de Vals. [zumthor.org]

22- Termas de Guitiriz, Espanha. [balneariolatoja.es]

23- Edifício atual das termas de Vichy, França. [thermes-de-vichy.fr]

24- Sala de banhos das termas de Vichy. [thermes-de-vichy.fr]

25- Carta Geoquímica de Portugal. [Acciaiuoli, "Le Portugal Hydromineral"]

26- Termas de Pedras Salgadas. [pedrassalgadaspark.com]

27- Piscinas das termas de Pedras Salgadas. [pedrassalgadaspark.com]

28- Antigas termas do Gerês. [Acciaiuoli, "Le Portugal Hydromineral"]

29- Primeiro edifício das termas de Curia. [Acciaiuoli, "Le Portugal Hydromineral"]

30- Fotografia antiga das termas de Curia. [Acciaiuoli, "Le Portugal Hydromineral"]

31- Estado atual das termas de Curia. [termasdacuria.com]

32- Imagem da construção das termas de Vidago. [Acciaiuoli, "Le Portugal Hydromineral"]

33- Fotografia exterior das termas de Vidago. [archaily.com]

34- Fotografia das piscinas das termas de Vidago. [archaily.com]

35- Fotografia antiga das termas de S. Pedro do Sul. [Acciaiuoli, "Le Portugal Hydromineral"]

36- Antiga sala de banhos das termas de S. Pedro do Sul. [Acciaiuoli, "Le Portugal Hydromineral"]

37- Imagem atual das termas de S. Pedro do Sul. [termas-spsul.com]

38- Um dos balneários das termas de S. Pedro do Sul. [termas-spsul.com]

39- As sub-regiões da Região Demarcada do Douro. [autor sobre Google earth]

40- Concelhos da Região Demarcada do Douro. [autor sobre Google earth]

41- Freguesias do concelho do Peso da Régua. [autor sobre Google earth]

42- Freguesia de Fontelas. [autor sobre Google earth]

43- Antiga população do Moledo. [João de Araújo Correia, "O meu Moledo"]

44- Pintura dos banhos do rio primitivos. [bussoladetempo.blogspot.com]

45- "Barca de Deus". [bussoladetempo.blogspot.com]

46- Estrada Pombalina. [bussoladetempo.blogspot.com]

47- Estrada atual. [do autor]

48- Estação das Caldas do Moledo. [João de Araújo Correia, "O meu Moledo"]

49- Rua principal do Moledo. [João de Araújo Correia, "O meu Moledo"]

50- "Ferreirinha". [bussoladetempo.blogspot.com]

51- Caldas do Moledo. [João de Araújo Correia, "O meu Moledo"]

52- Balneário da Estrada. [bussoladetempo.blogspot.com]

53- Estado atual do Balneário da Estrada. [do autor]

54- Balneário da Lameira. [João de Araújo Correia, "O meu Moledo"]

55- Banhos da Lameira, estado atual. [do autor]

56- Banhos do rio. [bussoladetempo.blogspot.com]

57- Planta antiga do conjunto termal do Moledo. [autor sobre CMPR]

58- Piscinas do rio. [bussoladetempo.blogspot.com]

59- Projeto de ampliação das Piscinas, nunca construído. [Jorge Mangorrinha, Helena Pinto, "O Desenho das Termas"]

60- Projeto de ampliação das Piscinas, nunca construído. [Jorge Mangorrinha, Helena Pinto, "O Desenho das Termas"]

61- Projeto de ampliação das Piscinas, de Inácio Xavier da Mota, nunca construído. [Jorge Mangorrinha, Helena Pinto, "O Desenho das Termas"]

62- Projeto de renovação do parque do Moledo, de Jorge Moreira da Costa. [Jorge Mangorrinha, Helena Pinto, "O Desenho das Termas"]

63- Projeto de renovação do edifício das Piscinas, de Jorge Moreira da Costa. [Jorge Mangorrinha, Helena Pinto, "O Desenho das Termas"]

64- Fotografia das condições ao chegar ao balneário. [do autor]

65- Fotografia do estado do balneário. [do autor]

66- Vista geral do estado atual do balneário. [cm-pesoregua.pt]

67- Planta dos vermelhos e amarelos. [do autor]

68- Planta de coberturas. [do autor]

69- Alçado do balneário virado para a rua. [do autor]

70- Alçado do balneário virado para o rio. [do autor]

71- Alçado lateral do balneário. [do autor]

72- Planta do piso 0, de entrada. [do autor]

73- Corte transversal do edifício. [do autor]

74- Corte transversal do edifício. [do autor]

75- Planta do piso -1. [do autor]

76- Corte transversal do balneário. [do autor]

77- Planta do piso -2. [do autor]

78- Planta do piso -3. [do autor]

79- Imagem demonstrativa do pavimento em resina da Sika. [prt.sika.com]

80- Pavimento em resina da Sika. [prt.sika.com]

81- Pavimento Sika. [prt.sika.com]

82- Exterior da Quinta de Guimarães. [correiaragazzi.com]

83- Entrada no edifício da Quinta de Guimarães. [correiaragazzi.com]

84- Quinta de Guimarães, acabamentos. [correiaragazzi.com]

85- Casa do Monte. [archdaily.com]

86- Acabamentos da Caso do Monte. [archdaily.com]

87- Casa do Monte, contrastes de ambientes. [archdaily.com]

88- Grelha no São Bento Residences. [archdaily.com]

89- Acabamentos no edifício São Bento Residences. [archdaily.com]

90- Fachada do edifício São Bento Residences. [archdaily.com]

91- Miradouro para o parque termal. [do autor]

92- Miradouro para o parque termal. [do autor]

93- Percurso no jardim do terreno. [do autor]

94- Elementos verticais na fachada do Museu do Côa. [arte-coa.pt]

95- A vertente longitudinal do edifício do Museu do Côa. [arte-coa.pt]

96- Início do percurso ribeirinho de ligação às várias opções de acesso ao balneário. [do autor]

97- Momento de entrada no parque das Caldas do Moledo. [do autor]

98- Momento de saída no parque das Caldas do Moledo. [do autor]

99- Planta geral das Caldas do Moledo e a ligação das termas com a estação de caminhos-de-ferro do Moledo bem como de outros pontos de acesso. [do autor]

Nota: As imagens de capa de cada capítulo, bem como as fotografias que se encontram em anexo, foram tiradas pelo autor.

ANEXOS





























